UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

AMANDA MARIA BASNIAK DO VALE

AS MULHERES DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL NAS PÁGINAS DO JORNAL DIÁRIO DA TARDE (PR)

PONTA GROSSA
2022

AMANDA MARIA BASNIAK DO VALE

AS MULHERES DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL NAS PÁGINAS DO JORNAL DIÁRIO DA TARDE (PR)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa, como requisito à obtenção do título de grau de Licenciada em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Prof. Dr. Marco Antonio Stancik.

PONTA GROSSA
2022

AMANDA MARIA BASNIAK DO VALE

AS MULHERES DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL NAS PÁGINAS DO JORNAL DIÁRIO DA TARDE (PR)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do título de Licenciado em História em História na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Ponta Grossa, ____ de _____ de 2022.

Prof. Dr. Marco Antonio Stancik – Orientador
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profa. Dra. Georgiane Garabely Heil Vázquez
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profa. Dra. Maura Regina Petruski
Universidade Estadual de Ponta Grossa

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, professor Dr. Marco Antonio Stancik, que aceitou o desafio de me conduzir nesta jornada, me dando todo apoio necessário para que este trabalho se efetivasse. Obrigado pelas orientações, conselhos e apontamentos desde do início do trabalho.

Às professoras, Dra. Georgiane Garabely Heil Vázquez e Dra. Maura Regina Petruski, por aceitarem compor a banca avaliativa e contribuírem com apontamentos significativos para a construção do meu trabalho.

Aos meus pais, Ângela e Deuslane, que desde muito pequena me ensinaram a importância da educação, me estimulando e dando todo apoio nas minhas decisões e escolhas. Obrigada pelo tempo que vocês dedicaram a mim neste processo, acompanhando minhas angústias e medos, mas sempre me mostrando que daria certo.

Às minhas amigas, "minha dupla de três", Fernanda Mauda e Mirielen Machado Rodrigues, que desde o dia da matrícula compartilharam alegrias, medos e incertezas durante esta dura jornada. Sem vocês meus dias na faculdade seriam cinzas, seria difícil passar por estes momentos. Obrigada por cada sorriso e histórias compartilhadas.

Aos demais professores, desde a Educação Infantil até aqui, que ajudaram a concluir esta jornada. Em especial às professoras Ângela Justus, Edna Jensen e Alessandra Roth, que me inspiraram no início desta jornada da docência e me incentivam até os dias atuais.

Ao meu companheiro, Higor, por me suportar meus momentos de estresse e ajudar a me entender nos momentos de turbulência.

RESUMO

A Primeira Guerra Mundial provocou transformações de natureza social, política, econômica, geopolítica, entre outras, marcando o fim do "Longo Século XIX" e dando início ao "Breve Século XX" (HOBSBAWM, 2002). Juntamente com as transformações operadas, observa-se que a figura feminina se fez presente e atuante em novos espaços, os quais eram por elas ocupados anteriormente, mas não eram percebidos como adequados às mulheres. A guerra para países de outros continentes foi vivenciada através das páginas dos periódicos então disponíveis. Periódicos como fontes documentais nos permitem explorar novos campos e é tendo isto em vista que o trabalho se propõe a pensar sobre as representações das mulheres durante a Primeira Guerra Mundial, conforme veiculadas no jornal paranaense Diário da Tarde, editado em Curitiba. Se na Europa a mulher estava ganhando seu espaço no trabalho e no *front* com as baixas de soldados, em outros lugares, a crítica e a inspiração neste movimento ganharam as páginas dos jornais. A análise do referido periódico objetiva assim discutir as representações relativas às mulheres, através da análise temática, realizou-se a seleção de 43 artigos, nos quais foram identificadas quatro categorias de análise, permitindo melhor discutir os espaços designados a representações das mulheres quando se relacionavam ao trabalho e *front.* Dentre as categorias temáticas analisadas no trabalho, nota-se a ideia de colocar a mulher ligada ao cuidado da casa e dos filhos, por isto buscou-se trabalhar gênero, visando entender a mulher dentro da sociedade.

Palavras-chave: Primeira Guerra Mundial. Trabalho. Gênero. Jornal Diário da Tarde (PR).

ABSTRACT

The First World War provoked transformations of a social, political, economic, geopolitical nature, among others, marking the end of the "Long 19th Century" and the beginning of the "Short 20th Century" (HOBSBAWM, 2002). Along with the transformations carried out, it is observed that the female figure was present and active in new spaces, which were previously occupied by them, but were not perceived as suitable for women. The war for countries on other continents was experienced through the pages of the periodicals then available. Periodicals as documentary sources allow us to explore new fields and it is with this in mind that the work proposes to think about the representations of women during the First World War, as published in the Paraná newspaper Diário da Tarde, edited in Curitiba. If in Europe women were gaining their space at work and on the front with the casualties of soldiers, elsewhere, criticism and inspiration in this movement gained the pages of newspapers. The analysis of this periodical aims to discuss the representations related to women, through thematic analysis, 43 articles were selected, in which four categories of analysis were identified, allowing a better discussion of the spaces designated to representations of women when they were related to work and front. Among the thematic categories analyzed in the work, there is the idea of placing the woman linked to the care of the house and children, for this reason, we sought to work on gender, aiming to understand women within society.

Keywords: First World War. Work. Genre. Diário da Tarde newspaper (PR).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - O assassínio de Francisco Fernando 49
Figura 2 - A conflagração da Europa..... 50
Figura 3 - Exercito de damas para a “frente” russa... Gastão faria..... 64
Figura 4 - A fundação de mulheres é uma ofensa aos nossos brios de homens 66
Gráfico 1 - Categorização dos artigos 48
Gráfico 2 - Mulheres X trabalho: a representação de cada país no Jornal Diário da Tarde (PR)..... 54
Gráfico 3 - Mulheres X *front*: nacionalidade em questão 54
Gráfico 4 - Números de artigos relacionados ao tema mulheres em cada ano do conflito 56
Quadro 1 - Modelo de identificação dos artigos selecionados para análise 13

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....8

CAPÍTULO 1 - IMPRENSA, HISTÓRIA E O JORNAL DIÁRIO DA TARDE(PR)..... 15
1.1 HISTÓRIA E IMPRENSA.....15
1.2 A HISTÓRIA E A CATEGORIA DE ANÁLISE GÊNERO.....21
1.3 O JORNAL DIÁRIO DA TARDE (PR): A IMPRENSA E A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL..... 25

CAPÍTULO 2 - PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL: UM CONFLITO CATALISADOR.....32
2.1 O CENÁRIO EUROPEU E A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL.....32
2.2 A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL: NOVAS POSSIBILIDADES PARA AS MULHERES!.....39

CAPÍTULO 3 - UM OLHAR SOBRE OS DISCURSOS: O JORNAL DIÁRIO DA TARDE(PR) E AS MULHERES DURANTE A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL.....47
3.1 O FAZER JORNALÍSTICO: ANÁLISE DO JORNAL DIÁRIO DA TARDE..... 47
3.2 O TRABALHO E AS MULHERES: NOVOS ESPAÇOS..... 57
3.3 O *FRONT* E A FORMAÇÃO DE BATALHÕES FEMININOS..... 61

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....68

REFERÊNCIAS.....70

APÊNDICES.....75

APÊNDICE A - CLASSIFICAÇÃO DAS MATÉRIAS DE JORNAIS..... 76

INTRODUÇÃO

Nas décadas finais do século XIX, a crença e as expectativas em torno da ideia de progresso estavam presentes na Europa. As reconfigurações socioculturais, políticas e os ideais nacionalistas pautavam os novos moldes da geopolítica mundial. Dessa forma, "O século XIX foi um tempo extraordinário de progresso na ciência, na indústria e na educação, em grande parte centrado numa Europa cada vez mais próspera e poderosa." (MACMILLAN, 2014, p. 28).

Ainda no final do século XIX e início do XX, é estabelecido o período que ficou conhecido como *Belle Époque*, que pode ser compreendido como o período em que a sociedade europeia exaltava as promessas do progresso e a modernidade que se viu no século XIX. (STANCIK, 2014).

Nesse período, a Europa estava desenhando novos rumos para o seu território. As superpotências não entravam em conflitos entre elas, mas observa-se conflitos nos países que estavam dominados pelo imperialismo. Desde o ano de 1905 a Alemanha dava sinais para um conflito armado e por conta do receio de uma guerra de grandes proporções, as nações promoviam encontros na tentativa de manter a paz. No entanto, questões territoriais demonstravam-se frágeis na relação entre as potências europeias. A partir do ano de 1914 o cenário que se instalou na Europa foi alterado, determinando novos rumos mundiais. (HOBSBAWM, 2002).

Após pequenas movimentações territoriais, o clima na Europa passou a ser instável. No dia 28 de junho de 1914, em uma visita a Sarajevo, o arquiduque do Império Austro-Húngaro, Francisco Ferdinando, foi alvejado por um estudante, e este momento tornou-se o símbolo do início da Primeira Guerra Mundial, pois passou ser uma justificativa para o fortalecimento da ideia de um conflito. Aos poucos, a configuração da guerra ganhou espaço no cenário europeu. (HOBSBAWM, 2002; MACMILLAN, 2014).

A Primeira Guerra Mundial, de certa forma, encerrou o longo século XIX e deu início ao breve século XX, como afirma Hobsbawm (2002). O século XIX havia sido marcado por constantes transformações, que refletiram nos séculos posteriores, bem como a formação dos estados-nações, a burocratização, a emergência de uma nova classe social, fortalecimento dos estados-nações, econômica e militarmente, além das novas teorias sociais por meio das ciências. Já o século XX teria tido processos de transformações sociais mais lentos e que davam continuidade aos já iniciado no século anterior.

Como afirma MacMillan, foram muitos os motivos que impulsionaram a Guerra, tais como "a corrida armamentista, rígidos planos militares, rivalidade econômica, guerras

comerciais, o imperialismo com sua busca de colônias ou os sistemas de alianças dividindo a Europa em campos antagônicos." (MACMILLAN, 2014, p. 23). MacMillan ainda questiona sobre o "que dizer do papel próprio de cada nação e de seus motivos?" (MACMILLAN, 2014, p. 23) perante a eclosão da Primeira Guerra Mundial

A Grande Guerra, como convencionou-se chamá-la por um certo período, tomou proporções desconhecidas até aquele momento. Novas táticas de guerra, novos equipamentos e um novo modo de pensar a guerra e a paz se desenvolveram ao longo do conflito. A partir de 1915, observa-se que ideias sobre o uso de gás de mostarda e da guerra submarina, além da aviação para a guerra, que até então eram novidades, passaram a fazer parte das estratégias bélicas, "Muitos tinham consciência de que graves mudanças estavam em andamento." (EKSTEINS, 1992, p. 219). O gás de mostarda utilizado combinava com as hostilidades do *front* que o soldado se via exposto, como ainda afirma Eksteins (1992).

A Primeira Guerra Mundial trouxe em sua essência novas concepções. As guerras cavalheirescas que a Europa estava acostumada já não eram mais pertinentes naquele momento. Uniformes, como dos franceses, que eram pomposos[1] no início da guerra, dão lugar a vestimentas neutras; as armas foram sofisticadas, uma vez que nos anos de 1890 houve investimentos tanto nas fábricas bélicas quanto nos exércitos, pois suponha-se que poderia ocorrer um evento como tal, o que fez as grandes potências se prepararem sem saber ao certo quando ocorreria. (HOBSBAWM, 2002; MACMILLAN, 2014).

Nos primeiros meses não se acreditava que o conflito tivesse longa duração, mesmo havendo grandes expectativas com este evento. Anteriormente, um certo clima exteriorizava a ideia "não apenas a inevitabilidade, como a suposta necessidade de uma futura guerra, que poderia e/ou deveria envolver o continente europeu. Evidenciava se, assim, certa disposição e mesmo certo desejo em relação à guerra." (STANCIK, 2013, p. 172)

Dedicar-se à Guerra nos primeiros anos era visto como dever e ao mesmo tempo como ato nobre defender a sua pátria perante ao conflito.[2] Assim sendo, "As enormes demonstrações de sentimento público desempenharam um papel crucial na definição do destino da Europa naquele ano." (EKSTEINS,1992, p. 82), os sentimentos nacionalistas estavam envolvidos e

[1] Os franceses utilizavam cores chamativas em seus uniformes, e a cavalaria utilizava capacetes com plumas e cintilantes peitorais de aço. (STANCIK, 2015; STANCIK, 2014, p. 450).

[2] "O conceito alemão de Pflicht, ou dever, estava impregnado desse idealismo. Se o dever britânico e o devoir francês se enraizavam numa noção da história como alicerce e unidade de construção, o Pflicht alemão estava ancorado numa visão da história como mito, como justificação poética do presente e do futuro." (EKSTEINS, 1992, p. 249).

impulsionavam o conflito armado. Entretanto, o clima de animação com a guerra não se fez presente em todo o tempo de duração do conflito.

Com o decorrer da guerra, a falta de alimentos, as divisões e disputas de governos internamente, as invasões territoriais, as crescentes despesas e convocações de novos soldados fizeram com que o número de pessoas que aclamavam pelo fim da guerra aumentasse e os indivíduos dispostos a ir ao campo de batalha diminuíssem. O crescente número de combatentes mortos foi outro fator que influenciou na visão sobre a guerra, pois o número de mortes em campo só aumentava. Acredita-se que, em cinco meses, alemães perderam um milhão de soldados, os franceses, em duas semanas de agosto tiveram 300 mil homens ceifados e os russos em dois anos sofreram uma perda de cinco milhões de combatentes. (EIKSTEIN, 1992)

O recrutamento de soldados provocou esvaziamento nas cidades, devido às perdas destes ao irem ao *front*. Em contrapartida, observa-se a abertura de postos de empregos, o que gerou uma maior demanda por mão de obra feminina no mercado de trabalho. Carros e bondes passaram a ser comandados por mulheres; se antes os negócios da família só contavam com o apoio feminino, naquele momento elas passaram a comandar, além disso, as fábricas começaram a recrutar a força feminina para suprir a perda de mão de obra. (EKSTEINS, 1992; GRAYZEL, 2014).

Com as mudanças sociais, observa-se que "a guerra pode obscurecer as diferenças sociais, mas as mensagens enviadas às mulheres nos primeiros meses do conflito refletem a presunção de seu papel especial na sustentação da guerra."[3] (GRAYZEL, 2014, s.p.). Havia uma busca por unir forças para defender o Estado, fosse no campo de batalha ou auxiliando na manutenção dos postos de trabalhos. Naquele momento, homens e mulheres foram colocados em pé de igualdade a fim de passar uma imagem de que a força levaria o país à vitória. As ideias de mulheres cuidadoras do lar e cuidadoras da nação prevaleciam em mensagens veiculadas em jornais, rádios e propagandas, pois acreditava-se que estas ajudariam a assegurar a nação. (GRAYZEL, 2014; SAYÃO, 2003).

Anteriormente, o trabalho que fazia parte da vida das mulheres, e que tendiam a ser relacionados a elas, de alguma maneira estavam ligados à casa e cuidado dos filhos. A Primeira Guerra Mundial permitiu de maneira mais acelerada que elas estivessem presentes em outros lugares, mesmo que ainda houvesse a tentativa de ressaltar o papel de mãe e as funções para com a casa. Dessa forma, surgiram casos de pensões dos estados-nações para garantir

[3] "*War can obscure social differences as states and their populations rally to defend the nation, yet the messages sent to women in the early months of the conflict reflect a presumption of their special role in sustaining the war*". (texto original).

subsistência da família de soldados em batalha e reforçar a ideia de que as mulheres deveriam estar ligadas sempre ao espaço doméstico. (GRAYZEL, 2014).

Com a Primeira Guerra Mundial, a presença da figura feminina se estendeu em lugares como os campos de batalha e a incorporação das mulheres em batalhões aconteceu em alguns países, como a Alemanha e a Rússia. Se antes era comum o recrutamento de mulheres para a Cruz Vermelha, como no caso das mulheres portuguesas, com a Grande Guerra as mulheres pegaram em armas, integrando parte de batalhões para defenderem seus países, pilotaram aviões de ataque e realizaram serviço de mensageiras nos exércitos dos Estados Unidos em 1917. (GRAYZEL, 2014).

A Primeira Guerra Mundial acontecia na Europa, mas atravessou fronteiras geográficas durante o seu desenvolvimento, seja pelo envio de soldados das mais diversas nações para lutarem por meio das alianças formadas ou pelas informações que eram enviadas pelos meios de comunicação. Assim, as mudanças sociais que a Primeira Guerra Mundial condicionou se fizeram presentes também nas páginas de jornais, os quais sempre estavam de plantão ao noticiarem os fatos à sua volta.

Pode-se afirmar que os países que não vivenciaram a Guerra por completo, o fizeram por meio da imprensa, que noticiavam cada movimento que estava ocorrendo na Europa. Tanto periódicos europeus, como de outros países, buscaram manter seus leitores informados sobre os acontecimentos. O periódico brasileiro "Jornal Diário da Tarde (PR)" cedeu espaço para notícias sobre a guerra diariamente, testemunhando e participando da construção da história. (GOMES, 2019; WOITOWICZ, 2015). No início, o espaço cedido para este evento era nos repasses de telegramas, mas com o tempo as páginas traziam mais sobre a Guerra que acontecia na Europa.

Diante do que foi exposto anteriormente, esta pesquisa surgiu por meio das provocações que podem ser levantadas ao pensar sobre as mulheres durante a Primeira Guerra Mundial. Mesmo com uma diversidade de fontes que poderiam ser analisadas para entender esta relação, atentou-se ao periódico Diário da Tarde, objetivando entender as representações das mulheres durante a Primeira Guerra Mundial em suas páginas. Tendo em vista o fato de o jornal auxiliar no processo de formação de opiniões da sociedade que consome o discurso veiculado, "pode-se dizer que o trabalho simbólico de anunciabilidade dos fatos, em incorporação e constante (re)processamento na sociedade, representa uma forma de construção histórica e social da realidade." (WOITOWICZ, 2015, p. 25).

O Jornal Diário da Tarde (PR) é um periódico paranaense que iniciou suas atividades no ano de 1899, tendo sua primeira folha circulada em 18 de março deste ano. Este mostrou-se

atuante na capital paranaense "servindo como porta-voz de tendências, tensões e posicionamentos da sociedade em momentos distintos da vida pública." (WOITOWICZ, 2015, p. 58). Sua circulação estende-se até a década de 1975, contudo, nos últimos anos sob a administração do jornal, também curitibano, a "Gazeta do Povo" (PILOTTO, 1976).

Ao longo do tempo, os nomes de editores[4] mudaram, e isto significava uma reestruturação da composição e da missão do jornal. Por muito tempo, o número de páginas oscilou entre 4 e 8. Suas seções podiam ser divididas em notícias de destaque na primeira página e colunas que traziam assuntos mais gerais, denominadas *echos*. Nas páginas do interior do jornal, as notícias se mesclavam com os telegramas recebidos e propagandas comerciais de instituições que patrocinavam o jornal. Algumas edições traziam nas últimas páginas anúncios de vagas de emprego e venda de produtos. (PILOTTO, 1976; CONCEIÇÃO, 2012).

Para que a análise fosse efetivada utilizou-se da base de dados dos jornais presente no site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital[5] (HDB). Esta plataforma contém acervos diversificados de revistas e jornais. O acervo do Jornal Diário da Tarde (PR) da Hemeroteca Nacional Digital é o maior acervo digitalizado e disponível na internet[6]. Ele apresenta algumas páginas com manchas ou com perda parcial de páginas, mas ainda assim são passíveis de análise para o desenvolvimento de pesquisas.

Acervos digitalizados integram a vida de pesquisadores ao redor do mundo atualmente. A análise de materiais destes acervos demanda rigorosidade de métodos igualmente a acervos físicos. A informação intrínseca ao material, ao ser digitalizado, não perde seu caráter documental, mas altera a materialidade, o que torna a maneira de olhar para o documento diferenciada. (BRASIL; NASCIMENTO, 2020).

Pensar os acervos digitais, que vem se popularizando, é refletir sobre a reprodutibilidade dos documentos, o qual pode ser disseminado mais facilmente. A sua reprodutibilidade permite que mais pessoas tenham acesso a estes materiais para desenvolver pesquisas. Ao consultar estes acervos digitais, dispõem-se de ferramentas como a busca por palavras-chave, a aproximação por meio do zoom, além da facilidade de não precisar deslocar-se às instituições de guardas. (BRASIL, 2022).

---

[4] O Jornal Diário da Tarde foi fundado por Estácio Correia, e atuaram como editores nomes do cenário político e literário da capital, como o de Raul Gomes, Generoso Borges, Ulisses Vieira, Euclides Bandeira e Gastão Farias.

[5] O acervo do Jornal Diário da Tarde (PR) está disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800074&pesq=

[6] O fato deste acervo estar disponibilizado na internet tornou possível o desenvolvimento do trabalho, uma vez que não precisou de deslocamento até o local de guarda deste documento. Durante o período de desenvolvimento deste trabalho, a pandemia do COVID-19 ganhou força, assim a plataforma foi uma maneira de fazer com que a pesquisa pudesse continuar seu processo sem perda com relação ao acesso da fonte.

A HDB disponibiliza os jornais em pastas, as quais estão divididas por ano e em edições. Buscou-se conhecer as páginas do jornal analisando cada dia, entre os anos de 1914 a 1918, para compreender as notícias sobre a Guerra que foram reportadas. As notícias, em geral, foram encontradas em espaços denominados telegramas, principalmente nos primeiros anos da guerra.

Com o auxílio da ferramenta de busca de palavras-chave, buscou-se "guerra e mulheres", no período entre 1914 a 1918, analisando a presença nos discursos que fizessem referências a estas duas palavras nas matérias dos jornais. Entre este período foram encontradas 322 ocorrências que traziam em uma única página as palavras "guerra e mulheres".

Por meio da leitura e análise das páginas do jornal Diário da Tarde (PR), percebeu-se que somente 43 artigos de jornais tratavam das mulheres e a guerra relacionando-as. Após entender como guerra e mulher estavam sendo relacionados nas páginas *do Jornal Diário da Tarde,* foi realizado classificações do discurso de maneira temática.

Para o levantamento de dados, baseou-se em apontamentos levantados por Tania de Luca (2010), possibilitando construir a seguinte tabela para identificação de cada artigo selecionado do Jornal Diário da Tarde para análise:

Quadro 1 - Modelo de identificação dos artigos selecionados para análise

Jornal Diário da Tarde (PR)								
Edição	**Data do artigo**	**Coluna ou seção**	**Nº da p.**	**Título**	**Assunto**	**Jornalista/redator**	**Palavras -chave**	**Distribuição espacial da matéria**

Fonte: a autora.

Para uma análise mais aprofundada do *Jornal Diário da Tarde,* optou-se por analisar pelo método de análise temática, seguindo os apontamentos de Zicman (1985), objetivando entender as representações das mulheres quando se tratava dos temas trabalho e *front*. Pode-se dizer que esta metodologia "desenvolve-se a partir de temas ou itens de significação relativos a um determinado objeto de estudo e analisados em termos de sua presença e frequência de aparecimento nos textos analisados." (ZICMAN, 1985, p. 85), o que possibilita entender como o jornal buscou retratar cada assunto.

Os artigos selecionados foram categorizados por meio dos aspectos apresentados no Quadro 1. Tendo em vista a análise temática, foram criadas categorias de identificação para melhor visualizar os discursos veiculados nas páginas do jornal analisado. Foram quatro as categorias criadas: trabalho, feminismo, *front* e outros. As categorias foram definidas de acordo

com o conteúdo do texto do jornal e sua relação com o tema “As mulheres da Primeira Guerra Mundial”.

Durante a análise buscou-se selecionar duas categorias dentre as criadas para se trabalhar: trabalho e *front*. Assim, pode-se constatar que, entre os jornais, 15 elucidam a mulher no trabalho durante o período da guerra, enquanto 19 tratam da ida de mulheres aos campos de batalha, que engloba a formação de batalhões, atuação na Cruz Vermelha e as opiniões dos redatores do jornal sobre este assunto. Estas duas categorias ainda podem ser classificadas de acordo com a nacionalidade tratada na matéria. Acredita-se que é pertinente trabalhar com estes dois subtemas para elucidar o processo de emancipação feminina que se observa durante o desenvolvimento da Primeira Guerra Mundial.

Após uma pré-análise, buscou-se construir uma análise voltada para as representações feminina no Jornal Diário da Tarde, durante o período da Primeira Guerra Mundial, visando a questão de gênero. Segundo Georgiane Vázquez (2017), o estudo de gênero permite que se faça um recorte sobre os aspectos sociais existentes para entender as imagens socialmente construídas sobre o feminino e o masculino.

Para melhor compreender a análise e contexto que se insere, dividiu-se este trabalho em três capítulos.

No primeiro capítulo, será tratado sobre a relação entre a imprensa e história e o Jornal Diário da Tarde. Neste, será discutido o emprego do jornal enquanto fonte documental, além de apresentar aspectos mais aprofundados sobre o periódico analisado.

No segundo, serão discutidos alguns dos fatores que contribuíram para a eclosão da Guerra e como ela se desenrolou na Europa. Ainda, será analisada a figura das mulheres durante este processo, buscando conectar-se com a discussão na historiografia, para que, assim, compreenda-se como as mulheres estão articuladas neste tema.

Por fim, será realizada a análise da fonte, buscando compreender como o *Jornal Diário da Tarde* retratou as mulheres durante a Guerra, visando explorar os jornais utilizados. A análise a ser realizada contará com gráficos e comparativos, além de análise dos textos veiculados pelo periódico.

CAPÍTULO 1
IMPRENSA, HISTÓRIA E O JORNAL DIÁRIO DA TARDE(PR)

Este primeiro capítulo se propõe a pensar três tópicos: a História enquanto ciência, a categoria de análise gênero e a imprensa enquanto fonte de análise, enfatizando no periódico Jornal Diário da Tarde (PR).

A História, enquanto campo científico, passou por vários momentos para instituir seus métodos, teorias, práticas e fontes. Ao formalizar-se como ciência não deixou de passar por processos de transformações, o que de certa forma contribui para que a dinâmica social possa ser compreendida de acordo com a sua época. A História Cultural foi uma das correntes historiográficas que auxiliou nesta adaptação da História e sociedade.

O debate sobre gênero, entendendo este enquanto categoria de análise, possibilitou a abertura dos horizontes e novos olhares para a história e outras ciências. Mas todo este debate se fortaleceu por meio das conquistas que o movimento feminista foi instituindo durante suas lutas.

Enquanto fonte para o processo de construção do conhecimento histórico, a imprensa evidencia a possibilidade de estudar gênero atrelado à história, percebendo os movimentos sociais e os discursos e representações presentes nas páginas de periódicos. O foco desta análise é o Jornal Diário da Tarde (PR).

1.1 HISTÓRIA E IMPRENSA

A História institui-se como campo científico no século XIX. Durante o processo de constituição houve mudanças em como compreender o passado, métodos e teorias foram refutadas ao longo do tempo e a ampliação da concepção de fonte foi um importante ponto de discussão. Para Bloch, a construção do conhecimento histórico deveria sempre estar pautado em fontes, definidas como "tudo que o homem **e a mulher** diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele." (BLOCH, 2001, p. 79, grifo nosso).

Entre as correntes historiográficas que tiveram destaque, pode-se dizer que a Escola dos *Annales*[7] causou revolução na concepção de fonte e logo alterou a disciplina histórica em seus métodos e teorias, influenciando o modo de pensar na história até hoje. A Escola dos *Annales* rompeu com as ideias historicistas. O Historicismo, corrente historiográfica alemã da

[7] Grupo de franceses que surge em 1929, estes estavam dispostos a construir a disciplina e instituir o lugar da história no hall das ciências socias. A construção de uma história-problema, o fato histórico como construção, diversificação das fontes, a interdisciplinaridade são características marcantes neste grupo. Marc Bloch (1886-1944) e Lucien Febvre (1878-1956).

segunda metade do século XIX, delegou a história como ciência e disciplina, além de instituir como necessário a fonte, para que o discurso historiográfico se sustente. Contudo, a concepção de fonte defendida por este grupo era um tanto quanto limitadora, uma vez que se baseava em documentos oficiais, o que excluía a maioria dos sujeitos históricos.

A alteração da concepção de fonte por meio da Escola dos *Annales* possibilitou a ciência histórica desfrutar de novas perspectivas para a construção do conhecimento. Para Peter Burke, a transformação a qual Marc Bloch e Lucien Febvre iniciaram, ambos pertencentes à primeira geração dos *Annales*, correspondia à:

> [...] necessidade de uma história mais abrangente e totalizante nascia do fato de que o homem se sentia como um ser cuja complexidade em sua maneira de sentir, pensar e agir, não podia reduzir-se a um pálido reflexo de jogos de poder, ou de maneiras de sentir, pensar e agir dos poderosos do momento. Fazer uma outra história, na expressão usada por Febvre, era portanto menos redescobrir o homem do que, enfim, descobri-lo na plenitude de suas virtualidades, que se inscreviam concretamente em suas realizações históricas. (BURKE, 1991, p. 4).

Os *Annales* deram início ao processo de mudança na forma de trabalhar com a história, contudo, lacunas ainda se faziam presentes no campo teórico-metodológico da história, o que impossibilitava determinadas abordagens. Assim, com a terceira geração dos *Annales*, surgiu a História Cultural dentro da historiografia, possibilitando uma aproximação maior da história com outras ciências, como a antropologia. (LAPUENTE, 2016). Com a História Cultural houve uma maior diversificação das fontes, suprindo as lacunas que ainda existiam. Pode se dizer que a História Cultural se apoiou "no estudo das práticas e representações sociais." (LUCA, 2010, p. 114). Os novos horizontes abertos pela História Cultural permitiram diferentes abordagens; as análises passaram a ser feitas por meio de fontes como história oral, cinema, quadrinhos e periódicos, dando uma maior abertura para a escrita da história. (BURKE, 1991).

Esta abertura, colocou os periódicos entre as fontes aceitas para a realização da pesquisa histórica. Pode-se dizer que o fato de o jornal não ser aceito como "fonte confiável" para os historiadores anteriormente, caracteriza-se por acreditar que os jornais

> [...] pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas 'enciclopédias do cotidiano' continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas. (LUCA, 2010, p. 112).

Outro ponto que causava certa repulsa pelo uso de periódicos no trabalho histórico, era o fato de que o historiador não poderia ter envolvimento com seu objeto de estudo, uma vez

que as fontes precisavam apresentar “objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo.” (LUCA, 2010, p. 112). Por tempos esta concepção do historiador diante da sua fonte atrapalhou o construir da história, mas ao abranger-se a gama de fontes, entendeu-se que “a disciplina histórica precisa do testemunho, sabendo que este é também reconstrução da memória e não- não mais do que o arquivo do século- simples reflexo do real.” (FARGE, 2011, p. 22).

Trabalhar com a imprensa significa entender, como afirma Tania de Luca (2010), que este é um instrumento de manipulação e interesses, os quais interferem na esfera social. “Aquelas perspectivas que a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere.” (CAPELATO, 1988, p. 118), o jornal deve ser classificado não somente como vinculador de informações, mas também formador de opinião, Capelato ressalta ainda sobre este aspecto que:

> O jornal não é transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos e tampouco uma fonte desprezível porque permeada pela subjetividade.
> A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. Partindo desse pressuposto, o historiador procura estuda-lo como agente da história e captar o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais. A categoria abstrata imprensa se desmitifica quando se faz emergir a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social. (CAPELATO, 1988, p. 21).

No Brasil, a utilização do jornal como fonte se deu após a década de 1960, onde passou-se a olhar os jornais para a compreensão da história brasileira, buscando o entendimento de aspectos econômicos, demográficos e culturais, devido a “falta de uma literatura ampla sobre o assunto e na impossibilidade de contar com depoimentos orais, a imprensa torna-se uma importantíssima fonte primária.” (PEREIRA A., 2012, p. 2). Nelson Werneck Sodré, em sua renomada obra “História da Imprensa no Brasil”, abriu caminho para as pesquisas que se apoiavam nos periódicos tornassem eles como fonte primária e não apenas como complemento.

O papel da imprensa na sociedade foi ressignificado ao longo do tempo, “vemos um jornalismo que, se hoje pode nos parecer profissionalmente ultrapassado, se faz ver também como marcador cultural de processos que dizem o que nós, historicamente, somos” (WOITOWICZ, 2015, p. 11). Pensar o jornal na sociedade é constatar que este por muito tempo foi objeto da elite na sociedade, uma vez que os índices de analfabetismo eram grandes, mas que mesmo assim este veículo de informação se instituía como importante para a sociedade.

Durante o século XX, “os jornais diários profissionalizavam-se, sem perder o caráter opinativo e de intervenção na vida pública.” (LUCA, 2010, p. 137), ao opinarem na vida pública, também moldavam pensamentos. As mudanças de editores, reconfigurava a maneira que o jornal se colocava diante da sociedade com as notícias veiculadas em suas páginas e por isto a história construída a partir dos jornais estavam sempre atreladas aos sujeitos, sejam eles do corpo editorial como também a sociedade.

Os espaços que os jornais têm ocupado na sociedade podem ser classificados como instrumentos de informação e de lazer. Revistas e jornais dispõem dos mais diversos elementos para se constituírem dentro do mercado editorial, assim o *marketing* de produtos dentro destes meios de comunicação se consolida para vender uma ideia para o público. Assim como afirma Woitowicz:

> Não se pode negar a interferência de determinadas forças sociais agindo em meio à construção das notícias; questões políticas, econômicas e culturais têm no jornalismo um suporte para suas leituras do real. No sentido inverso, também o jornal manifesta sua voz relacionando falas, fatos, opiniões e aspectos contextuais. Este caráter múltiplo dos discursos sociais – que se manifesta nos contextos de produção, circulação e consumo dos sentidos - pode ser tratado metaforicamente como um eco de vários pedaços de significação. (WOITOWICZ, 2015, p. 42).

A imprensa pode selecionar elementos sociais e exaltá-los para reforçar na sociedade, ou ainda os atacar buscando contribuir para que determinados setores da sociedade deixem de defender um discurso. A narrativa jornalística tem a capacidade de transformar a realidade, principalmente pelo fato de que este pode ser denominado como

> [...] ‘produto social’, isto é, como resultado de um exercício socialmente reconhecido, constituindo-se como um objeto de expectativas, posições e lógicas específicas. As notícias e os fatos devem então ser encarados como situações plenas de significação, que adquirem sentido pelo modo como são representadas, produzidas e repercutidas. (WOITOWICZ, 2015, p. 28).

O jornal constrói uma realidade para e com a sociedade na qual está inserido. Ele se legitima socialmente. Assim ao analisar jornais “é preciso considerar a própria fala do jornal, ao realizar escolhas, emitir pontos de vista e apontar inimigos e aliados, como um modo particular de ação no universo social, capaz de organizar estas mesmas falas para fazê-las articular, negociar e fixar sentidos.” (WOITOWICZ,2015, p. 309). É preciso considerar o jornal como agente modificador da sociedade para entender os discursos que se fazem presente.

O discurso do jornal é fruto de seleções e recortes feitos pelos editores e redatores, mobilizados por interesses que financiam este veículo de informação, além de buscar corresponder às expectativas do público leitor.

A narrativa posta no jornal diz muito sobre a sociedade que consome e produz determinado discurso. Ao analisar jornais como fonte, é preciso: historicizá-lo; enxergar para além do escrito; observar em quais condições foi produzido o discurso; enquadrar o discurso na sociedade e enxergar as entrelinhas do jornal, entendendo desde o momento de sua escrita até a sua recepção. (LUCA, 2010; ZICMAN, 1985).

Pode-se, ainda, ressaltar que:

> Os diversos materiais da Imprensa, jornais, revistas, almanaques, panfletos, não existem para que os historiadores e cientistas sociais façam pesquisa. Transformar um jornal ou revista em fonte histórica é uma operação de escolha e seleção feita pelo historiador e que supõe seu tratamento teórico e metodológico. Trata-se de entender a Imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa /sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe. (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 258).

A sociedade está envolvida nas produções jornalísticas, mesmo que de maneira indireta. As formas e configurações dos veículos, além de como deve ser feito e o que ser feito "são negociados social e culturalmente, num espaço de um diálogo conflituoso sobre o fazer imprensa a cada momento histórico.", (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 259).

A imprensa altera seu entorno, uma vez que seu discurso auxilia na construção de uma narrativa a qual é comprada por indivíduos. Como afirma Farge é:

> Através de cada movimento da história, através de cada período, produz-se um *sujeito* novo. A história, o acontecimento o constituem; fundado e refundado por eles, esse sujeito é o produto da história e de sua interpretação. Assim, pode-se compreender que seja, evidentemente, em vista dessas emergências históricas de um sujeito novo que se reorganizam interpretações e reinterpretações. (FARGE, 2011, p. 28).

É a intervenção dos discursos propagados nos jornais que permitem entender as facetas sociais de diferentes períodos, entendendo que cada jornal representa um dos pensamentos articulados na sociedade durante o período que este circulou. São por estas características que Tania de Luca (2010) apontou a sua máxima de que para utilizar o jornal como fonte é preciso construir a "História do, nos e por meio" dos periódicos.

Ao refletir sobre a construção da história do jornal, Tania de Luca busca alertar que é preciso conhecer o jornal o qual está se focando a análise. A história do está estritamente ligada

às questões como surgimento do jornal, corpo editorial, órgãos financiadores, estruturação do jornal ao longo do tempo. (LUCA, 2010).

Já ao pontuar a história nos jornais, ela busca levar o leitor a entender aspectos históricos intrínsecos à trajetória do jornal, além de mostrar que a história está também nos discursos veiculados nas páginas. E, por último, a história por meio dos jornais, ou ainda, através, leva para o ponto, trabalha a história com os discursos construídos ao longo da trajetória do jornal. Para além, este ponto leva o historiador a refletir sobre a ação dos jornais na sociedade.

Vale ressaltar que os três aspectos de entendimento do jornal enquanto fonte, não devem ser analisados separadamente, uma vez que um ponto auxilia no entendimento do outro, possibilitando compreender de maneira mais completa o que se deseja estudar ao usar os periódicos como suporte.

Analisar o jornal nas suas mais diferentes formas não significa abandonar a História através da imprensa, uma vez que "mesmo quando não se faz História da Imprensa propriamente dita- mas antes o que chamamos História Através da Imprensa- está se sempre 'esbarrando' nela, pela necessidade de historicizar os jornais." (ZICMAN, 1995, p. 90). Conhecer o órgão de imprensa a qual está se estudando é fundamental. Direcionar o olhar para quem está por trás da redação é entender melhor o porquê de cada discurso veiculado.

Ainda, pode-se ressaltar que o jornal transita entre a esfera pública, política, além da privada e empresarial. Mesmo que a informação seja um bem público, esta se associa ao meio privado. (CAPELATO, 1988). Observa-se que os jornais atuam na busca pelo lucro e ao mesmo tempo exercem função de intermediários entre governos e os cidadãos.

Se faz necessário ressaltar que as fontes periódicas ainda permitem fazer recortes diferenciados para se entender a mensagem circulada nas páginas do jornal e o tempo o qual estas produções estão inseridas, o que torna possível trabalhar sob perspectiva dos estudos de gênero. Analisar os discursos de gênero difundidos nos jornais permite ter dimensão do "lugar reservado à mulher nas mais variadas épocas" (LUCA, 2010, p. 126), entendendo as construções sociais sobre a ideia de ser mulher.

Considerando tais pressupostos, cabe, neste momento, realizar uma análise sobre o gênero dentro da história.

1.2 A HISTÓRIA E A CATEGORIA DE ANÁLISE GÊNERO

Como mencionado, a História Cultural, principalmente com a 3ª geração dos *Annales*, elegeu para a história novas formas de olhar para as diferentes expressões humanas, ampliando as possibilidades de fontes existentes. (BURKE, 1991). Além das fontes, novas categorias de análise ganharam espaço no campo historiográfico, assim a categoria de análise gênero dá seus primeiros passos. Nesse sentido,

> Mais recentemente e mais sensível às convulsões da retaguarda, a história social, que abriu tanto terreno novo, não podia ignorar a presença de mulheres, especialmente no caso de mulheres trabalhadoras de guerra. Mas o impulso veio sobretudo das questões levantadas pelo movimento feminista dos anos sessenta e setenta. (THÉBAUD, 1990, p. 46, tradução nossa[8]).

O debate sobre gênero não se insere somente no campo da história, uma vez que há uma busca por entender as relações culturais e de poderes que envolvem a mulher e a sociedade, questionando o que se convencionou a chamar de masculino e feminino. (COLLING; TEDESCHI, 2019). Pode-se afirmar que o debate de gênero

> Não se trata de negar as diferenças sexuais e corporais entre homens e mulheres, mas de compreendê-las não como naturais e determinadas, mas como relações sociais e de poder, que produziram hierarquias e dominação. Para Scott, gênero é a organização social das diferenças sexuais. É um saber que estabelece significados para as diferenças corporais. (SCOTT *apud* VAZQUEZ, 2017, s.p.).

O entendimento do conceito gênero enquanto categoria de análise passa pela compreensão de que as relações de gênero são construções, estas podendo ser questionadas. No âmbito social, esta categoria foi construída como instrumento de dominação, o que levou a uma divisão social que atravessa a sociedade em suas multiplicidades e também o tempo, segundo Colling e Tedeschi:

> Tendo emergido desde o início sob rasura e tensão, com as reivindicações intrínsecas ao início dos anos 1980 sobre questões envolvendo raça, etnia, classe e outras possíveis intersecções sociais, gênero mostra-se ainda útil como categoria de análise, passando por adaptações às necessidades de cada grupo que a reivindica, incluindo historiadoras e historiadores, que buscam situar sua trajetória teórica e política, constituída e reelaborada ao longo das últimas três décadas. (COLLING; TEDESCHI, 2019, p. 333).

---

[8] *Más reciente y más sensible a las conmociones de la retaguardia, la historia social, que tantos camino ha abierto, no podía desconocer la presencia de las mujeres, máxime em el caso de las trabajadoras de guerra. Pero el impulso llegó en especial de los interrogantes del movimiento feminista de las décadas de los sesenta y setenta.* (THÉBAUD, 1990, p. 46, texto original)

Assim, pode-se afirmar que a inserção das categorias de análise histórica, mulheres e gênero, auxiliaram na renovação das pesquisas, bem como foram capazes de tornar mais complexos os horizontes teóricos e metodológicos na historiografia. Revelaram que a (in)visibilidade de determinadas temáticas na produção acadêmica, mais do que somente uma operação intelectual, também é uma operação política. (VERAS, 2019).

Os debates categoriais, que pautavam algumas discussões, auxiliaram no processo de perceber a questão gênero como passível de estudo e teorização. O surgimento da categoria gênero se insere pelo fato de que se buscou conquistar fatias da história que representassem a todos e não somente homens, brancos, heroicizados. No século XIX, convencionou-se "as divisões das tarefas e a segregação sexual nos espaços ao seu ponto mais alto. [...] Lugar das mulheres: a Maternidade e a Casa cercam-na por inteiro. [...] A lista dos 'trabalhos de mulheres' é codificada e limitada." (PERROT, 2017, p. 171). Os lugares delegados a mulheres na sociedade também interferiram na maneira de escrever a História. Perrot afirma que

> As mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar a sua história. Elas estão presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos. Na cidade, na própria fábrica, elas têm outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência – à hierarquia, à disciplina – que derrotam a racionalidade do poder, enxertadas sobre seu uso próprio do tempo e do espaço. Elas traçam um caminho que é preciso reencontrar. Uma história outra. (PERROT, 2017, p. 193).

O estudo de gênero ao ganhar força, possibilitou entender o lugar das mulheres na história, lugar de sujeito ativo, sujeito que faz e refaz a história. Estudar a história da mulher ao longo do tempo é entender que relações de poder foram impostas a estas, fazendo com que a semente à sombra destas estivessem nos livros e na historiografia. Mas, com a nova perspectiva, uma nova história pode ser escrita e reescrita. Estudar a mulher na história pode abranger campos e épocas das mais diversos, uma vez que o:

> [...] campo é profícuo em relação à afirmação das mulheres como sujeitos da história, não só pelo nascimento do feminismo, mas porque é a partir deste momento que se impõem uma "reflexão acerca da maneira com os fatos e os relatos que os põem em cena foram gerenciados. E isso poderia ser a contribuição específica da <u>História das Mulheres</u> para uma história geral. (FRAISSE; PERROT, 191, p. 14, grifo das autoras *apud* SAYÃO, 2003).

A afirmação das mulheres dentro da história leva à percepção das múltiplas formas de se conceber o conhecimento histórico. Mas, a categoria de análise gênero não foi somente

impulsionada pelas lacunas deixadas ao não se estudar mulher enquanto sujeito. É preciso estar atento ao fato de que

> Não é possível entender o que são Estudos de Gênero sem compreender o movimento feminista, que começa no cenário internacional no século XIX e reivindica direitos civis para as mulheres. É muito reconhecida a luta pelo direito ao voto, mas é importante lembrar que essa não era a única reivindicação – as mulheres tinham pouco direitos e muito pelo que lutar. (VÁZQUEZ, 2017, s.p.).

O uso da palavra gênero, principalmente, se deve "a movimentos sociais de mulheres, feministas, gays e lésbicas. Tem uma trajetória que acompanha a luta por direitos civis, direitos humanos, enfim, igualdade e respeito." (PEDRO, 2005, p. 78). O feminismo teve 3 ondas,

> O feminismo de 'primeira onda' teria se desenvolvido no final do século XIX e centrado na reivindicação dos direitos políticos – como o de votar e ser eleita –, nos direitos sociais e econômicos – como o de trabalho remunerado, estudo, propriedade, herança. O feminismo chamado de 'segunda onda' surgiu depois da Segunda Guerra Mundial, e deu prioridade às lutas pelo direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado – entendido como o poder dos homens na subordinação das mulheres.11 Naquele momento, uma das palavras de ordem era: 'o privado é político'. (PEDRO, 2005, p. 79).

O movimento feminista conquistou direitos até então negados às mulheres. As lutas não se deram de forma rápida, mas foram processos. Processos longos, mas que refletem atualmente na sociedade as maneiras de ser mulher nesta. Dentro das ciências, pode-se afirmar que

> [...] as teóricas feministas propuseram não apenas que o sujeito deixasse de ser tomado como ponto de partida, mas que fosse considerado dinamicamente como efeito das determinações culturais, inserido em um campo de complexas relações sociais, sexuais e étnicas. Portanto, em se considerando os 'estudos da mulher', esta não deveria ser pensada como uma essência biológica pré-determinada, anterior à História, mas como uma identidade construída social e culturalmente no jogo das relações sociais e sexuais, pelas práticas disciplinadoras e pelos discursos/saberes instituintes. Como se vê, a categoria do gênero encontrou aqui um terreno absolutamente favorável para ser abrigada, já que desnaturaliza as identidades sexuais e postula a dimensão relacional do movimento constitutivo das diferenças sexuais. (RAGO, 1998, p. 6).

Enxergar a mulher enquanto sujeito, possibilitou que os debates se aprofundassem. A construção da ideia de identidades femininas, não apenas pautadas na natureza biológica, reforçou a ideia de que era possível construir conhecimento a partir das mulheres. Por muito tempo acreditou-se na "escassez de vestígios acerca do passado das mulheres, produzidos por elas próprias, constitui-se num dos grandes problemas enfrentados pelos historiadores."

(SOIHET, 1997, p. 428), contudo, as representações criadas por homens podem levar a entender as condições as quais as mulheres estavam condicionadas, o que deveriam ser e fazer.

Ao trabalhar gênero e imprensa, pode-se ter dimensão de discursos veiculados nas páginas do periódico estudado, podendo observar o lugar que a mulher era colocada na sociedade em determinado período da história, segundo as representações postas nas páginas dos jornais. No mundo das artes, as mulheres iniciaram um processo de pintar imagens sobre si mesmas,

> Para criar novas imagens de si próprias, as mulheres tiveram de aprender a adoptar e a cultivar novas atitudes em relação a si próprias, aos seus corpos e ao seu lugar na sociedade. Nunca na história houve imagens de mulheres, quer produzidas pelas próprias mulheres ou por outras, que tenham mudado tão radicalmente e tão rapidamente. O vivido e o imaginário empurram um ao outro. (HIGONNET, 1990, p.43, tradução nossa)[9].

Assim como nas artes, precisou-se pintar uma imagem nova das mulheres, a sociedade em geral fazia isto. Mas ainda assim, discursos já perpetuados na sociedade persistiam, e ambos os tipos dos discursos disputavam espaços nos jornais. É fato que os discursos são alterados de acordo com a época e a dinâmica social. Propondo-se analisar a Primeira Guerra Mundial, entende-se que é

> [...] necessário que se conheça a história das mulheres que viveram a guerra nos seus mais variados segmentos, que se dê vida a esse tema, que se enfatizem a complexidade e a diversidade dessa vivência e que se criem espaços para que elas sejam 'ouvidas' com respeito e inseridas no contexto histórico, essencialmente masculino, no qual, quase sempre, foram vistas pela historiografia tradicional como submissas e dóceis. (COLLING, 2019, p. 535).

Dar a voz para as mulheres por meio da análise de gênero, permite entender que as vozes femininas foram silenciadas ao longo do tempo, muitas vezes dando a sensação de que estas participaram deste evento de maneira passiva, sem ao menos questionar ou apoiar. Ainda a ideia de que as mulheres ficaram em casa com os filhos sob seus cuidados insiste em aparecer e, por isto, se fez importante debater sobre gênero, entendendo-o não somente como a diferença biológica, mas sim como construções sociais que tentam impor o que condiz com cada sexo.

---

[9] *Para crear nuevas imágenes de sí mismas, las mujeres tuvieron que aprender a adoptar y cultivar nuevas actitudes ante sí mismas, ante su cuerpo y ante el lugar que ocupan en la sociedad. Nunca en la historia, las imágenes de mujeres, ya fueran las que producían ellas mismas o las que producían los demás, cambiaron tan radical y tan rápidamente. Lo vivido y lo imaginario se empujan*. (texto original).

Por meio desta perspectiva de análise, pretende-se abordar o Jornal Diário da Tarde (PR), buscando compreender o jornal e as representações de mulheres que foram veiculadas durante o período da Primeira Guerra Mundial.

1.3 O JORNAL DIÁRIO DA TARDE (PR): A IMPRENSA E A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

A imprensa no Brasil se instituiu no período imperial, mais precisamente em 1808, com a vinda da família real de Portugal. A "Gazeta do Rio de Janeiro", foi o primeiro periódico oficial impresso no Brasil e nasceu com o objetivo de informar "acerca dos atos do governo e trazia notícias do exterior, porém cuidadosamente filtrada pelos censores." (WOITOWICZ, 2015, p. 133). Instituído como porta voz da realeza, qualquer outro jornal que circulasse em território brasileiro era considerado ilegal (MARTINS; LUCA, 2008), apesar desta afirmação, pode-se dizer que

> [...] a nação brasileira nasce e cresce com a imprensa. Uma explica a outra. Amadurecem juntas. Os primeiros periódicos iriam assistir à transformação da Colônia em Império e participar intensamente do processo. A imprensa é, a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira. Tem certidão de nascimento lavrada em 1808, mas também é veículo para a reconstrução do passado. (MARTINS; LUCA, 2008, p. 6).

No Paraná, o processo de instituição de imprensa ocorreu tardiamente, sendo o último dos estados brasileiros a implementar o órgão. O jornal "O Dezenove de Dezembro" marca em 1854 o início da história da imprensa na capital curitibana. (PILOTTO, 1976; WOITOWICZ, 2015). Este jornal se identificava como "independente com tendências democráticas liberais, viveram as fases políticas dos últimos anos do Império, em que tomaram parte outros órgãos de imprensa." (PILOTTO, 1976, p. 13).

O Jornal Diário da Tarde, periódico curitibano, foi fundado por Estácio Correia[10], e teve sua primeira sede na rua XV de Novembro[11]. (SILVA; QUITZAU; SOARES, 2019). Sua primeira folha foi circulada em 18 de março de 1899 e estendeu sua circulação até os anos 1975; nos últimos anos era propriedade da Gazeta do Povo, pois o órgão já não possuía recursos para

[10] Além de Estácio Correia, a direção do jornal passou pelas mãos de intelectuais paranaenses, como Bernardo Veiga, Manoel Ferreira da Costa, Celestino Júnior, Arthur Obino e Jayme Ballão. Na galeria de seus redatores chefes figuraram personalidades do mundo das letras paranaenses, como Euclides Bandeira, Ermelino Leão e Leôncio Correia, além das contribuições de Dario Vellozo e Nestor Victor. (BENVENUTTI, 2004). (SILVA *et al*, 2019, p. 6).

[11] Em 1931, o referido jornal estava no trigésimo segundo ano de circulação, sob a gerencia de Aguilar Moraes e direção de Rodrigo de Freitas. Seu endereço de redação, administração e oficina era a Rua Marechal Deodoro, 65, centro da capital do Paraná (CAMPOS, 2013, p. 394).

se manter por si próprio. Este jornal passou pela mão de muitos editores e redatores, ao informar os fatos observa-se as posições diferenciadas tomadas ao longo do tempo.

O Jornal Diário da Tarde instituiu-se como expressivo veículo de informação na capital paranaense, "servindo como porta-voz de tendências, tensões e posicionamentos da sociedade em momentos distintos da vida pública." (WOITOWICZ, 2015, p. 58). Este jornal buscava retratar a sociedade curitibana em suas páginas; muitas das vezes trazia em suas linhas assuntos de outras localidades, visando sempre manter informado o seu público. O Jornal Diário da Tarde se colocava na sociedade curitibana como

> [...] um jornal de oposição, mantendo sua autonomia e publicando artigos sobre o mau uso da 'coisa pública'. Não foram poucos os ensejos em que o jornal manifestava hostilidade ao governo estadual, chegando a contar com uma coluna, intitulada Reclamações do Povo, na qual publicou diversas denúncias manifestas pela população acerca das condições da cidade. (GELBCKE, 2011, p. 12085).

Além de se colocar como opositor, observa-se uma postura de tentativa de neutralidade. Como divulgadores das notícias oficiais, os editores entravam em debates com outros jornais, disputando a verdade que deveria ser veiculada nas páginas dos jornais.

Assim, o jornal cumpria a sua função social como formador de opiniões, uma vez "que a empresa jornalística coloca no mercado um produto muito específico: a mercadoria política." (CAPELATTO, 1988, p. 18). Esta "mercadoria", não raramente, se colocava de maneira implícita, mas ao colocar-se como oposição o *Jornal Diário da Tarde* exprimia a sua opinião política, tornando-a pública e comercializável. Nesse sentido, "o jornal diário é parte de uma estrutura midiática de enorme impacto e cada vez mais, diversificada ação política e cultural" (VIEIRA, 2007b, p. 14 *apud* CAMPOS, 2013, p. 413).

As tendências culturais, inovações e ideias estavam nos periódicos que circulavam na sociedade, o que dava o *status* de relevância destes materiais para o público leitor:

> O grande número de jornais, revistas e livros editados e impressos na capital curitibana, entre fins do século XIX e início do século seguinte, deixam transparecer que havia um confronto de anseios, opiniões e ideologias, todas elas, buscando afirmar-se perante o público leitor. Reuniam-se em torno desses veículos um grupo maior de intelectuais; todos, a seu modo, apresentavam aos leitores outros ângulos de visão sobre a sociedade paranaense, pois viam-se 'iluminados' e sabedores de caminhos que poderiam ajudar no desenvolvimento cultural de todos os níveis sociais. (MYSKIW, 2008, p. 12).

As ideias de progresso e evolução se faziam presentes nos ideais da sociedade e, por isto, os jornais retratavam estes aspectos em suas páginas, como maneira de atrair público leitor.

Um aspecto importante a ser ressaltado e que pode ser observado no Jornal Diário da Tarde, é sobre as tecnologias do começo do século XX:

> Tecnologias como o cinematógrafo, o fonógrafo, o gramofone, os daguerreótipos, a linotipo e as Marinonis (máquinas rotativas) invadirão a cena urbana e o imaginário social na virada do século XIX para o XX, trazendo amplas transformações nos periódicos da época. Tais transformações se darão, dentre outros, no âmbito da temporalidade, trazendo para perto a possibilidade de informação de lugares distantes do mundo em um curto espaço de tempo. (PEREIRA A., 2012, p.6).

O uso do telégrafo acelerou a disseminação das notícias ou pronunciamentos oficiais de outros lugares do país e de outros países, fazendo com que apenas algumas horas fossem necessárias para que as pessoas tivessem informações sobre um fato que ocorria no extremo oposto do país ou ainda em outo continente. (HOBSBAWM, 2002). Este instrumento foi de grande uso durante a Primeira Guerra Mundial, visto que, assim, as notícias podiam ser transmitidas de maneira mais ágil, e um evento com as proporções que tomou e que eram desconhecidas até então, despertavam curiosidade. O Jornal Diário da Tarde veiculava em suas páginas interiores uma seção especial para telégrafos que chegavam de todos os lugares.

Outro ponto que vale a pena ser ressaltado e que diz respeito à característica visual dos jornais, é o fato de que as páginas dos jornais:

> [...] são preenchidas, em geral, por artigos dispostos em estreitas colunas, que iam do cabeçalho até o final da página. As reportagens contemplavam o local, o nacional e o internacional, principalmente quando este estava relacionado aos ‘grandes eventos’ políticos e econômicos. Muitas vezes, encontramos as reportagens e artigos divididos em duas ou mais partes espalhadas pelo jornal, dificultando o acompanhamento do conteúdo. Poucos textos trazem a informação de sua autoria. As propagandas ocupam espaço em quase todas as páginas dos jornais, geralmente anunciando remédios, produtos diversos das lojas da cidade, serviços de médicos e outros profissionais. (CONCEIÇÃO, 2012, p. 15).

O Jornal Diário da Tarde não deixou de tecer opiniões sobre o assunto. Em meio a tantas páginas disponíveis na Hemeroteca Digital, buscou-se encontrar matérias que relacionavam a guerra e a mulher. É notório destacar que boa parte das vezes os assuntos estavam na área denominado telegramas, algumas vezes estavam na primeira página e raras foram as vezes em que se observou destaque para matéria que tratava da relação entre mulher e guerra. Assim,

> [...] é possível entender que a guerra, de fato, aos poucos, estava fazendo parte do cotidiano de segmentos da população, tanto através das notícias de jornais, como por meio dos filmes exibidos nos cinemas. É como se aquela população, de alguma forma vivenciasse aquele conflito que acontecia há milhares de quilômetros, o que é algo

> impressionante, levando-se em consideração os meios de comunicação daquele contexto. (GOMES, 2019, p. 11).

A Primeira Guerra Mundial não teve grandes destaques nas primeiras semanas do conflito. Com as proporções que a Primeira Guerra Mundial foi rapidamente assumindo, a cessão telegrama muitas vezes apareceu na primeira página, principalmente quando os assuntos internacionais traziam notícias consideradas mais significativas sobre o momento. Vez ou outra as páginas ganhavam matérias especiais de análise do momento, mas sempre pautadas por notícias recebidas por meio do telégrafo. Essas estratégias nada mais eram do que maneiras de atrair público leitor para o jornal.

No dia 12 de agosto de 1914, o Jornal Diário da Tarde, fixou a seção telegrama no canto superior da primeira página. A manchete desta edição era: "A conflagração da Europa". Já os telegramas traziam assuntos relativos à guerra, como exemplo um que havia chegado de Londres:

> LONDRES, 12 – O correspondente militar do 'Times' antecipa o movimento combinado entre a esquadra e o exército da Alemanha contra a Inglaterra.
> Diz que o plano consiste em a esquadra alemã atacar inopinadamente a inglesa, enquanto simultaneamente numerosos transportes da guerra se esforçarão por desembarcar um forte exército na costa leste da Inglaterra.
> E crença geral que a Alemanha está prestes a tentar um de desespero, querendo, talvez, aterrorizar a Inglaterra, para ver se consegue que as tropas britânicas fiquem defendendo o reino e não insistam em reforçar os belgas e franceses.
> (JORNAL DIÁRIO DA TARDE, 12/08/1914)[12].

Essa notícia demonstrava o clima de tensão que vinha se estabelecendo entre os países europeus e como eles estavam se portando. As notícias sobre a guerra foram ganhando espaço dentro do jornal, no qual observa-se que as movimentações apresentadas nestes telegramas foram elencadas como importantes, uma vez que elas estavam ao lado da manchete e a seção estava na primeira página. Isto era uma das estratégias jornalísticas para atrair público. (PEREIRA, M., 2012).

Percebe-se que, de início, o espaço reservado ao assunto "guerra" era reduzido e este fato não ocorre somente no Jornal Diário da Tarde. Contudo, conforme o conflito foi se ampliando, o espaço a ele destinado nas páginas do periódico também tendeu a crescer e ganhar maior destaque, noticiando com maior frequência e visibilidade, uma vez que:

[12] Optou-se por transcrever as notícias com a grafia atual. Durante o trabalho poderá observar transcrição ou imagens dos artigos selecionados, esta variação se deu devido a qualidade da digitalização do jornal, onde em alguns casos se fossem citados por meio de imagens a qualidade prejudicaria o leitor, nestes casos optou-se pela transcrição completa ou parcial.

> [...] trazer notícias sobre a guerra já na primeira página, pode estar relacionado à obtenção de lucro, já que as notícias que são abordadas nas primeiras páginas dos jornais, são as que causam um maior impacto, desse modo, pode ser que o jornal estivesse encarando o evento que começava na Europa, como algo que iria trazer novidade aos leitores, que esperariam ansiosos pelo desenrolar do conflito. (GOMES, 2019, p. 7).

Durante o primeiro ano da Primeira Guerra Mundial, o Paraná passava pelo conflito da Guerra do Contestado, o qual ocupava a primeira página do Jornal Diário da Tarde, com as atualizações. Contudo, no "período correspondente aos meses de julho e agosto de 1914, quando a 1ª Guerra Mundial assume a primeira página do jornal, e o Contestado é deslocado no espaço do periódico para a seção de telegramas." (WOITOWICZ, 2015, p. 211), o que demonstra a importância que o Jornal Diário da Tarde estava dando ao evento.

Uma das primeiras notícias que se tem do conflito no Jornal Diário da Tarde é do dia 2 de julho de 1914, onde notam-se as seguintes palavras nas primeiras páginas:

> A notícia do atentado que vitimou o arquiduque Francisco Ferdinando e da duquesa Sofia de Hohenberg, sua mulher, produziu em Viena, a mais viva consternação.
> As casas de divertimentos públicos, os restaurantes e hotéis correram imediatamente suas portas e, à noite, todos os teatros e cinematógrafos suspenderam os seus espetáculos.
> [...]
> Telegramas desta manhã, procedentes de Luch, anunciam que o Imperador Francisco José partiu para capital, a fim de aguardar a chegada dos despojos do arquiduque Francisco Ferdinando e da duquesa Sofia.
> [...] (JORNAL DIÁRIO DA TARDE, 02/07/1914)

As primeiras notícias trouxeram em suas páginas o ocorrido com o arquiduque, mas o fato de que um conflito armado estava em processo de desenvolvimento, fez com que as notícias que chegavam por telegramas fossem dando espaço à formação das alianças e o conflito de modo geral. Assim,

> O ano de 1917, contudo, foi bem diferente. O Diário manteve à página 2 uma seção chamada 'A guerra no exterior', trazendo diariamente notícias do conflito. Em seu início, a guerra é tratada de forma distante, sendo as notícias simplesmente reproduzidas das agências de informação inglesas. Mas a notícia do afundamento do navio brasileiro mudou o panorama. Também em Curitiba, ela foi seguida de manifestações patrióticas e atos de destruição. (OLIVEIRA, 2012, p. 190).

A maneira como o jornal sucedeu as notícias da guerra em suas páginas determinava o público leitor. A guerra foi alocada para mais perto do seu público à medida que se colocava mais próxima do cenário brasileiro. O Jornal Diário da Tarde buscou tratar da guerra não mais

somente por telegramas, mas cedeu espaço dentro das colunas que eram destinadas a outros assuntos que atraiam mais público.

Em geral, o Jornal Diário da Tarde reservava sua primeira página com o seu nome em destaque no topo da página. Logo abaixo, observa-se em todas as edições a data a qual aquele jornal foi impresso. De modo geral, os artigos se dividiam em 6 ou 7 colunas, dependia da edição. De fato, cada seção apresentava um título, o qual se dispunha em letras maiores e negrito, para dar o destaque, mas estas letras não eram maiores do que a do nome do jornal no topo da página. O formato da letra igualmente variava. Bem ao fim da página observa-se pequenos anúncios. Os textos ganhavam duas colunas quando o assunto discutido era mais denso e poderia chamar mais atenção do leitor.

Na segunda página do jornal, tinha-se a disposição de continuação de matérias, espaço de telegramas. Os telegramas em geral eram divididos em dois: os nacionais e os do exterior. Observa-se que, com o conflito da Primeira Guerra Mundial, o número de telegramas do exterior tendeu a crescer, o que nos leva a pensar que o conflito ganhou importância aos olhos do jornal.

Em geral, o Jornal Diário da Tarde apresentava de 4 a 8 páginas; as últimas eram disputadas pelos comerciantes. Propagandas se mesclavam com anúncios de empregos ou ainda de achados e perdidos. A disposição e tamanho de cada anúncio variava, arrisca-se a dizer que é devido a quantia paga para expor o anúncio. E é por conta dos financiadores que

> O pesquisador deve ter ciência de que um periódico, independente de seu perfil, está envolvido em um jogo de interesses, ora convergentes, ora conflitantes, buscando evidenciar – e cativar – o seu público-leitor. O que está escrito nele nem sempre é um relato fidedigno, pois há, nos bastidores de sua reportagem, muitas vezes, a defesa de um posicionamento político, de um poder econômico, de uma causa social, de um alcance a um público alvo etc., advindos das pressões de governantes, grupos financeiros, anunciantes, leitores, grupos políticos e sociais, muitas vezes de modo dissimulado, disfarçado. (LAPUENTE, 2016, p. 18).

Vale pensar no papel que a imprensa tinha naquele início do século XX. Este veículo de informação exercia importante papel na sociedade; é ele quem transmitia boa parte das informações em um tempo. Dimensionar o público leitor que tinha acesso ao jornal é um pouco complicado, uma vez que os jornais não costumavam colocar o número de tiragens dos exemplares.

Importante pensar também que o jornal era item que majoritariamente a elite comprava, uma vez que o analfabetismo se fazia presente em grandes proporções na sociedade. Mas, mesmo com um baixo público e sendo mais ou menos limitado, o jornal exercia

importante influência dentro da sociedade, era formador e difusor de opiniões, os jornais defendiam determinadas posições, mesmo os que se diziam neutros. Eles vinculavam notícias e produtos, além de pensamentos sobre o que os editores e redatores acreditavam, "Muito embora não seja possível precisar exatamente a penetração social, tudo indica que essas matérias atingiam as classes alta e média. Logo, a capacidade de apreensão direta do conhecimento científico era restrita. (ANDRADE; CARDOSO, 2001, p. 245).

Pode-se, ainda, continuar a afirmar que os jornais se destinavam a pequena parcela de letrados, que de alguma maneira tiveram acesso à educação. Havia quem fosse letrado que não consumisse o jornal, bem como os que sabiam ler e não possuíam dinheiro[13] para adquiri-los. Ao serem descartados, os jornais circulavam em outros espaços, "despertando interesse e sendo lido de diversas maneiras: pelas imagens, pelos comentários de um leitor ou pela leitura em voz alta de um conhecido ou membro da família alfabetizado." (CONCEIÇÃO, 2012, p. 16), assim os jornais eram lidos e interpretados segundo as leituras que os eram disponíveis.

Assim, pode-se deixar a entender que o Jornal Diário da Tarde estava inserido na sociedade curitibana, onde exerceu seu papel de influência ao colocar a opinião em suas páginas. Durante a Primeira Guerra Mundial, ele oscilou com as suas notícias sobre o conflito, a fim de atender as expectativas do público.

[13] Nesse período a moeda brasileira era o real, plural, réis: $100 (100 réis), 100$000 (cem mil réis), 100:000$000 (100 contos de réis). Em Curitiba, em 1920, um número avulso do jornal Gazeta do Povo custava $100, a assinatura semestral, 15$000, e a anual, 25$; o avulso do Diário da Tarde era vendido por $100, a assinatura semestral, 15$000, e a anual custava, 28$000. Neste ano, o bilhete inteiro da Loteria da Capital federal custava 10$000, mesmo valor de uma sombrinha. Uma linha para marcar novelo valia $200 (Gazeta do Povo, 10/06/1920, p. 3). Em 1923, primeiro ano de circulação do Jornal O Dia, o volume avulso também era vendido por $100 (os valores semestral e anual não foram divulgados). (CONCEIÇÃO, 2012, p. 16).

CAPÍTULO 2
PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL: UM CONFLITO CATALISADOR

A Primeira Guerra Mundial é vista como marcador temporal para a história quando se trata da transição entre o século XIX e XX. Este conflito, mexeu com o imaginário europeu durante o seu desenvolvimento; as mudanças sociais por ele provocadas mostraram como a humanidade poderia ser fria e cruel, a guerra no *front* mostrou a hostilidade que o ser humano poderia agir perante o outro, o que contestou os ideais de progresso, que eram marcantes neste século.

Pelas grandes proporções que o conflitou tomou, convencionou-se a chamar de Grande Guerra, sua nomenclatura muda apenas após os anos de 1939, com o início da Segunda Guerra Mundial. Com as elevadas perdas e dificuldades impostas por este conflito, a sociedade se reconfigurou, como maneira de adaptação ao momento, e com isto, observa-se a inserção das mulheres em cargos até então negados a elas. Se o trabalho fazia parte da vida social das mulheres, a guerra acelerou o processo, possibilitando conquistas como o direito ao voto para mulheres de países que até então negavam isto a elas. A ocupação de trabalhos para além do trabalho doméstico também ganhou outra perspectiva, inserindo as mulheres como maneira de suprir as lacunas deixadas pelos homens soldados. Sua participação no *front*, mesmo que de maneira limitada, esteve presente em determinados momentos, como meio preencher as perdas de soldados.

É voltado para estes dois aspectos que este segundo capítulo se insere, buscando compreender o processo do conflito e principalmente como a guerra atingiu as mulheres, tentando desenhar o cenário do trabalho e *front* ao qual as mulheres foram inseridas.

2.1 O CENÁRIO EUROPEU E A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Durante o século XIX, a Europa passava por reconfigurações socioculturais e políticas, ideias nacionalistas ganhavam espaço, impulsionadas pelo fortalecimento dos estados-nações, os quais pautaram a nova configuração geopolítica mundial. A eminência de uma guerra estava sendo suposta pelas potências europeias, “desde 1815 não houvera nenhuma guerra envolvendo as potencias europeias.” (HOBSBAWM, 2002, p. 418), o que fez com que os exércitos fortalecidos tivessem apenas um objetivo civil. Nesse sentido,

> Na década de 1890, a preocupação com a guerra foi suficiente para gerar o Congresso Mundial (universal) para a Paz – o vigésimo primeiro estava previsto para setembro de 1914 em Viena-, o Prêmio Nobel da Paz (1897) e a primeira das Conferencias de

> Paz de Haia (1899), reuniões internacionais de representantes majoritariamente céticos de governos e a primeira de muitas das reuniões que tiveram lugar desde então, nas quais os governos declararam seu compromisso decidido, porém teórico, com o ideal da paz, nos anos 1900, a guerra ficou visivelmente mais próxima e nos anos 1910 podia ser e era considerada iminente. (HOBSBAWM, 2002, p. 421).

De um lado, havia estes encontros pela paz, e ao mesmo tempo, acreditava-se que caso houvesse um conflito, não existiria a sustentação de um conflito de longa duração. Este fato se dá principalmente por acreditar-se no caos que uma guerra de grandes proporções poderia causar à economia e à sociedade da Europa, o que levaria a uma negociação rápida pela paz. Contudo,

> O que poucos perceberam – embora Bloch assinalasse – é que os governos europeus tinham uma capacidade, ainda não testada, de extrair recursos de suas sociedades por meio de impostos, de gerenciar suas economias e liberar homens para a linha de frente com a utilização de mulheres nos postos de trabalho. (MACMILLAN, 2014, p. 681).

A proximidade de um conflito armado colocava em xeque a racionalidade que pautava o pensamento intelectual daquele início do século XX. O que ninguém imaginava ao pensar sobre um conflito armado era que conceitos básicos como "paz" poderiam ser ressignificados e que a ideia de guerra como meio ideal e necessário de resolução de conflitos ganharia outra conotação na sociedade questionando a civilidade. Nesse sentido,

> Civilização e lei, portanto, eram praticamente sinônimos. A civilização só se tornava possível quando se praticava o jogo segundo regras estabelecidas pelo tempo, pela história, pelos precedentes, o que em conjunto equivalia à lei. A civilização era uma questão de valores objetivos, de forma externa, de comportamento e não de sentimento, de dever e não de capricho. (EKSTEINS, 1992, p. 157).

Assim, entre questionamentos sobre o que se estava desenhando na sociedade *versus* o que se buscava com um conflito armado, formam o cenário europeu nas disputas no *front* e pela sobrevivência nas cidades que eram atingidas de maneira direta ou indiretamente. Historiadores afirmam que a Primeira Guerra Mundial foi a grande guerra da burguesia, uma vez que esta "refletia a preocupação da classe média do século XIX com crescimento, ganho, realização e tamanho. Máquinas, impérios, exércitos, burocracias, pontes, navios, tudo aumentou de tamanho no século XIX, este século maximalista;" (EKSTEINS, 1992, p. 229).

De pequenos conflitos, a Europa cedeu espaço para o evento que marcou o início do século XX. Sua grandiosidade promoveu questionamentos, principalmente entre intelectuais, sobre o progresso que a humanidade acreditava ter atingido até então e que este não poderia se abalar, uma vez que a racionalidade pautava a sociedade.

Foi após 28 de junho de 1914 que a Primeira Guerra Mundial ganhou força, levando a formação de alianças, onde Alemanha, Itália e o Império Austro-Húngaro, formaram a Tríplice aliança, já a França, Reino Unido e Rússia, constituíram a Tríplice Entente. A morte do arquiduque Francisco Ferdinando e sua esposa serviram como justificativa para que o conflito se alastrasse por toda Europa. Se pouco antes se tinha conflitos isolados e sem justificativa, agora poderiam justificar invasões e ataques. A configuração da guerra, aos poucos tomou conta do cenário social e político em toda a Europa, os objetivos bélicos no início não eram definidos, como, por exemplo, na Alemanha "até setembro o governo e os militares não tinham objetivos bélicos concretos, apenas uma estratégia e uma visão, a da expansão alemã num sentido mais existencial que físico." (EKSTEINS, 1992, p. 123). Assim,

> A Grande Guerra começou no lado da Europa oposto a Louvain, em Sarajevo, nos Balcãs, com o assassínio do Arquiduque Franz Ferdinand, herdeiro do trono da Áustria-Hungria. Como os incêndios que devoraram Louvain, esse ato disparou um conflito que se expandiu a toda a Europa e a muitas partes do mundo. As maiores batalhas e perdas foram nas frentes ocidental e oriental, mas também houve combates nos Balcãs, no norte da Itália, no Oriente Médio e no Cáucaso, bem como no Extremo Oriente, no Pacífico e na África. Soldados de todo o mundo derramaram-se na Europa, vindos da Índia, do Canadá, da Nova Zelândia e da Austrália (no Império Britânico) ou da Argélia e da África subsaariana no francês. A China enviou 'coolies' para transportar suprimentos e cavar trincheiras para os aliados, enquanto o Japão, também aliado, ajudou a patrulhar as rotas marítimas mundiais. Em 1917 os Estados Unidos, não mais suportando as provocações alemãs, entraram na guerra. Perderam cerca de 114 mil soldados e vieram a concluir que haviam sido levados a se envolver em um grande conflito no qual não tinham qualquer interesse. (MACMILLAN, 2014, p .21).

Pelas proporções que o conflito tomou, convencionou-se a chamá-la de Grande Guerra, como expressão do que nunca se havia visto antes, pelas baixas de soldados, pela destruição e ruína que esta deixou. Após 1939, percebeu-se que não podia manter esta nomenclatura para este evento, uma vez que estava se instalando outro de proporções tão destruidoras quanto o que se tinha visto, assim a Grande Guerra passou a ser chamada Primeira Guerra Mundial. (MACMILLAN, 2014, p. 22).

O significado que a Primeira Guerra Mundial adquiriu durante o desenvolvimento variou em cada nação ao longo de seu desenvolvimento. Os sentimentos da população em relação a este evento bélico mostraram-se a favor ao início da guerra e as expectativas eram grandes, mas com o desenrolar dela a insatisfação se destacou entre as falas da sociedade. De fato, cada nação tinha seus motivos para entrar no conflito. Entre os motivos do início do conflito podemos dizer que:

> Há muitas explicações possíveis; na verdade, tantas que é difícil escolher entre elas. Para começar, a corrida armamentista, rígidos planos militares, rivalidade econômica, guerras comerciais, o imperialismo com sua busca de colônias ou os sistemas de alianças dividindo a Europa em campos antagônicos. Ideias e emoções muitas vezes cruzaram fronteiras nacionais: o nacionalismo, com seus repulsivos cavaleiros do ódio e desprezo pelos outros; medos de perdas ou revoluções, de terroristas e anarquistas; esperanças de mudança e de um mundo melhor; exigências de honra e virilidade mandando não recuar ou parecer fraco; ou Darwinismo Social, que classificava sociedades como se fossem espécies e promovia uma crença não só na evolução e no progresso, mas também na inevitabilidade da luta. (MACMILLAN, 2014, p. 23).

Olhar para guerra atualmente possibilita entender que os interesses sobre um conflito giravam em torno das "rivalidades por colônias, a competição econômica, os nacionalismos étnicos que iam esfacelando os decadentes impérios Otomano e Austro-Húngaro e o crescimento de uma opinião pública nacionalista" (MACMILLAN, 2014, p. 26). Se anteriormente o progresso nas ciências e tecnologias significavam o ápice de desenvolvimento da humanidade, com a Guerra esta ideia desmoronou, mostrando a real face do ser humano. Segundo MacMillan ou "a guerra não foi culpa de ninguém ou foi culpa de todos" (MACMILLAN, 2014, p. 30), ou seja, não é possível encontrar um único culpado diante dos muitos motivos que levaram a eclosão do conflito.

Pode-se dizer que antes da guerra ser real, foi imaginada, e este imaginário em torno da guerra foi sustentado pelas propagandas de recrutamento, pelos ideais que circulavam, e, principalmente, pelo fato de que a ideia de proteger a nação era bem aceita. Farge afirma que fruto da

> [...] construção social, a guerra é o produto de uma multiplicidade de racionalidades. Pode-se trazê-las à luz (como acaba de ser proposto para a história da violência) a fim de que a guerra apareça não como um ato submetido às invariantes da natureza humana, mas deliberamente escolhido em função de critérios que, uma vez estabelecidos tem chance de se revelarem modificáveis no porvir. (FARGE, 1997, p. 46).

A Primeira Guerra Mundial alterou as concepções sobre o mundo. A vida no *front* se mostrou dura e intensa, conviver com ratos, piolhos, sob constante ameaça de ataque e em vários momentos suportar os ferimentos, fez com que a exaltação do que se imaginava ser guerra alterasse (EKSTEINS, 1992). Foi inevitável que a face do inimigo desaparecesse, a partir daquele momento, lutava-se contra um Estado e não mais contra pessoas, assim, o *front* tornou-se uma máquina de matar, "A questão dos objetivos da guerra nunca passou de um expediente político que refletia as vicissitudes do front. Era o front que ditava os objetivos da guerra, não o contrário." (EKSTEINS, 1992, p. 203).

Os desdobramentos da Guerra levaram a uma mudança na maneira de como se sentiam com relação a isto, o que no início era marcado por disposição a participar da Guerra, com o passar do tempo a euforia já não era mesma. Nesse sentido, "Ninguém era capaz de imaginar que o que aguardava os combatentes, em curto período, era uma grande carnificina de homens confinados em trincheiras fétidas e cheias de piolhos." (STANCIK, 2014, p. 457). A realidade imaginada da guerra se mostrou diferente após o conflito iniciar, ao que Farge salienta:

> A guerra é o exemplo do sofrimento por excelência, mas de um sofrimento avalizado – ou mesmo engolido- pelo aspecto dito necessário e inevitável do conflito- aspecto jamais reinterrogado. A guerra tem isto de exemplar ou de atroz: acarreta para a sociedade inteira uma maneira de tolerar ou de se arranjar com ela que oculta o sofrimento individual sentido. (FARGE, 1997, p. 19).

A barbárie e a civilização são categorias que de certo modo dão um significado explicativo para a guerra, principalmente pela violência que esta envolve. Se no final do século acreditava-se no mito de que a sociedade europeia havia atingido um nível alto de progresso, com a Guerra passou-se a observar "um questionamento dos pilares de toda a 'civilização europeia'". (PEREIRA M., 2012, p. 111). Os questionamentos sobre o rumo da civilidade naquele momento estavam sendo questionados.

O recrutamento de homens para defender suas pátrias foi intenso. Nos primeiros meses de alistamento, havia um sentimento de pertencimento e dever a ser cumprido pela pátria, assim a mobilização em torno da Guerra foi grande. Contudo,

> Embora a maioria, dos soldados conservasse seu senso do dever, alguns começaram a se expressar sobre o outro aspecto de sua situação dicotômica: a sensação de alheamento, marginalidade e, ao mesmo tempo, novidade; isto é, a ideia de que o mundo vivia a agonia da destruição, que então parecia irreversível, mas também um processo de renovação, que parecia inevitável. Neste último processo havia uma realidade de implicações espantosas: o soldado representava uma força criativa. Como agente de destruição e também de regeneração, de morte e renascimento, o soldado tendia a se ver como uma personalidade 'limite', como um paladino da mudança e de uma nova vida. (EKSTEINS, 1992, p. 271).

A saída de soldados para os campos de batalha significava a diminuição da população, uma vez que estes poderiam não voltar da vida do *front*. Com as baixas do exército, as cidades precisaram adaptar-se com as novas mudanças, principalmente pela falta de mão de obra. O soldado é ressignificado em suas ações no pós Guerra, o que fez com que muitos soldados se sentissem deslocados do "novo" mundo, com novos valores, "mas o que merece atenção no contexto da guerra é que, apesar da crescente insatisfação, a guerra continuava, e por uma única razão: o soldado queria continuar a lutar." (EKSTEINS, 1992, p. 227). Dessa forma,

> A Grande Guerra assinalou uma fratura na história europeia. Antes de 1914, a Europa, apesar de todos seus problemas, tinha a esperança de que o mundo se tornava um lugar melhor e que a civilização humana estivesse avançando. Depois de 1918, os europeus já não podiam alimentar essa fé. Quando olhavam para trás e viam o mundo que desfrutavam antes do conflito, não podiam deixar de experimentar uma sensação de perda e desperdício. (MACMILLAN, 2014, p. 686).

Pode-se encontrar uma divisão dos 4 anos de guerra, sendo em 1915 a consolidação do conflito de forma definitiva. De 1916 a 1917, a guerra de desgaste, onde as batalhas foram mais constantes e a as novas tecnologias bélicas se mostraram com mais força dentro do cenário de conflito. De acordo com Hobsbawm: "Em 1916, o cansaço de guerra transformava-se em hostilidade surda e calada em relação a matança aparentemente interminável e incerta, que ninguém parecia ter vontade de acabar." (HOBSBAWM, 2002, p. 65). E a última fase, de 1918, foi de desenlace. Durante todo o tempo do conflito, a população foi mobilizada de alguma forma. A vontade de defender o país era nitidamente notada na população nos primeiros meses do conflito, o clima de euforia fazia com que muitos se alistassem, e os que não podiam, atuavam como propagandistas, motoristas de ambulância ou artistas da guerra, expressando a monumentalidade que a guerra expressava. (EKSTEINS, 1992; MACMILLAN, 2014).

O Brasil, enquanto país disposto a entrar no conflito, se deu somente no ano de 1917, após longas resistências. Pode se dizer que a neutralidade do país tentava passar uma mensagem:

> A neutralidade no conflito, adotada inicialmente, encontra sustentação em vários níveis. Ausência de informações precisas, distância e caráter europeu que a guerra assumiu em seus primeiros momentos, relações comerciais e acordos políticos entre o Brasil e os países beligerantes, receio de atiçar rivalidades internas entre membros das comunidades de imigrantes alemães e cidadãos brasileiros, pequena capacidade bélica local. (OLIVEIRA, 2012, p. 197).

Um espaço que a Guerra sempre ocupou no Brasil foi as linhas dos jornais. Estes, no ano de 1914, ainda não publicavam de forma cotidiana sobre a Guerra, em boa parte das vezes as notícias se davam por meio dos telegramas que chegavam do outro lado do continente. Os artigos dedicados à Guerra e que se localizavam na primeira página, em geral, eram poucos; publicar na primeira página significava maneiras de chamar o público. Assim, a guerra adquiriu espaço significativo nos jornais quando se observou que seria rentável para o jornal e que o público estava disposto a receber esta informação. Nesse sentido,

> A Primeira Guerra divide espaços nobres do jornal, mesmo antes da entrada no Brasil nela, mas não ganha as manchetes todos os dias Dois motivos explicam o fato, segundo

> Garambone: em primeiro lugar o mundo nunca havia assistido uma guerra dessa magnitude, então não havia parâmetros para medir a sua importância e o espaço dedicado a mesma nos jornais e, em segundo lugar, a imprensa acreditava que era mais importante dar destaque a fatos locais do que a movimentação de exércitos distantes. (PEREIRA, A, 2012, p. 9).

A Europa passou a ocupar as discussões nos jornais após as primeiras movimentações geradas pela morte do então arquiduque do Império austro-húngaro, Francisco Fernando; cada decisão tomada, cada movimentação dos países foi retratada nos jornais. Os artigos tentavam dar a dimensão do conflito que estava acontecendo. É importante notar que a narrativa em países fora da Europa, como o Brasil, se construía principalmente com informações que chegavam através do telégrafo. Eventos como a invasão de territórios, a formação de batalhões e a mobilização de mulheres para o trabalho e o *front* aparecem nas páginas dos jornais brasileiros, ora em destaque ora em espaços não privilegiados, bem como os outros acontecimentos da Primeira Guerra Mundial apresentavam-se dentro das páginas dos jornais, dispondo-se de maneira a depender da importância dada ao fato. (BRASIL; NASCIMENTO, 2020; GOMES, 2019; PEREIRA M., 2012).

A saída de homens para o campo de batalha significava a perda de mão de obra dentro das cidades e mesmo no campo. A solução encontrada por boa parte dos países foi a de recrutar mulheres para os mais diversos cargos, suprindo parte do desfalque que se encontrava. (GRAYZEL, 2014; LAGRAVE, 1990). Este aspecto também foi retratado em páginas dos jornais.

Após quase quatro anos de conflitos, entre baixas de soldados, em meio a uma crise econômica e social, a Guerra se encaminha para um encerramento. Então,

> Em 1918, o poder das forças combinadas de seus inimigos foi demasiado para as Potências Centrais, e uma a uma elas apelaram por paz, culminando, finalmente, com a própria Alemanha pedindo um armistício. Quando os canhões silenciaram, em 11 de novembro, o mundo estava bem diferente do que fora em 1914. Em toda a Europa as velhas fissuras nas sociedades, temporariamente empapeladas no começo do conflito, ressurgiram à medida que a guerra seguiu seu curso, trazendo ônus cada vez mais pesados. À medida que a intranquilidade social e política se espalhava, regimes velhos desmoronaram, incapazes de preservar a confiança de seus povos ou de atender às suas expectativas. (MACMILLAN, 2014, p. 684).

Os reflexos do armistício repercutiram posteriormente, o que colocou em questionamento novamente a sociedade, levando à Segunda Guerra Mundial. Dentre as mudanças ocasionadas pela Guerra, refletiu na maneira de ser mulher durante e no pós-guerra, alterando concepções. Pode-se dizer que a Guerra não foi unicamente a responsável por isto,

pois há a existência do movimento feminista prévia e concomitantemente, contudo, a guerra permitiu a aceleração da ocupação das mulheres em diferentes espaços sociais.

2.2 A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL: NOVAS POSSIBILIDADES PARA AS MULHERES!

O desenrolar do conflito exigiu que muitos homens fossem recrutados aos exércitos, esvaziando muitos espaços. As mulheres, por sua vez, sujeitas na maior parte do tempo aos trabalhos domésticos, se viram convidadas a assumir novos postos para garantir o próprio sustento e suprir a falta da principal mão de obra naquele período, a masculina. A escala global e total da guerra, a partir de 1917, fez com que mulheres se vissem envolvidas em atividades que até então eram estranhas ao gênero feminino, como, por exemplo, produção de munições, o trato do campo, funções administrativas, condução de transportes, entre outras atividades. (GRAYZEL, 2014).

De início, a Guerra gerou na população o sentimento de dever se alistar e de estar pronto para defender a pátria, mas com o decorrer dos dias, as constantes faltas de alimentos nos locais e o aumento número de mortes gerou certo desespero, fazendo com que donas-de-casa corressem para as mercearias, a fim de garantirem alimentos essenciais. Nesse sentido,

> Muitos proprietários de armazéns aproveitam a oportunidade para ganhar um dinheiro extra: o sal, a aveia e a farinha, todos têm significativo aumento de preço. Nas seções de alimentos das grandes lojas do centro de Berlim os enlatados são surripiados. No final da tarde, por ordem da polícia, alguns magazines fecham as portas. (EKSTEINS, 1992, p. 86).

A inserção das mulheres em novos postos já estava ocorrendo, com mudanças sociais propostas pelo movimento feminista. No fim do século XIX e início do XX, as lutas pela conquista ao voto tomaram conta do cenário social da Europa. Entre as lutas também passaram a ser incorporadas discussões sobre o papel da mulher na sociedade, questionando-se a ideia de poder do homem sobre as decisões das mulheres. Assim,

> É na luta pela visibilidade da ‘questão feminina’, pela conquista e ampliação dos seus direitos específicos, pelo fortalecimento da identidade da mulher, que nasce um contradiscurso feminista e que se constitui um campo feminista do conhecimento. É a partir de uma luta política que nasce uma linguagem feminista. (RAGO, 1998, p. 32).

Pode-se dizer que a Primeira Guerra Mundial atuou como evento catalisador das lutas femininas, levando aos postos de trabalhos por muito tempo negados a elas. Se no século XIX

as mulheres ganharam certa independência por meio das máquinas de costura (PERROT, 2017), com o desenvolver da Guerra, nota-se espaços de chefias de fábricas, transportes e mesmo agricultura, sendo comandado por mulheres. Nessa perspectiva,

> Vale também lembrar que o capitalismo permitiu que muitas tivessem seu trabalho fora do 'lar' reconhecido, mesmo que em condições desiguais. Do mesmo modo, a Primeira Guerra Mundial proporcionou a ocupação em profissões marcadamente direcionadas a homens, já que saíram para as lutas, permitindo que muitas passassem a reivindicar por essas profissões de forma contínua nas décadas seguintes. A escolha e a conquista de algumas dessas mulheres em continuarem a atuar no espaço público após ao fim da Primeira Guerra Mundial, mesmo que se esperasse o retorno delas 'aos lares', representa uma vitória diante dos argumentos que permitiram suas saídas, em decorrência da falta dos homens em casa, da necessidade de sustentar o lar, ou mesmo, para produzir nas fábricas na ausência de homens. (ZOMER, 2019, p. 197).

Se por um lado se tem um aumento do número de mulheres nas fábricas, para suprir a mão de obra masculina, por outro, tem-se o discurso de negação da mulher enquanto trabalhadora, anterior ao período de guerra. Por isso,

> Apesar do discurso que tende a apresentar as mulheres como não tendo profissão, na realidade as mulheres trabalham, especialmente em França. De 1906 a 1946, as mulheres francesas representavam 36,6 a 37,9% da população activa, em comparação com os 28,5% da Grã-Bretanha. De facto, embora em ambos os países as mulheres jovens modestas sejam encorajadas a trabalhar antes do casamento, em Inglaterra o trabalho é excepcional para as mulheres casadas (14 a 16 por cento), enquanto que em França é um lugar comum. (SOHN, 1990, p. 132, tradução nossa)[14].

O trabalho estava presente na vida social, de fato, "as mulheres sempre trabalharam. Elas nem sempre exerceram 'profissões'" (PERROT, 2005, p. 251). O que estes discursos sobre a existência de mulheres no trabalho buscam fazer é reforçar a ideia de a mulher estar cumprindo a sua suposta função social: a de cuidado da casa e do filho. Sendo assim,

> É verdade que, para as mulheres, a guerra é uma experiência sem precedentes de liberdade e responsabilidade. Em primeiro lugar, devido à valorização do trabalho das mulheres ao serviço do seu país e à abertura de novas oportunidades profissionais, novas oportunidades em que, muitas vezes com prazer, descobrem a utilização de ferramentas e técnicas que nunca tinham conhecido antes. Pela força da necessidade, a guerra removeu as barreiras que separavam os empregos dos homens dos empregos das mulheres e fechou muitas profissões superiores às mulheres. (THÉBAUD, 1990, p. 65)[15].

---

[14] *Apesar del discurso tendente a presentar la mujer como sin profesión, en realidad las mujeres trabajan, sobre todo em Francia. De 1906 a 1946, las francesas constituyen del 36,6 al 37,9 por 100 de la población activa, contra 28,5 por 100 em Gran Bretaña. En efecto, si bien en ambos países se recomenda a las jóvenes modestas que trabajen antes de casarse, en Inglaterra el trabajo es excepcional en las mujeres casadas (14 a 16 por 100), mientras que es corriente en Francia*. (texto original).

[15] *Es verdad que, para las mujeres, la guerra constituye uma experiencia de libertad y de responsabilidad sin precedentes. Ante todo, por la valorización del trabajo femenino al servicio de la patria y por la apertura de*

Ainda, havia a ideia de que o trabalho masculino era mais importante e que deveria ser exaltado, devido a suprir as necessidades da família, mas as mulheres, ao trabalharem, estariam abandonando a família: "Os homens 'entram na corrida'; as mulheres abandonam o lar." (LAGRAVE, 1990, p. 508, tradução nossa)[16] e, com isto, a divisão sexual socialmente imposta e acentuada durante o século XIX era mais uma vez reforçada. (PERROT, 2017).

Michelle Perrot busca colocar a guerra não como evento que mudou os papéis de cada sexo instituídos socialmente, pois, segundo ela, se durante a guerra "a mulher trabalha, ela o faz como mãe ou como esposa que substitui o soldado; humilde dublê, ela não trabalha para si mesma." (PERROT, 2017, p. 438). Esta afirmação está estritamente ligada à condição que se colocou a mulher no pós-guerra, ou seja,

> [...] considera que as mudanças ocorridas foram apenas provisórias, e que, após a guerra, presenciou-se um retorno aos antigos significados do gênero, com reforço na rigidez das afirmações da diferença. Ou seja: é como se, após a guerra (período considerado de exceção), homens e mulheres tivessem voltado aos seus 'devidos lugares'; assim, todas aquelas que haviam sido convidadas a participar de diferentes funções costumeiramente atribuídas aos homens, teriam sido convidadas a retornar para suas antigas atividades, ligadas à casa e ao privado. (PEDRO, 2005, p. 89).

Mas o que não se pode negar é que no período em que compreendeu a guerra, as mulheres conseguiram aproveitar para "a ampliação do conceito de cidadania, o direito à história e à memória" (RAGO, 1998, p. 41), possibilitando o surgimento destes debates também na produção do conhecimento, refletindo até atualmente.

A Grande Guerra mostrou que a força feminina se tornou necessária, mas isto não quer dizer bem-vista. Por vezes, a utilização da força de trabalho feminino foi criticada, a formação de batalhões femininos atacados nos discursos de jornais e a posição "natural" da mulher da sociedade usada como justificativa para a não aceitação. Mas,

> De qualquer modo, todas eram/são mulheres, com vidas tangenciadas por diversos estereótipos e preconceitos, vivendo angústias comuns, mobilizadas em defesa de pautas muitas vezes mal compreendidas, sendo vistas, por conta disso, como 'loucas' ou fora do padrão (SCOTT, 2002:18-32) (ZOMER, 2019, p. 194).

Observa-se que a guerra passou a condicionar a presença das mulheres em lugares que antes não eram designados a elas. Em um primeiro momento, considera-se que houve uma

---

nuevas oportunidades profesionales, nuevas oportunidades en las que, muchas veces con placer, descubren el manejo de herramientas y de técnicas ignoradas. Por la fuerza de la necesidad, la guerra elimina las barreras que separaban trabajos masculinos y trabajos femeninos y cerraban a las mujeres muchas profesiones superiores. (texto original).

[16] *Los hombres "entran en la carrera"; las mujeres, en cambio, desertan del hogar* (texto original).

mudança de concepção do lugar social da mulher, a emancipação feminina que já vinha ganhando espaço na sociedade foi catalisada, mas, ao afirmar isto, não se pode deixar obscurecer o lado da luta das mulheres pelos seus direitos. Trajes denominados masculinos foram apropriados pelas mulheres; lugares e cargos não usualmente preenchidos por elas tomaram novos rumos. Então,

> A crescente independência das mulheres, à medida que ingressavam na força de trabalho devido à ausência de homens, acarretou o relaxamento das restrições morais da autoridade doméstica e paterna. Era agora maior o número de mulheres que tinham aposentos próprios onde recebiam amigos do sexo masculino. Se o ataque a um código moral fixo já fora desfechado antes de 1914, a guerra funcionou como um aríete. A moralidade e o sexo deixaram de ser uma questão de preceito social para se tornarem cada vez mais um problema de consciência individual. (EKSTEINS, 1992, p. 288).

As novas concepções sobre o que era ser mulher estimulavam a repensar a guerra enquanto exclusividade masculina, o que leva a constar que novas responsabilidades e ofícios são designados às mulheres, dando mobilidade e confiança a elas mesmas. (THÉBAUD, 1990). Ao mesmo passo que, em alguns países, há uma maior mobilidade a elas, mulheres britânicas são freadas com medidas que visavam dar uma pensão para que o trabalho fora da casa não fizesse parte da vida feminina. Estes auxílios em geral visavam ressaltar o papel de "esposa", ou seja, havia uma busca por um ideal feminino reforçado pelo Estado e este auxílio era apenas um meio de controle. (GRAYZEL, 2014).

Se a guerra, por um lado, facilitou a libertação das mulheres em alguns aspectos, por outro, qual seria o papel da mulher durante a guerra? Se a guerra recrutou intenso contingente de homens para lutar no *front*, a mulher teve que continuar sua batalha na sociedade predominantemente patriarcal e a qual as sujeitava a uma série de restrições. Mas, ao mesmo tempo, acredita-se que países que cederam maiores espaços para as mulheres nos campos de trabalho, obtiveram melhores resultados em campo, supondo que as mulheres sustentaram a nação durante o conflito. Dessa forma,

> Obviamente, esse fator não é o único responsável pelo resultado da guerra. No entanto, se pensarmos nas condições de guerra como um todo, a capacidade de nações como a Grã-Bretanha de mobilizar uma força de trabalho feminina ganhando o apoio da liderança sindical, em contraste com a Alemanha, onde tal liderança se opôs, ajudou o esforço de guerra tanto em termos de fornecendo suporte material e elevando o moral. (GRAYZEL, 2014, tradução nossa)[17].

[17] *Obviously, this factor is not solely responsible for the war's outcome. Nonetheless, if we think of wartime conditions as a whole, the capacity of nations like Britain to mobilize a female workforce by gaining the support of trade union leadership, in contrast to Germany where such leadership opposed it, helped the war effort both in terms of supplying material support and bolstering morale.* (texto original)

A ideia de que a mulher foi papel fundamental para a sustentação da guerra não nasce somente pela entrada de mulheres em campos até então não ocupados por elas, e sim porque criou-se um imaginário no entorno da mulher. Essas propagandas representavam as mulheres de ícones maternos a tentações sexuais, buscando ressaltar a "importância do apoio das mulheres e a necessidade de preservar as noções tradicionais de feminilidade uma parte essencial do esforço de guerra." (GRAYZEL, 2014, tradução nossa)[18], o ato de inclusão das mulheres como força de trabalho evidenciou as mudanças que a guerra estava pautando na vida das mulheres.

Notam-se que o trabalho feminino começou a ser recrutado durante a guerra por meio de campanhas. Em 1916, a "Alemanha promulgou a lei do Serviço Auxiliar para a Pátria, a fim de transferir os trabalhadores das indústrias civis para os militares e mobilizar mais a população para que civis nas idades entre dezesseis a sessenta anos realizassem trabalho de guerra." (GRAYZEL, 2014, tradução nossa)[19]. Mas, mesmo com esta medida, a Alemanha foi a nação que menos teve mulheres no trabalho fabril durante a guerra. O trabalho de mulheres se fez mais presente na economia de subsistência para suprir a falta de alimentos, o cultivo de vegetais e criação de pequenos animais se tornou comum nos centros urbanos. (GRAYZEL, 2014).

Em lugares como a Grã-Bretanha e França, a agricultura mostrou-se essencial, uma vez que o número de importação de alimentos caiu com o início do conflito, "No entanto, houve sucesso variável nos esforços para persuadir as mulheres urbanas a trabalhar na terra." (GRAYZEL, 2014, tradução nossa)[20]. Quando este chamado não era atendido, dificultava o acesso e distribuição de alimentos,

> No Outono de 1915, apareceram as primeiras circulares ministeriais convidando os industriais a empregar mulheres sempre que possível; os cartazes oficiais e os gabinetes de recrutamento multiplicaram-se tanto em Paris como nas províncias. Embora as organizações de mulheres tentassem, sob a égide das grandes figuras do feminismo, racionalizar o recrutamento, as trabalhadoras vinham dos quatro cantos do mundo, atraídas pelos altos salários ou em busca de qualquer tipo de emprego. (THÉBAUD, 1990, p. 54, tradução nossa)[21].

[18] *It, too, made the significance of women's support and the need to preserve traditional notions of femininity an essential part of the war effort* (texto original)
[19] *December 1916, Germany enacted the Auxiliary Service for the Fatherland law in order to shift workers from civil to military industries and to mobilize more of the population by requiring all adult males aged between seventeen and sixty to perform "war work"*
[20] *Yet there was variable success in the efforts to persuade urban women to work on the land*. (texto original)
[21] *En el otoño de 1915 aparecen las primeras circulares ministeriales que invitan a los industriales a emplear muje res allí donde sea posible; los carteles oficiales, lo mismo que las oficinas de reclutamiento se multiplican tanto en París como em las provincias. A pesar de que las organizaciones femeninas hayan intentado, bajo la advocación de las grandes figuras del feminismo, racionalizar el reclutamiento, las obreras provienen de los cuatro puntos cardinales atraídas por los salarios altos o en busca de cualquier tipo de empleo* (texto original)

Mesmo que as mulheres estivessem inseridas em novos postos de trabalhos com o esvaziamento, observa-se que ocorre uma subdivisão das mulheres com relação ao trabalho, e assim, a cor e a classe social tornam-se definidores de qual lugar cada mulher ocuparia. Assim,

> Os empregos deixados vagos por homens brancos na indústria pesada, escritórios e transportes são preenchidos por mulheres brancas, enquanto que as mulheres negras, que até agora têm sido trabalhadoras agrícolas ou empregadas domésticas, substituem mulheres brancas ou homens negros nos sectores das mulheres com salários baixos ou nos empregos mais pesados. Para eles, o trabalho de escritório permanece escasso e marcado pela segregação (na administração, os escritórios são separados) e as ferrovias controladas pelo Estado alimentam o sonho de limpar janelas a um bom preço. (THÉBAUD, 1990, p. 70, tradução nossa)[22].

Observa-se que esta hierarquização também refletia nas mulheres rurais e pobres. Estas levavam uma vida miserável em tempo de guerra, devido à falta de trabalho e meios de manutenção da vida econômica da família. (GRAYZEL, 2014).

Outro fato sobre as mulheres durante a guerra é a questão do recrutamento delas para a ida ao *front*. É fato que a ideia não bem quista por grande parcela da sociedade, mas em momentos de grandes perdas de combatentes, foi a solução que foi ao encontro da vontade de grupos femininos. Na maior parte dos dias que ocorreram a guerra, o recrutamento de mulheres se fez resistente por parte da sociedade, uma vez que

> Nenhum estado estava disposto a quebrar essa barreira e convocar mulheres para servir em seu exército. Apesar de todo o debate em níveis relativamente altos de governo sobre o serviço de guerra obrigatório para mulheres na Alemanha e na Grã-Bretanha, nada realmente se materializou. Assim, até certo ponto, tudo o que as mulheres contribuíram para a guerra foi feito de forma 'voluntária'. Muitos perceberam que as mulheres dos tempos de guerra, principalmente as jovens, tinham escolhas que seus colegas homens, em geral, não tinham. Talvez isso explique por que, apesar de todos os elogios ao trabalho inegavelmente importante das mulheres para suas sociedades durante a guerra, o mundo do pós-guerra não estava disposto a conceder-lhe igual reconhecimento. (GRAYZEL, 2014, tradução nossa)[23].

---

[22] *Los puestos que dejan vacantes los hombres blancos en la industria pesada, las oficinas y los transportes son cubiertos por mujeres blancas; mientras, las mujeres negras, que hasta ese momento han sido peones agrícolas o empleadas domésticas, reemplazan a las mujeres blancas o a los hombres negros en los sectores femeninos mal pagados o en los trabajos más pesados. Para ellas, el trabajo de oficina sigue siendo escaso y marcado por la segregación (em la administración, las oficinas están separadas) y los ferrocarriles controlados por el Estado alimentan el sueño de limpiar cristales a buen*. (texto original).

[23] *No state was willing to break this barrier and draft women to serve in its army. For all the debate at relatively high levels of government over compulsory war service for women in Germany and Britain, nothing really materialized. Thus, to an extent, everything that women contributed to the war was done on a "voluntary" basis. Many perceived that wartime women, particularly the young, had choices that their male counterparts, by and large, did not. Perhaps this explains why, for all the praise of women's undeniably important work for their wartime societies, the postwar world was unwilling to accord it equal recognition*. (texto original).

O recrutamento de mulheres de forma voluntária era apenas por uma breve necessidade. Por muitos momentos as mulheres lutaram para estar no *front*, contudo,

> Ao apostar numa guerra curta, os estados beligerantes esperam que as mulheres se resignem e acolham as feministas para se juntarem à causa nacional, mas, para além da caridade, rejeitam as propostas de serviço das mulheres, que por vezes vão tão longe como o alistamento militar das mulheres. (THÉBAUD, 1990, p. 51, tradução nossa)[24].

Enquanto algumas das mulheres reivindicavam a ideia de ir a combate, outras pediam pelo fim da Guerra. Os reflexos que este conflito tinha na vida social, econômica e política atingia diretamente as mulheres. Mesmo que elas tenham tido supostos avanços, principalmente no mercado de trabalho, a Guerra ainda trazia males irreparáveis. Estes movimentos contra a guerra são significativos,

> [...] porque exigiu uma boa dose de coragem para conter as ondas prevalecentes de patriotismo que emanavam de quase todas as instituições, sobretudo dos governos das nações beligerantes, durante as fases iniciais e otimistas da guerra. Além disso, algumas mulheres consideraram a eclosão da guerra uma grande, embora trágica, oportunidade de mostrar ao mundo o que tornou o empoderamento político das mulheres tão vital. Eles insistiram que um mundo que ouvisse suas vozes não seria um mundo em guerra. As mulheres que se organizaram para defender o fim da guerra representaram uma ameaça potencial aos esforços de guerra dos Estados beligerantes. A elas se juntaram outras mulheres que protestavam contra as condições econômicas e sociais induzidas pela guerra, como alimentos e combustível insuficientes, aumento dos preços, salários inadequados ou alguma combinação dos três. À medida que a guerra se arrastava, a linha entre os protestos econômicos e políticos se confundiu, e as mulheres marcharam para exigir pão e paz. (GRAYZEL,2014, tradução nossa)[25].

Estes movimentos que mostravam o posicionamento das mulheres na sociedade, ganhou força com o movimento feminista. As ocupações de novos postos não significaram que as mulheres se manteriam neles no pós-guerra, pois

---

[24] *Apostando por una guerra corta, los Estados beligerantes tienen la esperanza puesta en la resignada espera de las mujeres y se congratulan de que las feministas se unan a la causa nacional, pero, más allá de la caridad, rechazan las propuestas femeninas de servicio, que a veces llegan al alistamiento militar de mujeres*. (texto original)

[25] *Because it required a good deal of courage to counter the prevailing waves of patriotism that emanated from almost every institution, above all the governments of belligerent nations, during the early, optimistic phases of the war. Moreover, a few women saw the outbreak of war as giving them a great, if tragic, opportunity to show the world what made the political empowerment of women so vital. They insisted that a world that listened to their voices would not be a world at war. Women organizing themselves to advocate an end to the war posed a potential threat to the war efforts of belligerent states. They were joined by other women protesting war-induced economic and social conditions such as insufficient food and fuel supplies, rising prices, inadequate wages or some combination of all three. As the war dragged on, the line between economic and political protests blurred, and women marched to demand both bread and peace*. (texto original).

> [...] apesar dessas transformações e do seu ingresso, aos milhões, no mundo do trabalho, isso não significou, necessariamente, que elas viessem a ter reconhecidas sua identidade e sua individualidade de mulher. A elas tendia a ser proposto como legítimo quase que tão somente o espaço doméstico e papéis a ele associados. A mulher deveria, assim, cuidar do lar, do marido, dos filhos. (STANCIK, 2013, p. 177).

Assim, pode-se observar que a participação da mulher da sociedade durante o período da Primeira Guerra Mundial foi expressiva, que o embate entre os ideais de ser mulher na sociedade europeia do século XX e o lugar que era de direito das mulheres foi intenso. A busca por reforçar o papel de mãe e cuidadora do lar, foi questionado pelo movimento feminista, o que gerou conquistas como o voto.

CAPÍTULO 3
UM OLHAR SOBRE OS DISCURSOS: O JORNAL DIÁRIO DA TARDE(PR) E AS MULHERES DURANTE A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Neste terceiro e último capítulo, o objetivo foi discutir o Jornal Diário da Tarde (PR) e os artigos publicados nas páginas deste periódico nos anos que compreenderam a Primeira Guerra Mundial. Buscou-se estabelecer relações entre a historiografia, gênero e o jornal, de forma a compreender as representações de mulheres criadas com os escritos pelo jornal, entendendo que este exerce papel de formador de opinião na sociedade.

Entre as análises pretendeu-se apresentar os artigos, para que, assim possa se construir uma linha de pensamento acerca do tema, possibilitando entender melhor a análise que se propôs no início do trabalho.

3.1 O FAZER JORNALÍSTICO: ANÁLISE DO JORNAL DIÁRIO DA TARDE

Dentre as possibilidades que se mostram adequadas para a análise do jornal enquanto fonte, apoiou-se na análise temática ao pensar o Jornal Diário da Tarde (PR). Para Zicman, a análise de jornais pode ter dois caminhos:

> O primeiro que chamamos de História da Imprensa, busca reconstruir a evolução histórica dos órgãos de Imprensa e levantar suas principais características para um determinado período. O segundo campo-objeto do presente artigo – é da História Através da Imprensa, englobando os trabalhos que tomam a Imprensa como fonte primária para a pesquisa histórica. (ZICMAN, 1985, p. 89).

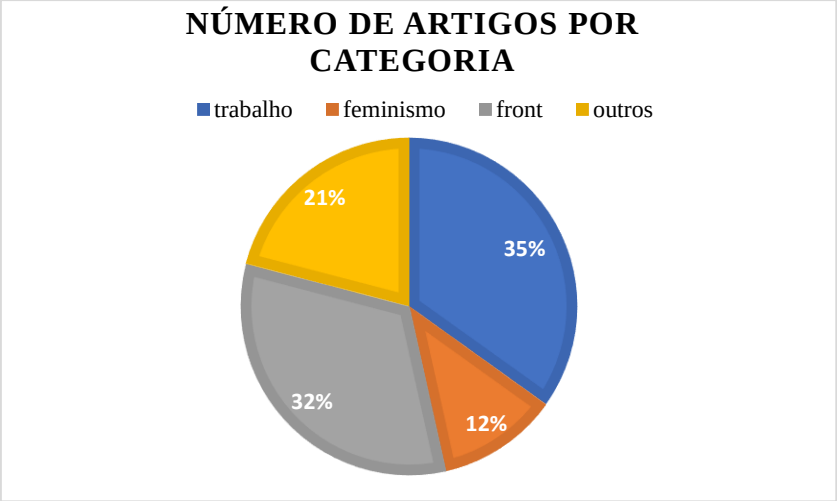
Assim, o que se propôs foi olhar para o Jornal Diário da Tarde (PR) e realizar uma história por meio da Imprensa, buscando relacionar a história das mulheres com a Primeira Guerra Mundial, entendendo como os discursos representaram as mulheres em suas páginas, principalmente no que concerne a temas como trabalho e a ida da mulher ao *front*.

Zicman (1985) pontua que é preciso associar a análise qualitativa e quantitativa quando se trabalha com jornais, para melhor compreender as condições nas quais aqueles discursos foram produzidos e difundidos na sociedade. Analisar o tipo de palavras utilizado para se construir a narrativa, quantas vezes estas palavras se apresentam dentro da matéria, o número das páginas que a matéria ocupa e o espaço ocupado por matérias no jornal.

Após a localização de 43 artigos, por meio dos métodos de análise e que tratavam conjuntamente sobre a relação da mulher com a guerra, elencou-se 4 categorias para a compreensão: trabalho, feminismo, *front* e outros. O critério para se separar cada categoria foi

a temática que o texto trazia. Pode-se observar que alguns artigos poderiam ser encaixados em mais de uma categoria, então, utilizou-se do critério de maior dominância do tema para separá-los. Pode-se observar a distribuição da quantidade de artigos no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Categorização dos artigos



Fonte: A autora.
Nota: Dados obtidos por meio da análise do conjunto das fontes.

Para cada categoria, o número de artigos teve variações, onde a categoria “trabalho” se fez presente em 15 recortes de jornais, representando 35% das fontes, dentre artigos e telegramas; esta categoria trata da entrada de mulheres, principalmente em fábricas de armamentos, para a guerra, além da ocupação de cargos os quais não eram frequentemente ocupados até então por mulheres. Na categoria *“front”,* foram encontrados 14, sendo 35% dos artigos, os quais trazem a presença feminina no combate ou, ainda, a luta por participar desta parte da guerra, como enfermeira ou na busca pela formação de batalhões. Já a categoria “feminismo” esteve presente em 4 trechos do jornal, em que pode se observar o retrato de mudanças, como a instituição do voto feminino e participação das mulheres na política. E a categoria “outros”, a qual traz artigos variados, mas que ainda trazem representações da mulher na guerra, tiveram 8 artigos.

A disposição das notícias sobre a guerra variou de acordo com o período do conflito. As matérias espaciais sobre a guerra estavam localizadas na primeira página; em geral estas notícias vinham acompanhadas de opiniões sobre a guerra. A exemplo, a primeira notícia que dá início ao constante olhar para a Europa para uma suposta guerra é sobre a morte do arquiduque Francisco Ferdinando, conforme a Figura 1.

Figura 1 - O assassínio de Francisco Fernando



O assassinio de Francisco Fernando

Os Balkans serão ainda o theatro das mais sangrentas tragedias da Europa. Mal corrido o velario sobre as guerras movidas contra o turco, eis que a Albania se levanta contra o principe que as potencias lhe impuzeram. Atroam, ainda os canhões nas cercanias de Durazzo, e já um servio assassina o herdeiro do throno da Austria-Hungria. Que outra catastrophe nos trará o dia de amanhã?

A peninsula balkanica é o ponto critico em que se entrechocam os anyanos contra os turcos, o Islam contra a Cruz, Roma contra o Santo Synodo, os slavos contra os teutões, a Triplice-Alliança contra a Triplice-"Entente", e a Austria contra a Italia. As raças, as linguas e as religiões são diversas e antagonicas como em nenhuma outra parte do mundo.

Ao norte, a Russia, com a Bulgaria a Servia e o Montenegro. A leste a Turquia. Ao sul, a Grecia. A oeste, a Italia e a Austria. Cercam-na, o Adriatico, em que estas duas terão que decidir seu destino, e o Mediterraneo, por cujo dominio anceiam todas as potencias. Na porta extrema, os Dardanellos com Stambul, chave do Oriente..

Como ficará, em definitiva, o mappa da região? Não nos é dado prevêr. Nem é possivel empregar-se o criterio da raça, nem o da lingua, nem o da religião.

A mixtura é completa, embora não haja combinação. Os povos, de origens diversas, não se penetram, mas entrelaçam-se. Na mesma aldeia, ha russos, austriacos, italianos, bulgaros, romaicos, servios, montenegrinos, thessalicos, macedonios, epirotas, gregos, turços, syrios, armenios, judeus, albanezes; ha os que falam o allemão, o russo, o arabe, o grego e os mil dialectos que têm mais ou menos duma dessas linguas, mas não são derivados só desta ou só daquellas; ha catholicos romanos, greco-schismaticos e musulmanos. Este, de sangue asiatico, fala o russo e é catholico romano; aquelle, slavo, fala arabe e é greco-schismatico; aquel-l'outro, é germanico, fala o albanez e é musulmano. E assim tudo, ao ponto de os francezes chamarem, a uma bem baralhada miscellanea — "macedoine" de "Macedonia".

Por outro lado, é preciso encarar o problema por outra face: a politica internacional. A' Triplice-"Entente" corresponde a formação dum grande imperio slavo-balkanico: a Bulgaria, a Servia e o Montenegro, sendo satellites fieis da Russia, constituiriam um astro mais da sua costellação; seria mais uma poderosa massa a atirar, pelo flanco, contra a Austria-Hungria, em caso de choque do colosso moscovita ou dos bellicosos germanezes contra o imperio bismarckiano, alliado daquella. Consequentemente, á Triplice-Alliança não convem, de modo nenhum, deixar que o novo bloco se aggregue; e ell-a a dar mão forte á Turquia e a Rumania, aquella asiatica na Europa, esta latina na região slava, e a crear a Albania como ponto de apoio para impedir aos adversarios a acquisição dum porto no Adriatico, Durazzo ou Vallona. Dentro desses dois grandes agrupamentos, vemos ainda a Russia e a Inglaterra a disputar-se a posse futura de Constantinopla, que dará o dominio da zona em que os russos, descendo do seu imperio de neve em demanda da Persia, encontram os inglezes, que sobem da India tropical para o Thibet, o coração da Asia, á ilharga da China; e vemos ainda a Austria e a Italia, preoccupadas com a supremcia do Adriatico, em que resolverão quem fica, afinal, com Trento e Trieste, l'"Italia irredenta", mas que ha de ser redimida.. Por fim, a Allemanha, que busca uma entrada para Bagdad, e a França, que, anti-catholica, é entretanto a protectora do catholicismo no Oriente, fiscalizam as demais nações, ou para amparar as alliadas ou para proteger os proprios interesses.

Estas raças oppostas, estas linguas differentes estas religiões adversas e estes interesses rivaes, formam um complexo inextricavel de forças que muito ha de lutar antes da victoria final. Os choques serão muitos e serão tremendos. Os Balkans ver-se-ão disputados, por muitos annos, seculos quiçá, até que nellas predomine o dominador absoluto. Eterno "pomo de discordia", elles encerram na sua historia futura a historia do porvir da politica européa. E primeiro que a utopia da Paz seja uma realidade, como outras utopias que se realizam, nelles se travarão os ultimos combates em que os homens se fazem féras como féras destruindo-se, a metralha e a canhão.

Fonte: JORNAL DIÁRIO DA TARDE. O assassinato de Francisco Ferdinando. **Jornal Diário da Tarde**, 30 de junho de 1914. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx. Acesso em: 28 mar. 2022.

Esta notícia ocupou a primeira página. Ficou disposta na primeira coluna da página. Seu título apresentava destaque razoável em meio aos outros títulos daquela edição. Apesar de ser um texto longo, ele buscava apenas dar dimensão do que estava acontecendo na Europa. Como foi observado, trazer notícias mais acaloradas na primeira página está ligado à venda do jornal. (GOMES, 2019).

Nesse sentido, a notícia da conflagração da guerra ganhou um título com letras grandes e em negrito, no alto da página, e com um tamanho que poderia ser bem visualizado ao se olhar para o jornal. Naquele dia 4 de agosto de 1914, a guerra ganhou manchete e notícias, seguidas de telegramas na primeira página tratando do assunto. Pode-se dizer que a tensão e expectativa pela guerra se fez presente. (CONCEIÇÃO, 2012; HOBSBAWM, 2002).

Figura 2 - A conflagração da Europa



Anno XVII — Coritiba, terça-feira, 4 de Agosto de 1914 — N. 4855

DIARIO DA TARDE

Numero avulso 100 réis | Folha de maior circulação no Estado do Paraná | Numero atrazado 200 réis

A conflagração da Europa

Os telegrammas do «Diario»

SEGUNDA EDIÇÃO

O governo toma varias providencias em relação a brasileiros, civis e militares, que estão na Europa, e em relação á crise financeira, que attingiu ao auge—A Inglaterra decreta a mobilização do exercito e da esquadra, pretendendo enviar 150,000 homens para Bulogne-sur-Mear — Foi presa em Berlim a imperatriz viuva da Russia — Os allemães invadem o territorio russo — Trava-se a primeira batalha naval entre a Russia e a Allemanha — A França continua a concentrar forças na fronteira allemã — Um aeroplano destróe um "zeppellin" — O czar diz que a Russia combaterá até expulsar o ultimo soldado extrangeiro — Uma nota official do governo allemão sobre a guerra com a Russia — Combates nos arredores de Belfort — A Belgica communica á Inglaterra os vexames que soffreu da parte da Allemanha — A mobilização do exercito allemão prosegue activamente -- A "Panther" no Rio de Janeiro -- Outras informações.

Fonte: JORNAL DIÁRIO DA TARDE. A conflagração da Europa. **Jornal Diário da Tarde**, 04 de agosto de 1914. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx. Acesso em: 28 mar. 2022.

A análise do jornal, ainda deve ser pautada em historicização, buscando compreender o periódico e seu entorno, aspectos como tiragem, equipe editorial, público-alvo/consumidor, anunciantes e financiadores, posicionamento político, causa social, entre outros aspectos presentes para além do conteúdo que pode ser visto de imediato, devem estar presentes na análise. (CRUZ; PEIXOTO, 2007; LAPUENTE, 2016; LUCA, 2010). Algumas características destas fontes podem não ser encontradas de maneira exata, como, por exemplo, a tiragem ou o número de vendas. Várias prerrogativas impedem a captação de dados satisfatórios, muitas das vezes, as respostas para estes dados são inexistentes.

O Jornal Diário da Tarde, avisa em seus jornais o custo por número avulso, em que se observa que girava em torno de 100 réis, "a assinatura semestral, 15$000, e a anual custava, 28$000." (CONCEIÇÃO, 2012, p. 16). O custo que o jornal tinha fazia com que ele não

estivesse acessível para todos, contudo, ainda assim observa-se que este se fazia marcante nas sociedades.

O jornal instituiu-se como fonte em base física, mais precisamente no material papel. Se, por muito tempo, o jornal foi estudado sendo folheado por ele mesmo, este sofria com os processos de deterioração da fonte; em debate e associado ao avanço da tecnologia, novos meios para a consulta deste fossem desenvolvidos. (BRASIL; NASCIMENTO, 2020). Observa-se, primeiramente, o surgimento da microfilmagem destes jornais, para fins de conservação e para facilitar as pesquisas. Contudo, esta tecnologia ainda se fez insuficiente diante da tecnologia e suas possibilidades. Assim, passa-se a observar um movimento de digitalização das fontes, as quais passam a ser disponibilizadas em sites da instituição detentora da tutela deste documento.

Ainda que a digitalização seja uma maneira muito eficaz na pesquisa, pois possibilita que o historiador se debruce em seu objeto em qualquer lugar, a qualquer hora, a digitalização encontra problemas, uma vez que o processo apresenta custos altos e demanda tecnologias específicas para uma digitalização de qualidade. Para o historiador, a mudança de suporte da fonte significa a alteração no processo de visualização e estudo do seu objeto:

> Quando um registro histórico — seja ele um manuscrito, uma carta, uma edição de jornal, uma foto, um livro etc. — converte-se, por meio de algum processo computacional, em um documento digital, ocorre aí uma mudança que dificilmente poderia ser considerada trivial.
> Apesar de a informação contida na fonte continuar ‘sendo a mesma’ — no sentido de que a digitalização não alteraria substancialmente o conteúdo do registro histórico — , podemos dizer que a modificação na ‘materialidade’ da fonte histórica nos conduz, inevitavelmente, a uma nova condição em relação ao modo de lidarmos com a informação ali contida. (BRASIL; NASCIMENTO, 2020, p. 201).

O caráter da fonte, ao ser digitalizada, ganha a característica de reprodutibilidade, tornando maior o acesso à fonte histórica. O desenvolvimento de pesquisas com arquivos digitalizados são facilitados por esta tecnologia, contudo, a heurística[26] da fonte é prejudicada com este processo. Mas, ainda assim, o historiador pode desenvolver pesquisas utilizando este suporte (BRASIL; NASCIMENTO, 2020), e, por isto, a Hemeroteca Digital se tornou aliada nesta pesquisa.

Periódicos, de modo geral, sejam eles analisados de maneira física ou digitalmente, permitem diferentes tipos de análise, podendo ser analisados por meio de análise do discurso

[26] Segundo Bresciano, a crítica heurística pressupõe fazer a história da própria fonte, de sua criação até o momento da análise, passando pela reflexão sobre as características do suporte, sua estrutura formal, o perfil do discurso e do léxico utilizado, e a “coerência entre os dados que apresenta e as informações contextuais disponíveis” (GIL; BRESCIANO, 2015, p. 37 *apud* BRASIL; NASCIMENTO, 2020, p. 202).

ou análise de conteúdo, e de análise por meio de um estudo temático. No primeiro caso tem-se que “a exploração objetiva de dados informacionais ou ‘discursos’ fazendo no conteúdo diversas categorias de documentos escritos” (ZICMAN, 1985, p. 94), tornando possível caracterizações em torno do documento analisado.

Já no segundo caso, o método de análise temática pode ser caracterizado como o método que

> [...] interessa-se pelo significado dos discursos independente de sua forma linguística, centrando-se na análise do conteúdo dos discursos. Desenvolve-se a partir de temas ou itens de significação relativos a um determinado objeto de estudo e analisados em termos de sua presença e frequência de aparecimento nos textos analisados. (ZICMAN, 1985, p. 95).

A análise temática busca entender as estruturas do texto, mas não como parte fundamental da investigação. Este tipo de análise busca levar a compreensão por meio de temas que atravessam a escrita do texto, gerando um significado ao associar ao objeto estudado. Na análise temática ainda se faz importante observar as diferentes formas que as temáticas ganham em um período de tempo, mudando a estética do jornal. Assim, pode-se pontuar que a análise temática “trata-se de um método essencialmente comparativo, combinando análises quantitativas e qualitativas e permitindo considerar as variações ocorridas sobre um determinado intervalo de tempo. (ZICMAN, 1985, p. 95)”.

As variações temáticas discursivas veiculadas nos jornais ao longo de um período permitem entender como as variações de pensamento vão se alterando e se estruturando ao longo do tempo na sociedade. Nesse sentido,

> Diante dos dados e elementos analisados, notou-se um tratamento recorrente dos meios de comunicação que confirmam um maior protagonismo masculino e a tendência à invisibilidade das mulheres (ROCHA; WOITOWICZ, 2013). Este dado se soma a diversas outras iniciativas de monitoramento de mídia que buscaram objetivar um dado de realidade: as mulheres aparecem pouco como notícia, possuem status inferior como fontes e suas demandas costumam ser invisibilizadas. (WOITOWICZ, 2019, p. 284).

Com o Jornal Diário da Tarde, pode-se constatar elementos que dizem respeito ao seu período de produção. As notícias, de maneira geral, eram escritas por homens; algumas poucas vezes notam-se artigos escritos por mulheres. Boa parte das vezes que o jornal trouxe as mulheres em suas páginas foi para reforçar alguns estereótipos. A invisibilidade da mulher na sociedade respinga nos jornais ao longo do tempo.

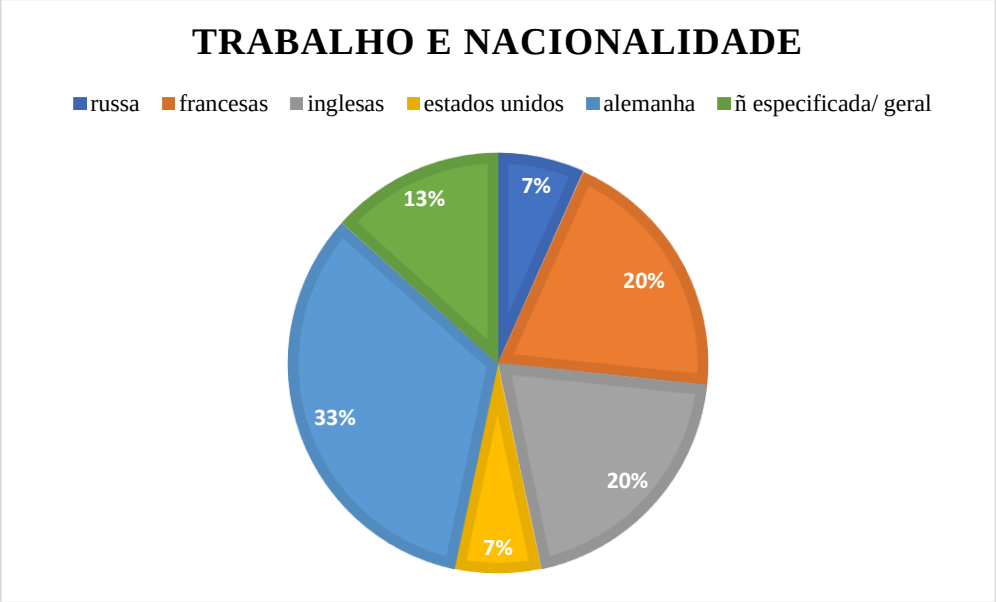
Outro aspecto que se pode notar na imprensa brasileira em geral e que se expressa no jornal em análise, é que, assim como o Brasil se mantinha neutro no início do conflito, os jornais também tentavam manter esta postura (PEREIRA A., 2012). O Jornal Diário da Tarde intitulava-se como neutro politicamente, buscando conquistar o público por este fato. Mas a Primeira Guerra Mundial foi desenhando a opinião dos jornalistas redatores, expressando a opinião de cada um. De acordo com Fabris:

> De forma geral, há um certo consenso entre estes autores ao reconhecer que desde a eclosão do conflito temas como patriotismo, nacionalismo, militarização e alfabetização, ganharam as páginas dos jornais nacionais.
> A guerra despertou discussões acaloradas, trouxe à tona velhos elementos até então não tão problemáticos e colocou em xeque algumas ideias antes menos questionadas. (FABRIS,2015, p. 8).

O Jornal Diário da Tarde procurou, no decorrer dos dias, trazer as notícias sobre a Primeira Guerra Mundial. Os telegramas até ganharam uma nova organização devido à guerra. Pode-se dizer que a guerra reorganizou o Jornal Diário da Tarde. Se antes os telegramas eram uma única seção, após a guerra, passaram a ser divididos entre telegramas nacionais e estrangeiros, além de deixarem as páginas do interior para ocupar a primeira junto das principais manchetes.

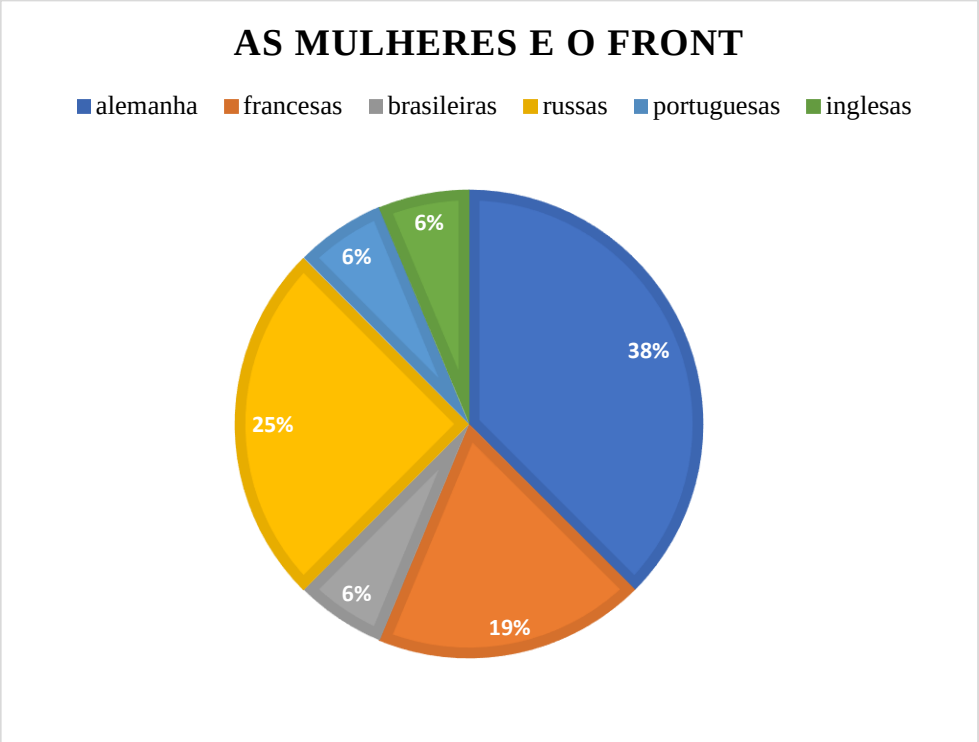
Ao realizar a análise do jornal observou se que algumas das notícias selecionadas estavam dispostas em outras seções, os quais mostravam os posicionamentos dos autores. Identificou-se também, diferentes nacionalidades de mulheres presentes no discurso. Na seção de telegrama, as notícias não expressam opinião do jornal sobre o assunto de forma direta, mas davam dimensões sobre a guerra. O que se pode ressaltar é que a escolha sobre qual telegrama reportar representa a opinião jornalística. (WOITOWICZ, 2015). Identificar a nacionalidade das mulheres que estavam se retratando no texto permite visualizar como o país de origem via a mulher na guerra, e, principalmente, como indivíduos de outros países olhavam para as mulheres ocupando espaços que até então eram estranhos, como observa-se no Gráfico 2 e 3.

Gráfico 2 - Mulheres X trabalho: a representação de cada país no Jornal Diário da Tarde (PR)



Fonte: A autora.
Nota: Dados obtidos através da análise do conjunto das fontes.

Gráfico 3 - Mulheres X *front*: nacionalidade em questão



Fonte: A autora.
Nota: Dados obtidos através da análise do conjunto das fontes.

Pode-se observar que Alemanha, França e Rússia tiveram maior expressividade na representação feminina dentro do Jornal Diário da Tarde, nas questões relacionadas ao trabalho e ao *front* durante o período da Primeira Guerra Mundial. Considera-se que este fato se dá,

principalmente, por estes países terem tido as maiores baixas de soldados, “os alemães perderam um milhão de homens nos primeiros cinco meses.” (EKSTEINS, 1992, p. 136) e o exército russo, em dois anos e meio “sofreram cinco milhões e meio de baixas.” (EKSTEINS, 1992, p. 227). Outro ponto a ser ressaltado é a questão populacional da Alemanha, a qual se viu com problemas populacionais quando o número de morte dos soldados se elevou.

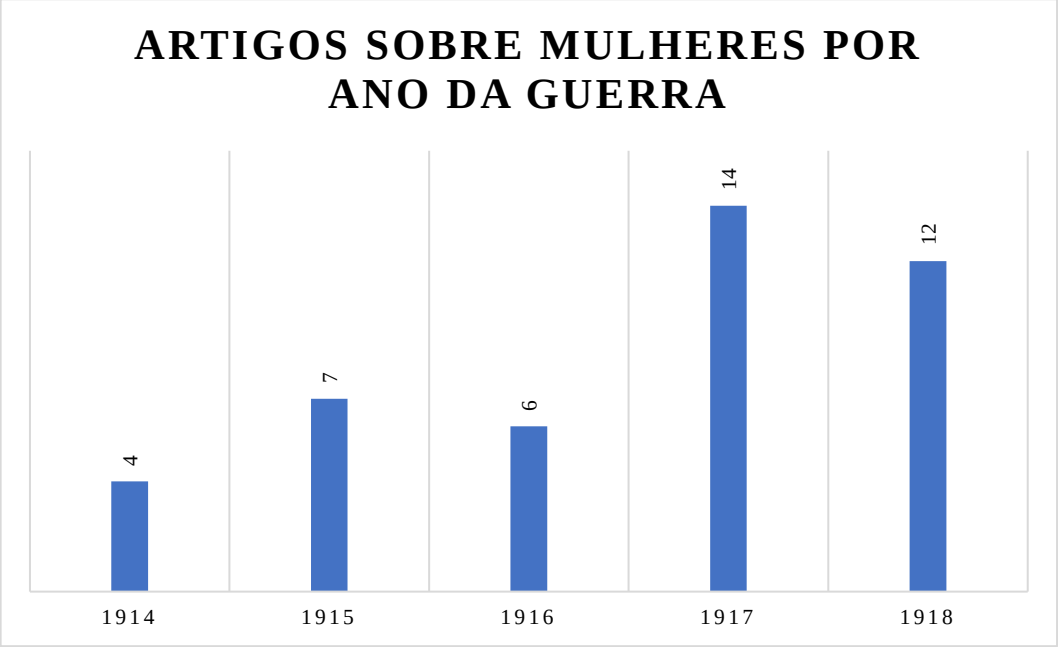
As perdas no *front* se mostraram uma preocupação para as nações beligerantes. Contudo, foi o esvaziamento dos espaços sociais que possibilitou as mulheres ocuparem lugares até então negados a elas. (EKSTEINS, 1992; GRAYZEL, 2014; THÉBAUD, 1990). As readequações da sociedade foram se desenhando nas páginas dos jornais, os quais colocavam-se dispostos a expressar suas opiniões.

Outro aspecto geral que se pode notar nos artigos selecionados é o fato de que 15 dos 43 artigos são telegramas. Como foi citado anteriormente, o telegrama foi uma invenção que facilitou a comunicação entre lugares distantes, tornando mais rápida a comunicação. A notícia chegava com um dia de atraso ou mesmo horas. (HOBSBAWM, 2002; LUCA, 2010; PEREIRA, A; WOITOWICZ, 2015). Este grande número de recortes feitos que são telegramas, nos mostram como esta ferramenta era expressiva. Em geral, o Jornal Diário da Tarde dispunha estas notícias nas páginas do interior do jornal, mas com a efervescência do conflito, além desta seção passar a ser dividida entre nacional e exterior, passa a estar na primeira página, como a seguir:

> PETERSBURGO, 4- Elevam-se a milhares as mulheres que estão a substituir os homens nas varias oficinas assim como servindo de carregadores, condutores de tranways. Os depósitos de roupas para feridos e doentes foi estabelecido no palácio de residência de verão do Czar, isto devido à iniciativa da família imperial. (DIÁRIO DA TARDE, 07/08/1914).

Telegramas trazendo as situações que a Europa vinha se adaptando tornaram-se recorrentes. De fato, os telegramas não expressavam opiniões dos redatores, mas pode-se notar que, como no transcrito anteriormente, mostra que o número de mulheres em postos de trabalhos ganhou espaço. Pode-se dizer que os números de notícias que tratavam das mulheres nos mais diversos aspectos variaram de acordo com o ano da guerra, conforme o Gráfico 4.

Gráfico 4 - Números de artigos relacionados ao tema mulheres em cada ano do conflito



Fonte: A autora.
Nota: Dados obtidos através da análise do conjunto das fontes.

Pode-se observar que o ano de 1917, foi mais expressivo quando se trata de artigos no Jornal Diário da Tarde, que representaram as mulheres em suas páginas. Olhando para a historiografia, pode-se afirmar que este ano foi o mais marcante da guerra, denominado como período de desgaste (HOBSBAWM, 2002), no qual observam-se novas tecnologias bélicas e, com isto, batalhas mais constantes. Assim, tem-se a instalação da guerra global e total neste ano. (GRAYZEL, 2014). Com estas características que a guerra adquiriu, o número de soldados em combate aumentou e consequentemente esvaziou mais postos de trabalhos dando mais autonomia a mulheres.

Outro fato que leva a pensar sobre o maior número de artigos de jornais estar concentrado no ano de 1917, se dá pelo fato de que foi o ano em que o Brasil entrou na guerra com soldados, que tomou um lado. (OLIVEIRA, 2012). O fato de o Brasil se posicionar no conflito refletiu nos jornais, muitos dos periódicos que se diziam neutros começaram a se posicionar com mais frequência, uma vez que a neutralidade dos jornais era acompanhada pela neutralidade do país. (PEREIRA A., 2012).

O Jornal Diário da Tarde apresentava de 4 a 8 páginas, as quais, em sua maior parte, distribuíam os conteúdos em colunas que variavam entre 6 e 8. Entre os artigos selecionados, pode-se notar que 32 aparecem na primeira página, contudo, as notícias relacionadas às mulheres não têm grande destaque com relação ao tamanho da fonte do título e mesmo o

tamanho da escrita. De modo geral, as laterais foram os espaços em que mais foram encontrados os artigos selecionados.

Observa-se, assim, que o jornal se adaptava de acordo com as mudanças sociais para manter o seu público. O conjunto de fontes selecionado, de modo geral, atende ao uso do telegrama, onde era o espaço do jornal que mais tinha notícias do exterior e logo da guerra. O jornal tentou acompanhar as nuances da guerra e ao mesmo tempo levava em consideração os posicionamentos do Brasil. A presença ou não do artigo na primeira página também poderia ser uma estratégia recorrente para atração de público e venda. Observar as questões de trabalho e ligadas ao *front* e as mulheres, fazem parte do próximo passo da análise.

3.2 O TRABALHO E AS MULHERES: NOVOS ESPAÇOS

As lutas feministas, que se inseriam anteriormente e junto ao cenário da Primeira Guerra Mundial, por vezes também foram retratadas nos jornais, mas mais do que isso, estas lutas mobilizaram mulheres para ocupar novos espaços, pois "A guerra despertou discussões acaloradas, trouxe à tona velhos elementos até então não tão problemáticos e colocou em xeque algumas ideias antes menos questionadas." (FABRIS, 2015, p. 8). Assim, a saída das mulheres do espaço privado/lar com maior força incomodou a parcela mais conservadora, a relação mulher e trabalho ganhou novos aspectos na sociedade, ganhando foco nas análises descritas nas páginas dos periódicos.

Constantemente, eventos para reforçar a ideia de que a mulher deveria ser mãe e cuidadora do lar aconteciam na Europa, como foi o caso da *National Baby Week*[27], em 1917 (GRAYZEL, 2014). As páginas de jornais não se cansaram de comprar a mesma ideia que era vendida por estes eventos. Artigos buscavam dar uma análise sobre a mudança social que vinha ocorrendo, mas sempre visando o papel de mulher como cuidadora do lar e dos filhos:

> PARIS, 11 - O comitê France-Amerique dirigiu um cabo-radiograma a certas personalidades, e entregou a embaixada, legações e consulados em Paris, um apelo nos seguintes termos:
> 'Aos amigos da França
> 'No momento em que a França se levanta para defender no seu solo a liberdade do mundo, pensamos nas mulheres e crianças, deixadas sem recursos, sem pão, pelos quatro milhões de homens que a França manda para a fronteira. O comitê France-

[27] A *National Baby Week* aconteceu com o propósito de reforçar a ideia de maternidade e feminilidade em contraponto às propagandas de guerra, que colocavam as mulheres com roupas masculinas e transportando munições para o conflito. A NBW foi mobilizada também pelas baixas taxas de natalidade em contraposição com as altas taxas de natalidade. Acreditava-se que com as perdas dos soldados em combate, precisaria se de jovens para a sustentação do "império", assim a preocupação com a vida dos bebês se expressava através destes eventos que ocorreram em diversos países da Europa como por exemplo a Inglaterra.

> Amerique, fiel ao seu programa, apela para a mulher e cidadãos americanos, amigos da França, como para francesas e franceses residentes no estrangeiro, que enviem as suas adesões á subscrição que o comitê central abre em Paris sob o patronato das damas francesas, presidido por mme. Poincaré.
> Os socorros serão distribuídos unicamente pelas famílias, mulheres e crianças necessitadas, dos soldados (JORNAL DIÁRIO DA TARDE, 15/082014).

O início da guerra foi marcado pela grande leva de soldados que eram recrutados. (MACMILLAN, 2014). No telegrama citado, nota-se que a saída de soldados já estava ocorrendo e que, com isso, as famílias passaram ficar sem recursos. Deve-se notar que a mulher é colocada como frágil neste telegrama, a qual precisa de algum meio para se manter durante o conflito, por isto, é feito um apelo aos franceses que residem em outros países.

De fato, a precariedade que algumas famílias passam a vivenciar ao desenvolver da guerra vai se expondo e chamando a atenção. Programas de auxílio às famílias foram criados por alguns países, como a Grã-Bretanha e mesmo a França. Para que se efetivasse o acesso a estes, as mulheres deveriam comprovar ser esposas de soldados, e algumas vezes deveriam manter-se em casa, sem trabalhar (GRAYZEL, 2014). Isto reforçou a ideia de que a mulher deveria cumprir seu papel social: o de mãe, cuidadora e protetora.

Se olhar para a História, observa-se que as mulheres exerciam determinados cargos. Com a guerra, o trabalho em novos campos tornou-se mais comum, por dois motivos: o da necessidade de se manter e manter a família; e segundo, devido a saída do que era a principal mão de obra, os homens. A necessidade de preenchimento dos cargos deixados vagos, por vezes, não agradou a parcela da população que defendiam que a mulher deveria continuar na casa.

> PETERSBURGO, 4- Elevam-se a milhares as mulheres que estão a substituir os homens nas varias oficinas assim como servindo de carregadores, condutores de *traways.*
> Os depósitos de roupas para feridos e doentes foi estabelecido no palácio de residência de verão do Czar, isto devido a iniciativa da família imperial.
> *Jornal Diário da Tarde (07/08/1914)*

Na Rússia, as mulheres reivindicavam lugares no trabalho, a fim de se sobreviver. A substituição da mão de obra masculina, por um bom tempo, acreditou-se ser temporária, por isso, cargos vistos majoritariamente como “trabalho de homem” ganhavam as mulheres. Houve mobilizações do movimento feminista para que as mulheres pudessem ganhar mais espaço, como se observa com o telegrama do dia 19 de julho de 1915.

> Esta salva à pátria, com intervenção do sufragismo na guerra - o discurso de mistress PanKurst – Colossal préstito feminino

> LONDRES, 19- Grandioso préstito feminino foi ontem ao Ministério do Exterior pedir para que as mulheres sejam aproveitadas nas fábricas de munições para o exército.
> O préstito era formado de uma imensa coluna, precedida de 65 bandas de música, e se estendia desde o Tamise até Trafalgar Square, onde está situado o Fereing Office.
> Mistres Pankust, discursando em frente do ministério, justificou o direito que assistia as mulheres de colaborarem na defesa da Pátria e declarou que o sufragismo desapareceu no momento, por que acima de tudo está a honra e a integridade da Pátria. (JORNAL DIÁRIO DA TARDE, 19/07/1915).

A luta por igualdade promovida pelo sufragismo viu neste momento maneiras de conquistar mais espaços, o trabalho em fábricas de munições foi uma alternativa a qual poderia ser justificada pelas mulheres qual o motivo de querer trabalhar: o patriotismo. O sentimento de dever defender a nação do inimigo inventado, era um motivo para que se recrutasse mulheres para estes cargos. Aos poucos, as mulheres conseguiram ganhar espaços nas mais diversas áreas.

Os dois primeiros telegramas citados anteriormente, não apresentavam destaque, a letra miúda se perdeu em meio aos outros telegramas que tratavam de assuntos mais gerais sobre a guerra. Enquanto o primeiro estava na primeira página, o segundo se localizava na página do interior. Já este último telegrama, localizado na primeira página, tem um pouco mais de destaque devido ao título em negrito, mesmo assim, o destaque é pouco, uma vez que todos os telegramas publicados nesta edição apresentavam título com características semelhantes. Nesse sentido,

> A atividade feminina na Alemanha- Com o fim de dar uma ideia da participação do trabalho da mulher na Alemanha, nas diferentes profissões e atividade, inserimos aqui alguns interessantes das estatísticas do império.
> Na Alemanha hoje em dia apenas 195 médicas, apesar do estudos da mulher nas universidades ter aumentado de maneira tão assombrosa que em cinco ou seis anos se tornou dez vezes maior. A carreira pela qual a mulher tem mais predição é atualmente a da pedagogia. No ano de 1913 estavam empregadas nas escolas primarias nada menos de 22.500 professoras; nos liceus de meninas 855 e nas escolas católicas, 7.770. Como professoras aos seminários contavam-se 392 e para trabalhos manuais 4.310.
> Empregadas em diversas repartições do Estado, como sejam nos Correios, nas estradas de ferro, nos telégrafos, etc. Havia até antes da guerra 32.720 mulheres. Hoje este número deve estar consideravelmente acrescido.
> [...]
> Elas dirigem tantos negócios de manufaturas ou de drogarias como de leite e plantas. Ainda como farmacêuticas há muitas mulheres ocupadas na Alemanha, e cujas licenças foram concedidas pelas respectivas autoridades.
> O ramo comercial verdadeiramente próprio para as mulheres na Alemanha é, contudo, o da chapelaria, pois, quase todo este negócio, assim como o de adornos femininos, pertence ali ao belo sexo. Em 1913 havia 13.530 lojas de chapeleiras senhoras.
> [...] (JORNAL DIÁRIO DA TARDE, 26/05/1916).

Neste pequeno artigo, que também não estava em posição de destaque, buscou-se representar as mulheres alemãs e sua relação com o trabalho. Observa-se que o jornal traz

números a respeito da crescente entrada das mulheres em novos campos. Mas, ao analisar mais de perto, percebe-se que o trabalho mais ocupado pelas mulheres, de professoras, estava diretamente ligado ao cuidado, que é sempre associado à mulher. De fato, as mulheres da Alemanha foram as que menos ocuparam a o trabalho fabril. (GRAYZEL, 2014).

O autor do texto ainda pontua sobre a entrada nas universidades, e considera assombroso o crescente número. Mesmo que o acesso às universidades esteja acontecendo, áreas como a da medicina ainda não eram tão ocupadas por mulheres, o que se observa, é que, em geral, mulheres eram ligadas às enfermarias, como no relato abaixo:

> A mulher francesa
> [...]
> No momento atual, as ocupações femininas se têm profundamente modificado. A ociosidade tornou-se vergonhosa. As mulheres compreenderam que tinham também um papel útil a representar na grande luta nacional. Alheias ás questões militares, afastadas da linha de combate, para a qual se volvem os seus pensamentos, não podendo todas trazer o vestido branco de enfermeira não se esquecem, contudo, o patriotismo. Viram tudo o que falava á França, tudo o que o Alemanha havia monopolizado. Perceberam que uma imensa mão de obra traria á pátria uma força nova.
> [...]
> Esse desejo de trabalhar, que a mulher francesa revela, mostra que possuía qualidades ignoradas, virtudes insuspeitadas, que se juntam ao seu encanto, a sua graça e ao seu renome mundial. (JORNAL DIÁRIO DA TARDE, 20/07/1915).

A enfermaria, na maioria das vezes, era a maneira de se chegar mais próximo de ir ao *front*, exemplo disto são as Cruz Vermelhas, que surgem ao longo do tempo. Observa-se que o autor deste artigo, não identificado, coloca a mulher como a espera do homem que foi à guerra e que ao mesmo tempo se mostrou pronta para trabalhar, segundo ele, a mulher francesa se revelou com o desejo de trabalhar, o que nega a existência de mulheres que trabalhavam anteriormente.

Comum era ver as críticas nos jornais sobre a independência que as mulheres vinham conquistando. Em um artigo escrito por Mario Serrato, observa-se determinadas críticas e comparações:

> Por causa d'elas
> [...]
> Não lhe digo nada, seu Borges! As mulheres estão dando conta do recado e até fazendo maravilhas.
> Umas delas, a senhora Von Bandtz até já foi nomeada capitão (ou capitoá) de um transatlântico inglês
> E aposto que não vira o barco com os cantos de sereia do Kaiser...
> [...]
> Sendo um fervoroso secretario do darwinismo, transporto-me aqui, não ao infurioso mas ás abelhas. E ai, meu caro Borges, nós vemos que o papel das fêmeas (não se

> escandalize) é muito outro. São elas que se desenvolvem, que trabalham, que dirigem a colmeia (vide a Vida dos animais, de Brehm).
> O papel dos zangões o sr. Borges deve saber. Só se mexem em certos dias de sol, para seguir ao alto as provocantes 'rainhas'...
> E apenas essa função dos zangões. E tanto assim que, quando o alimento rarea nos alvearcos, as abelhas previdentes tratam logo de dar cabo dos seus esposos parasitas...
> Que lindo exemplo para as mulheres que trabalham para os maridos!
> Demais, quer um conselho, seu Borges?
> Vamos deixar as mulheres em casa, cuidando do fogão e das crianças, senão elas vão para os observatórios examinar as estrelas ou descobrir micróbios e nós, seu Borges, temos que ir para as panelas...
> Não abra os olhos das mulheres, senão estamos perdidos.
> [...] (SERRATO, 1916).

Serrato utilizou-se da teoria do darwinismo para justificar a sua fala, comparando a mulher à abelha, mas buscando dizer que diferente da abelha a mulher não deve ir ao trabalho diante da falta. Ele quis fazer uma associação entre as lacunas deixadas pelos homens por conta da guerra e a ida ao trabalho das mulheres com as abelhas rainhas de suas colmeias.

Se o trabalho para as mulheres foi um ponto criticado e bastante comentado, a ida ao *front* era algo fora da realidade anteriormente. Com todas as mudanças, o desejo de defender a pátria nos campos de batalha passou a estar presente, realocando os olhares que condenavam o trabalho aos batalhões que estavam se formando.

3.3 O *FRONT* E A FORMAÇÃO DE BATALHÕES FEMININOS

Refletindo ainda sobre as questões que estão presentes no jornal, observa-se que houve um deslocamento no papel da mulher. O Jornal Diário da Tarde retratou entrada de maior número de mulheres no campo de trabalho, seja nas fábricas, dirigindo bondes ou assumindo cargos administrativos. Além destes aspectos, observar-se as mulheres atuando diretamente na Guerra com a formação de batalhões de infantaria, além da atuação já muito marcante na Cruz Vermelha.

Jornalistas como Gastão Faria[28], criticavam a entrada da mulher na guerra, seus escritos traziam a mensagem de que a mulher deveria estar na casa para a manutenção da família, perpetuando as ideias marcantes sobre como a mulher deveria ser. Faria foi uma personalidade marcante no Jornal Diário da Tarde, e ele não deixou de tecer seus comentários sobre as mulheres na guerra. Seus comentários estavam muito ligados ao espírito da época, negando a importância das mulheres enquanto sujeitos que poderiam atuar na sociedade.

[28] Foi um advogado, "homem de letras" e Procurador Geral da República, dedicou-se na redação do *Jornal diário da Tarde (PR)* durante parte de sua vida, tendo artigos sobre os mais diversos assuntos, ele tecia críticas sociais, podemos dizer que este apresentava pensamento conservador.

Após uma maior visibilidade de mulheres dirigindo carros e bondes pela cidade, veio as conquistas de se pilotar aviões, assim como os telegramas que chegavam durante a guerra informando estes fatos, como, por exemplo, no dia 25 de dezembro de 1915, aonde chegou o seguinte telegrama:

> Automóveis guiados por mulheres
> BERLIM, 25- foi iniciada nesta capital, com sucesso, a guia de veículos por mulheres. Os automóveis que começaram a circulas, manejados por mulheres receberam grande ovação. (JORNAL DIÁRIO DA TARDE, 25/12/1915).

Os automóveis foram abrindo espaços, juntamente com as conquistas que o movimento feminista ia mobilizando. As mulheres começaram a formar grupos, desejando algo a mais, o *front*, lugar que até então se constituía como espaço predominantemente masculinizado. Observa-se a seguinte matéria:

> As mulheres têm dado um atestado brilhante da sua capacidade de trabalho, da sua coragem e estoicismo, neste lutuoso momento internacional.
> Aqui é a enfermeira que vela solicita á cabeceira de um ferido, que lhe traz o conforto amigo da sua presença e dedicação, nas horas negras de sofrimento insano, acolá é uma destemida e valente dona de casa que a guerra venho colocar á testa dos negócios do casal e a cuja iniciativa e operosidade devem o seu sustento pequeninos seres.
> Mas, não ficou só ai o esforço da mulher no preenchimento dos claros abertos no lar pelos denodados com batentes.
> Ela foi além: penetrou nas oficinas, nas forjas, nas fábricas foi substituindo aos poucos o braço do homem, a proporção que as necessidades da guerra demandava maiores de soldados.
> E não satisfeitas com esse grande, esse extraordinário e nunca esperado esforço da mulher, elas constituíram uniões, as sociedades, os grêmios destinados a socorrer a Pátria, levando ao extremo a sua dedicação, a sua coragem e o seu heroísmo inquebrantável.
> Muitas ofereceram-se para combater nas fileiras o inimigo audaz. E é o que acabam agora de fazer as mulheres russas num gesto sublime de patriotismo, que é ao mesmo tempo a estigmatizarão da covardia dos soldados russos que se recusam a marchar para as linhas de fogo.
> [...]
> Diante de tão heroicos sacrifícios estão por terra todas as doutrinas pessimistas acerca do valor feminino. (JORNAL DIÁRIO DA TARDE, 19/06/1917).

Ao analisar em um primeiro momento este artigo, pode-se falar superficialmente que há um momento de exaltação das mulheres. Mas, ao se debruçar frase por frase, há um discurso implícito ao autor dizer que “as mulheres têm dado sua brilhante capacidade de trabalho”, supondo que anteriormente as mulheres não trabalhavam, e que se trabalhavam, não era de forma a ser reconhecida. Mas, ao fim do artigo, observa-se uma fala do pessimismo em relação às mulheres, ou seja, há um reconhecimento sobre o lugar que era destinado às mulheres.

Outro aspecto que pode ser observado com este artigo é a formação de clubes ou grêmios de mulheres, que ajudaram a sustentar e dar mais força à ideia de se ter mulheres no *front* combatendo o inimigo e mostrando o amor à pátria. É fato que algumas mulheres participaram da guerra pegando em armas, mas não se pode negar que são poucos os momentos que estes fatos são reconhecidos. Os estigmas presentes no século XX acerca da mulher, ainda insistem em aparecer na sociedade, principalmente em tempos conservadores.

Como foi mencionado, o jornalista Gastão Faria teceu opiniões sobre as mulheres e seus passos para a formação de batalhões. Ao chegarem notícias de que as mulheres russas, francesas e alemãs estavam mobilizando-se e reivindicando o direito de ir para a guerra, Gastão logo escreveu um artigo, intitulado como “Exercito de damas para a ‘frente’ russa” (Figura 3).

Figura 3 - Exercito de damas para a “frente” russa... Gastão faria



DO MEU CANTO

Exercito de damas para a "frente" russa...

Essa noticia, divulgada pelos jornaes, de ter partido de Petrogrado, para a frente russa, onde vae combater, um exercito de mulheres, deve ser uma historia muito mal contada. Não é possivel que o colosso moscovita, dispondo de cincoenta milhões, approximadamente, de homens em condições de manejar as armas, appelle para o heroismo feminil.

Nem o brio do soldado russo permittiria semelhante anormalidade na guerra.

Que a Allemanha arregimente as suas mulheres para a guerra, vá. Ella, tendo uma população pequena, em confronto com a da Russia' tem visto os seus exercitos ceifados pela artilharia alliada. Está absolutamente desfalcada de homens.

Não assim a Russia, que ainda se acha com as suas reservas intactas, pois ainda não chegou a perder um milhão de soldados.

E' preciso, pois, que a historia do lindo exercito de mulheres, seja melhor esclarecida.

O russo, dizem as chronicas, é de um temperamento rebeldemente frio, de uma insensibilidade a toda a prova...

Mas não hade ser tamanha a tempestade de neve que cahe, gelando, o siberial coração do russo. Não hade ser tão grande. Perto do fogo, o russo esquenta. E' na Russia que a maioria dos homens do theatro, como Victorien Sardou, na sua assombrosa "Fedora", vão buscar os melhores themas para as suas tragedias de amor. E até parece que este facto é propositadamente procurado para desmentir que a Siberia do solo, não faz pendant com o Senegal do amor, que queima a alma do povo russo.

De sorte que podemos tirar uma conclusão : Ao contrario do que assoalham por ahi, o homem e a mulher da Russia, têm um temperamento violentamente febril, profundamente affeito aos entrechoques do amor...

E sendo assim, está explicado o mysterio do florido regimento de mulheres, que, antes de partir para a frente russa, foi passado em revista pelo sr. Kerensky, que deve ser um artista decantador da harmonia da forma e da belleza suprema.

Não emprestamos, pois, á mulher russa a qualidade de amante da carnificina. Não. O delirio do sangue lhe é desconhecido. Ella tem horror das coisas vermelhas. Os matadouros humanos, saccodem-lhe a alma, repugnada. Bellas, allucinadoramente bellas, as slavas gentis entram, sorrindo, arrastadas por electricas voluptas, para as batalhas gigantescas. Mas não para essas batalhas onde se eliminam vidas; para as batalhas de onde a vida nasce, para as batalhas lyricas.

Não choremos a sorte do formoso regimento da luz, do amor que, como um pedaço de lenda, marcha para a guerra... Nenhum soldado delle ficará estendido no campo de batalha. Mesmo porque os batalhões do amor não matam.

Talvez o regimento de mulheres que, como um rastro de luz, abre clareiras na Russia, vá decidir da sorte dos exercitos moscovitas. A ida desse contingente feminil, certo, foi o resultado de uma imposição de parte da soldadesca. Ella quer ter perto de si a mulher, que é sua esposa, que é sua noiva. Nestas condições, certo de que, finda a batalha, sorrizos claros de mulheres illuminarão o acampamento, cada soldado será um heróe. Para que a bravura não abandone o combate, é necessario mesmo que cada um tenha os olhos fitos na sua dama. E' a renascença do espirito amoroso da idade media, que está a accender labaredas na alma da juventude russa.

Outra coisa não póde ser. Faz tanto tempo que os exercitos moscovitas estão inactivos. Não soffreram elles nenhuma derrota seria. E é justamente agora, antes de reencetada a campanha, que parte o regimento de mulheres, regimento descançado, regimento da belleza.

Felizes dos russos combatentes. Depois de conduzirem por tanto tempo a alma viuva, vão mergulhal-a, embriagando-a, fazendo-a, delirar na amphora sagrada do amor.

Vae, pois, o feminil regimento accender as lampadas nos corações onde a escravidão imperava.

De resto, as batalhas lyricas são mais luminosas do que as bataihas tragicas...

GASTÃO FARIA.

Fonte: FARIA, G. Exercito de damas para a frente russa. **Jornal Diário da Tarde**, Curitiba, 25 de junho de 1917, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx. Acesso em: 28 mar. 2022.

Neste artigo, percebe-se a constante crítica ao ingresso da mulher aos batalhões. Este artigo localiza-se na primeira página do jornal, mas estava no canto direito, o tamanho do texto chama a atenção do leitor. A crítica estabelece-se na relação entre o tamanho da população e a necessidade de se ter batalhões formado por mulheres. Gastão Faria afirma, ao longo do texto, que não é necessário que as mulheres russas se juntem ao exército, devido o grande número populacional, mas a Alemanha já poderia recrutar mulheres caso a falta de combatentes do sexo masculino se demonstrasse persistente.

Analisar estes aspectos leva a pensar o número de soldados que foi perdido ao longo do tempo de guerra. Gastão afirma que a Rússia não perdeu um milhão de soldados em 1917, mas "em dois anos e meio os russos sofreram cinco milhões e meio de baixas" (EKSTEINS, 1992, p. 227), o que leva a perceber que Faria apenas queria que as mulheres voltassem para os lugares instituídos pela sociedade como delas ao alegar sobre os números de soldados.

A associação das mulheres à delicadeza também se apresenta. Ele tenta afirmar isto ao longo do texto, tentando colocar o *front* como um lugar que tiraria a delicadeza e beleza das mulheres. Ao analisar o comportamento das mulheres russas, coloca estas como amantes da carnificina. Mas não somente a Rússia se posicionou sobre os exércitos,

> Mais uma vez, originalidade britânica: levando a diluição ao extremo de criar, na Primavera de 1917, um Corpo Auxiliar do Exército Feminino (WAAC) [...] A Sérvia tem as suas combatentes femininas vestidas de homem; a Rússia, o seu famoso batalhão feminino de morte. Mas a França só abriu parcimoniosamente o seu quartel e os seus postos de trabalho no Ministério da Guerra no final de 1916, com horários de entrada e saída desfasados dos homens, bem como um corpo especial de inspectores. (THÉBAUD, 1990, p. 58, tradução nossa)[29].

Assim, movimentos para a formação de batalhões se espalham pelos países beligerantes, como maneira de demonstração de amor à pátria, mas também como maneira de demonstração do lugar da mulher na sociedade.

Gastão Faria ainda teceu mais um artigo sobre este assunto, o título chama a atenção para os olhares, colocando como uma ofensa a formação de batalhões femininos.

---

[29] *Una vez más, originalidad británica: llevar la dilution al extremo de la creación, en la primavera de 1917, de un cuerpo auxiliar del ejército (Women's Army Auxiliary Corps: WAAC) [...]Serbia tiene sus combatientes femeninas que usan vestimenta masculina; Rusia, su famoso batallón femenino de la muerte. Pero Francia sólo abre parsimoniosamente sus cuarteles y sus empleos de oficina en el Ministerio de Guerra a finales de 1916, con horarios de entrada y de salida desfasados respecto de los correspondientes a los hombres, así como un cuerpo especial de inspectores.*

Figura 4 - A fundação de mulheres é uma ofensa aos nossos brios de homens



DO MEU CANTO

A fundação de batalhões de mulheres é uma offensa aos nossos brios de homens

Dizem os jornaes vindos da capital federal que aiî foi organisado o Batalhão Ruy Barbosa, todo elle composto de senhoras e "que estão dispostas a derramar o seu precioso sangue em defesa da Patria."

Esta noticia, tão bem recebida pelo chronista patricio, despertou em nós um quê de tristeza e amor proprio offendido. A fundação de uma unidade militarisavel naquellas condições, não póde, absolutamente, ser olhada com carinho civico. E' uma offensa aos nossos brios de homens.

A mulher, em tempos de paz, deve viver suspensa no pedestal luminoso do amor. Em tempo de guerra, então, a sua funcção deve ser muito outra, que não se alistar em batalhões combatentes.

Ella, que symbolisa a bondade e o carinho em revoada sobre as nossas cabeças, não póde, em hypothese alguma, ser admittida a ouvir, de perto, o ribombo do canhão. Não.

Para a mulher que fiquem reservados os misteres tão bellos da Cruz Vermelha. E unicamente aquelles misteres.

Como dama da Cruz Vermelha, a mulher suavisará as dores dos feridos, acariciará os moribundos, alentará os combatentes, a todos prodigalisando o maximo de conforto, para isso se entregando á feitura de vestes e de outros objectos necessarios em campanha.

Na qualidade de soldado de filei ra, nada poderá a mulher fazer.

A sua natural fragilidade, que é um dos motivos principaes da nossa admiração pela mulher, a sua incapacidade para os trabalhos arduos, que é outro motivo do nosso culto por ella, não lhe permitte baixar até o logar onde a materialidade do sangue a todos infunde pavor.

No dia em que a mulher se transformar em soldado, nesse dia, não haverá mais ideal, a luz da ambição se apagará, a estrella do amor perderá a sua luminosidade que nos deslumbra e que nos arrebata, tornando-nos heroes e tornando-nos immortaes...

Alem disso, a figura do homem, um tanto humilhada, será relegada para um plano inferior, se transformará numa sombra... Em que peze a bravura da mulher brazileira, pois, ella que permaneça no seu logar. Que não envergue a farda marcial.

O Brazil ainda não se acha a braços com a falta de homens. Elle os tem em abundancia não precisando, portanto, appellar para a mulher.

Mas o facto da fundação do Batalhão Ruy Barbosa, tem a sua psychologia.

E' bem provavel que a mulher carioca, tendo organisado o seu batalhão, tivesse com isso pretendido dar exemplos ao homem.

Assim, simulando que não entendemos o espirito daquella iniciativa, montemos guarda em torno do pendão estrellado da Patria. Fundemos batalhões e mais batalhões. Façamos com que as linhas de tiro se multipliquem por ahi aféra.

Todo o cidadão valido que procura as casernas, onde, pelo preparo militar, a gente aprende a amar a Patria sabendo defendel-a com brio e com honra.

O "Brazil precisa de soldados"! E' uma verdade. Mas precisa de soldados homens. Precisa de soldados que saibam morrer sorrindo, olhos fitos no labaro da Patria.

O exemplo dos batalhões de mulheres russas não deve ser esquecido. Não deve ser esquecido o exemplo daquella adoravel deputada americana que, por occasião de ser votada a declaração de guerra dos Estados Unidos contra a Allemanha, desatou num choro copioso.

Vamos, mocidade! Alistai-vos! Não consintaes que a mulher patricia envergue a farda do soldado. Para ella reservemos missões mais de accordo com o seu sentimento profundamente delicado.

O Brazil precisa de soldados! Mas de soldados homens... Alistai-vos!

GASTÃO FARIA.

Fonte: FARIA, G., A fundação de batalhões de mulheres é uma offensa aos nossos brios de homens. **Jornal Diário da Tarde**, Curitiba, 13 de novembro de 1917, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx. Acesso em: 28 mar. 2022.

Ao longo do texto, as palavras fragilidade, bondade e carinho, além da ligação à Cruz Vermelha, mostram que, ainda neste texto, Faria pretende defender a não entrada das mulheres em batalhões. Sua última frase mostra como ele pensa a relação da guerra e soldado, colocando

que estes devem ser homens e ainda se utiliza da palavra “Alistai-vos”, como maneira de chamamento e para que não houvesse espaços para justificar a entrada de mulheres na guerra.

Mas nem todo artigo se mostrava contrário a esta ideia. Um artigo escrito por Maria Coelho representou o que significou a guerra enquanto impulsionador da emancipação feminina:

> A principal emancipação feminina
> Em uma sociedade organizada conforme a natureza das coisas a mulher será educada desde a infância, com o mesmo objetivo que o homem: viver do seu trabalho, por que deve tornar-se uma unidade economicamente independente
> [...]
> Não podendo emancipar-se do seu modesto papel de dona de casa, todo poder concentra na mão egoísta do seu senhor, porque a ela lhe falam elementos até para reconhecer que na sua posição de escrava sucumbiu a altiva dignidade que lhe devia aureolar a frente. Convém ao homem a tradicional ignorância da mulher- porque é este o único alicerce em que ele pode firmar, tranquilo e confiante, o aceptor do seu revoltante predomínio sobre ela.
> [...]
> Ora, a mulher que apenas saber ser “dona de casa”, é incapaz de viver do seu trabalho, não se pode tornar independente- está fatalmente condenada a ser escrava- ou dos parentes ou dos estranhos, quando não consiga uma miserável pensão para não morrer de fome! De mais a mais que a sua profissão a não inibe absolutamente de ser, em todo terreno, muito boa de casa.
> Felizmente, a principiar- e isso é lógico, pelos países beligerantes, vemos que o trabalho feminino é hoje justamente compreendido, e que será depois da guerra um dos principais problemas sociais, que necessariamente atrairão a urgente preocupação dos governos, instigadas pelas necessidades inadiáveis do atual momento histórico.
> (COELHO, 02/04/1918).

Maria, ao longo do seu texto, que ao contrário de Faria deve o mínimo de destaque, pontua que a mulher não deve apenas ser dona de casa, mas deve ocupar lugares e ser livre para atender às suas escolhas. Certamente, Maria teve contato com o movimento feminista, e isto a inspirou neste texto, onde ela colocou a mulher como sujeito de sua própria história pontuando a importância de a mulher atuar independente na sociedade. Mas este foi um dos poucos artigos que escrevia positivamente e sobre as mulheres.

Entre debates, percebe-se que a ideia de mulher, como cuidadora e fragilizada, estava muito presente entre os discursos veiculados no Jornal Diário da Tarde (PR. Vez ou outra havia resistências como o texto de Maria, mas era mais comum observar a crítica sobre a emancipação feminina, acompanhando a ideia conservadora que persistia em aparecer na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Primeira Guerra Mundial trouxe em seu desenvolvimento mudanças das quais não se imaginava que a humanidade presenciaria. A crença no progresso era nítida, mas o conflito abalou completamente as convicções. Para as mulheres, não foi diferente e a guerra trouxe transformações e novidades, mesmo que algumas fossem questionadas posteriormente.

O estudo desenvolvido a partir do jornal Diário da Tarde, possibilitou obter uma compreensão mais refinada sobre as vozes das mulheres que são silenciadas ao longo do tempo. A mulher precisou se reinventar ao longo do conflito, enxergou possibilidades ao ocorrer o esvaziamento de postos de trabalhos, lutou por direitos como o voto, buscou integrar o corpo de batalhões, principalmente como meio de mostrar que sim elas poderiam e deveriam assumir mais evidente protagonismo na sociedade.

A mulher que não foi para o *front* acabou por enfrentar a guerra do dia a dia, lutando contra a falta de alimentos, a solidão e a incerteza de ver seus filhos, esposos, netos, amigos novamente na casa. Mas antes de ocupar estas posições a mulher é sujeito de sua própria história, e por isto ela merece ser contada nas mais diversas formas. As possibilidades de se trabalhar com as mulheres na História nos mostra cada vez mais como isto se faz necessário, para que memórias não sejam apagadas.

A análise do trabalho consistiu em categorizar as notícias, como meio de visualizar melhor os contextos. Na categoria trabalho observam-se notícias que tratam da ida das mulheres as fábricas, das ocupações como motoristas e assumindo lugares na academia a exemplo. Na categoria feminismo, conseguimos diagnosticar uma leitura do jornal frente ao movimento emancipatório na Europa. Em *front* vemos situações da Cruz Vermelha, a formação de batalhões femininos para enfrentamento da guerra, além de convocatórias de mulheres para determinadas funções dentro da guerra. E por último a categoria outros traz em suas linhas a palavra guerra relacionada a mulher, mas traz assuntos como a revolta por falta de alimentos. Esta análise foi importante para entender como um jornal de lugares remotos do conflito vinha adaptando as percepções sobre a guerra e os momentos criados neste momento.

Os lugares designados a mulheres ainda persistem em aparecer na sociedade, a casa é vista meio indissociável da imagem das mulheres, o cuidado aos filhos recai sobre elas. Mesmo no século XXI estas designações insistem em aparecer.

O movimento feminista foi impulsionador das conquistas durante a guerra, a ideia de mulheres livres e que pudessem comandar suas próprias vidas nasce como maneira de defesa da mulher enquanto sujeito única e que pode sim construir a própria história.

A Primeira Guerra Mundial impulsionou conquistas, mas deve ser questionada até quando, pois, ao olhar para a História após a estabilização do conflito, a busca por tentar fazer as mulheres voltarem aos seus papéis se fez presente com visível intensidade. A pressão social pelo papel que a mulher é condicionada desde pequena voltou a aparecer com força no pós-guerra. Ou seja, não houve um reconhecimento do que as mulheres enfrentaram e se dispuseram a enfrentar no período bélico, seja travando a batalha e contornando situações na própria casa e cidade ou no *front* ao ingressarem em batalhões.

Podemos dizer que a luta das mulheres pelo seu lugar na sociedade e na História não se encerrou, é uma luta constate e muitas vezes exaustiva, mas que se faz necessário. A afirmação da mulher como indivíduo para além da concepção cuidado e delicadeza precisa ser trabalhada para que as conquistas não se percam no tempo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. M. de. Cardoso, J. L. R. Aconteceu, virou manchete. **Revista Brasileira de História**. v. 21, nº 41, p. 243-264, 2001

BLOCH, M. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. 2 ed. rev. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BRASIL, E.; NASCIMENTO, L. F. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. **Estudos Históricos**, v. 33, n 69, p. 196-219, 2020.

BURKE, P. **A Revolução Francesa da historiografia**: a Escola dos Annales 1929-1989/ Peter Burke; tradução Nilo Odália. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

CAPELATO, M. H. **Imprensa e história do Brasil.** São Paulo: Editora Contexto, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

COLLING, A. M.; TEDESCHI, L. A. (org.). **Dicionário crítico de gênero.** 2. ed. Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. 748 p.

CONCEIÇÃO, S. Y. Z. **Educando mulheres, vendendo saúde**: Propagandas e outros textos de jornais curitibanos dos anos 1920. Orientador: Liane Maria Bertucci. 2012. 162 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha: História e Historiografia da Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

CRUZ, H. F.; PEIXOTO, M. R. C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa**. Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 35, n. 2, 2007.

CAMPOS, N. Diário da Tarde e Cruzeiro: querelas entre anticlericais e católicos no Paraná (1931-1932) **Antíteses**, vol. 6, núm. 12, jun-dez, 2013, pp. 391-416.

EKSTEINS, M. **A sagração da primavera**: a grande guerra e o nascimento da era moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

FARGE, A. **Lugares para a história**; tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. (Coleção História e Historiografia, 3/coordenação Eliane de Freitas Dutra)

FABRIS, P. B. Representações Do Negro Na Imprensa Curitibana (1900 A 1918). *In*: Encontro escravidão e liberdade no Brasil Meridional, 7., 2015. **Anais [...]**. Escravidão e Liberdade. Curitiba: [s. n.], 2015.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (BRASIL). Hemeroteca Digital. Acervos. Disponível em: https://www.bn.gov.br/explore/acervos/hemeroteca-digital#:~:text=A%20Hemeroteca%20Digital%20Brasileira%20%C3%A9,anu%C3%A1rios%2C%20boletins%20e%20publica%C3%A7%C3%B5es%20seriadas.&text=Peri%C3%B3dicos%20de%20institui%C3%A7%C3%B5es%20cient%C3%ADficas%20comp%C3%B5em%20um%20segmento%20especial%20do%20acervo. Acesso em: 28 mar. 2022.

GOMES, A. L. F. Representações da primeira Guerra Mundial na imprensa paraense: os primeiros meses de conflito (1914). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 30, 2019. **Anais [...]**. ANPUH: Recife, 2019, p. 1-14.

GELBCKE, V. R. A educação, imprensa e intelectuais: um estudo dos periódicos gazeta do povo e diário da tarde (1910-1930). *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 10., 2011. EDUCERE, Curitiba/PR, 2011.

GRAYZEL, S. R.: Women's Mobilization for War. **International Encyclopedia of the First World War**, 08 de outubro de 2018. DOI: 10.15463/ie1418.10348.

HIGONNET, A. Mujeres, imágenes y representaciones. *In*: DUBYY, Georges *et al***. Historia de las mujeres**: el siglo xx. Madri: Santillana, 1990. p. 410-432.

HOBSBAWM, E. **A era dos impérios**. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2002.

LAGRAVE, R. M. Una emancipación bajo tutela. Educación y trabajo de las mujeres en el siglo xx. *In*: DUBYY, G. *et al*. **Historia de las mujeres**: el siglo xx. Madri: Santillana, 1990. p. 506-556

LAPUENTE, R. S. A imprensa como fonte: apontamentos teórico-metodológicos iniciais acerca da utilização do periódico impresso na pesquisa histórica. **Revista de História Bilros. História (s), Sociedade (s) e Cultura (s)**., v. 4, n. 6, p. 11-29, 2016.

LUCA, T. R**. História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: Fontes Históricas. Carla Bassanezi Pinsky (organozadora)- 2ed. 2º reimpressão- São Paulo: Contexto, 2010.

MACMILLAN, M. **A Primeira Guerra Mundial**... que acabaria com as guerras/ tradução Gleuber Vieira. 1 ed. São Paulo: Globo Livros, 2014.

MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. de**. História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MYSKIW, A. M. Curitiba, "República das Letras" (1870/1920). **Revista Eletrônica História em Reflexão**, Dourados, v. 2, ed. 3, 2008.

OLIVEIRA, M. A cidade de Curitiba e os imigrantes alemães durante a primeira guerra mundial, uma análise da imprensa local. **Cadernos CERU**, série 2, v. 23, n. 2, dezembro de 2012

PEDRO, J. M. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v. 24, ed. 1, p. 77-98, 2005.

PEREIRA, A. A. Imprensa e Primeira Guerra Mundial – Objetividade e Neutralidade nas Páginas dos Periódicos da Época. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35, 2012. **Anais [...]**. INTERCOM: Fortaleza, 2012, p. 1-13.

PEREIRA, M. H. F. Almanaques, evento e imagens: a experiência da Grande Guerra representada pelos almanaques Hachette e Bertrand. **Patrimônio e Memória.** São Paulo, Unesp, v. 8, n.1, p. 98-118, janeiro-junho, 2012.

PERROT, M. **As mulheres ou o silencio da história**. São Paulo: EDUSC, 2005.

PERROT, M. **Os excluídos da história:** operários, mulheres e prisioneiros**.** 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

PILOTTO, O. **Cem anos de imprensa no Paraná** (1854-1954). Coleção Estante Paranista. Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1976.

RAGO, M. Epistemologia feminista, gênero e história. **Epistemologia feminista, gênero e história.** *In* PEDFRO, J. (org.) GROSSI, M. (org) MASCULINO, FEMININO, PLURAL. Florianópolis Ed. Mulheres, 1998.

SAYÃO, D. T. Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bordieu. **Perspectivas Florianópolis**, v. 21, nº01, p.121-149, jan-jun. 2003

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SILVA M. M.; QUITZAU, E. A.; SOARES, C. L. Práticas educativas e de divertimento junto à natureza: a cultura física em Curitiba (1886-1914). **Educação E Pesquisa**, n. 44, 2019.

SCOTT, J. **Gender useful category of historical analyses.** Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989.

SOHN, A. Los roles sexuales em Francia y en Inglaterra: una transición suave. *In*: DUBYY, Georges et al. **Historia de las mujeres**: el siglo xx. Madri: Santillana, 1990. p. 127-157.

SOIHET, R. História das mulheres. p. 399-429. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) **Domínios da história:** ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

STANCIK, M. A. Entre flores e canhões (artigo publicado originalmente pela Revista Brasileira de História, v. 29, n. 58). **Revista Brasileira de História Militar**, v. V, p. 150-172, 2014.

STANCIK, M. A. Representações fotográficas do feminino em cartões-postais franceses relativos à Grande Guerra (1914-1918). **Patrimônio e Memória (UNESP)**, v. 9, p. 171-195, 2013.

STANCIK, M. A. Gloriosa conquista ou cruel destruição? A Grande Guerra (1914-1918) representada em cartões-postais alemães e franceses. **Temporalidades**, v. 7, p. 49-62, 2015.

THÉBAUD, F. La Primera Guerra Mundial: ¿la era de la mujer o el triunfo de la diferencia sexual? *In*: DUBY, G. et al. **Historia de las mujeres**: el siglo xx. Madri: Santillana, 1990. p. 45-106.

VÁZQUEZ, G. G. H. Gênero não é ideologia: explicando os Estudos de Gênero. **Café História** – história feita com cliques, 27 de novembro de 2017. Disponível em: https://www.cafehistoria.com.br/explicando-estudos-de-genero/. Acesso em: 25 ago. 2021.

VERAS, E. F. A operação historiográfica pirotécnica: esboço de uma teoria-metodologia explosiva. In: PEDRO, Joana Maria; ZANDONÁ, Jair. (orgs.). **Feminismos e democracia**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019, v. 1, p. 223-238.

WOITOWICZ, K. J. **Imagem contestada:** a guerra do contestado pela escrita do diário da tarde (1912-1916). Ponta Grossa: Editora UEPG, 2015.

WOITOWICZ, K. J, O jornalismo sob a perspectiva de gênero: análises críticas, experiencias profissionais e desafios feministas. In: PEDRO, Joana Maria; ZANDONÁ, Jair (org.). **Feminismos e democracia**. 1. ed. Belo horizonte: Fino Traço, 2019. p.279-294

ZICMAN, R. B. **História através da imprensa**- algumas considerações metodológicas. Projeto História. São Paulo, v. 4, p. 89-102. 1985.

ZOMER, L. Feminismos em curitiba no início do século XX: dos lares para um mundo de mulheres. In: PEDRO, J. M.; ZANDONÁ, J. (org.). **Feminismos e democracia**. 1. ed. Belo horizonte: Fino Traço, 2019. p. 183-203.

Fontes:

COELHO, M., A principal emancipação feminina, **Jornal Diário da Tarde,** Curitiba, 02 de março de 1918, p. 1

FARIA, G. Exercito de damas para a frente russa. **Jornal Diário da Tarde**, Curitiba, 25 de junho de 1917, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx. Acesso em: 28 mar. 2022.

FARIA, G., A fundação de batalhões de mulheres é uma offensa aos nossos brios de homens, **Jornal Diário da Tarde,** Curitiba, 13 de novembro de 1917, p. 1

JORNAL DIÁRIO DA TARDE. A actividade feminina na Allemanha, **Jornal Diário da Tarde,** Curitiba, 26 de maio de 1916, p. 1.

JORNAL DIÁRIO DA TARDE. A conflagração da Europa. **Jornal Diário da Tarde**, 04 de agosto de 1914.

JORNAL DIÁRIO DA TARDE**,** Curitiba, 07 de agosto de 1914, p.1

JORNAL DIÁRIO DA TARDE**,** Curitiba, 12 de agosto de 1914, p. 1

JORNAL DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 15 de agosto de 1914, p. 2

JORNAL DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 25 de dezembro de 1915, p. 2

JORNAL DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 21 de novembro de 1916, p.2

o matte em paris o melhor para a propaganda, **Jornal Diário da Tarde,** Curitiba, 28 de março de 1917, p.1

JORNAL DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 14 de junho de 1917, p. 2

JORNAL DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 19 de junho de 1917, p. 1

JORNAL DIÁRIO DA TARDE. O assassinato de Francisco Ferdinando. **Jornal Diário da Tarde**, 30 de junho de 1914, p. 1.

SERRATO, M. Por causa d'ellas. **Jornal Diário da Tarde,** Curitiba, 04 de julho de 1916.

APÊNDICES

APÊNDICE A - CLASSIFICAÇÃO DAS MATÉRIAS DE JORNAIS

categoria: trabalho	
edição	título da matéria
4758	telegram- Petersburg
4763	telegram-Paris
5147	Esta salva a pátria com intervenção do suffragismo na Guerra- O discurso de mistress Pan-Kurst Colossal préstito feminino
5148	A mulher franceza
5376	despachos vários a respeito outros telegrama sobre a guerra
5406	a actividade feminina na Allemanha
5439A	Por causa d'ellas
5440	Consequencias da Guerra
5558	A guerra: New York
5664	o matte em paris o melhor para a propaganda
5731	sem título- as mulheres tem dado brilhante
5969	A principal emancipação feminina
6005	A aviação no E. Unidos
6082	A escassez do sexo forte
6168	As mulheres allemãs querem assegurar a subsistência da família

categoria: feminismo	
edição	título da matéria
5117	as victorias do feminismo
5396	Manifestações contra o rei As mulheres gritam: “queremos o fim da guerra
5928	A mulher na política
6109	Mulheres valentes e esfomeadas

categoria: front	
edição	título da matéria
5281	telegrama: Berlim. Automóveisguiados por mulheres
5727	por menores sobre o torpedeamento do "sequana
5736	Exercito de damas para a "frente" russa
5780	entrevista com algumas russas que estavam em combate
5782	As mulheres no campo de batalha
5816	as mulheres russa
5819	A mania de exhibicionismo
5851	A fundação de batalhões de mulheres é uma offensa aos nossos brios de homen
5954	A mulher portugueza na guerra
5954	A cruz vermelha Franceza
6109	na falta de homens as mulheres substituem-nos
6147	o papel da mulher na guerra
5063	As mulheres francezas na Guerra
6112	daram 108 batalhões de infantaria allemã e os claros são preenchidos por mulheres e r
5030	Fala a princeza Cecília
5813	o feminismo e a guerra

categoria: outros	
edição	título da matéria
4766	telegram-Paris
4880	A destruição de Louvain pelo fogo
5766	A deploravel situção das populações belgas
5844A	Em caminho da Guerra
5888	Um episodio sublime da Historia dos povos
9801	Na europa, actualmente só se fala em milhões
5081	A vida em Berlim
5868	Conselhos às mulheres durante a guerra

nacionalidades em campo		
edição	título	nacionalidade
5030*	Fala a princeza Cecília	alemanha
5063	As mulheres francezas na Guerra	francesas
5281	guia de carros por mulheres	alemanha
5727	or menores sobre o torpedeamento do "sequar	francesas
5736	Exercito de damas para a "frente" russa	russas
5780	os patriotismo das mulheres russas	russas
5782	As mulheres no campo de batalha	russas
5813*	o feminismo e a guerra	francesas
5816	as mulheres russa	russas
5851	talhões de mulheres é uma offensa aos nossos	brasileiras
5954	A mulher portugueza na guerra	portuguesa
5954	A cruz vermelha Franceza	alemanha
6082	A escassez do sexo forte	alemanha
6109	na falta de homens as mulheres substituem-no	alemanha
6112	s de infantaria allemã e os claros são preenchic	alemanha
6147	o papel da mulher na guerra	inglesas

Jornal Diário da Tarde (PR)								
edição	**data do artigo**	**coluna ou seção**	**nº da pág**	**título**	**assunto**	**jornalista/redator**	**palavras-chave**	**Distribuição espacial da matéria**
4758	07/08/1914	3º coluna; fim da coluna	1/4	telegram-Petersburg	Telegram afirmanado que as mulheres irão substituir os homens nas oficinas, carregadores; Russia.	ausente	telegram- substituição- oficinas	superfície do artigo: nº de colunas: **1** presença/ausência na 1º página do jornal: **presença na primeira página/ sem destaque** aspetos tipográficos: letra menor do que outros artigos/ telegram
4763	12/08/1914	7º coluna/ fim da coluna	1/4	telegram-Paris	invasão de uma fábrica onde trabalhavam mulheres, crianças e velhos. Houve resistencia, expulsando os prussianos	não consta/ telegram	fabrica de armas- mulheres crianças e velhos- invasão- resistencia	superfície do artigo:-- nº de colunas: **1** presença/ausência na 1º página do jornal: **presença/ seção telegrans** aspetos tipográficos: **sem destaque**
4766	15/08/1914	3º coluna;	2/6	telegram-Paris	mulheres deixadas sem recursos;	não consta/telegram	mulheres-vulnaberilidade	superfície do artigo: - nº de colunas: **1** presença/ausência na 1º página do jornal: **ausência/ telegram na 2º página**
4880	01/09/1914	5º coluna	1/4	A destruição de Louvain pelo fogo	Ataque a Louvian; mulheres e crianças levadas a destinos ignorados	não consta/ telegram	destruição- Louvian	superfície do artigo: - nº de colunas: **1** presença/ausência na 1º página do jornal: **presença**

5030	01/03/1915	5º e 6º colunas	1/4	Fala a princeza Cecília	Associação Feminina da Allemanha; socorro aos soldados; questão de patriotismo; questionamentos sobre ajudar as mulheres que "são as mais" afetadas	Karl H. von Wiegand correspondente da United Press na Allemanha. Telegram enviado para New York	ajuda aos soldados- patriotismo- Princeza da Allemanha	superfície do artigo: - nº de colunas: **2** presença/ausência na 1º página do jornal: **presença**
5063	09/04/1915	3º coluna	2/4	As mulheres francezas na Guerra	recrutamento de senhoras com carta de motorista para atuar na brigada especial; Club das senhoras francezas	telegram	brigada especial;	superfície do artigo:- nº de colunas: **1** presença/ausência na 1º página do jornal:**ausência**
5081	30/04/1915	3º e 4º coluna	2/6	A vida em Berlim	depressão moral em Berlim, feridos, mulheres em luto, não havia mais manifestações patrióticas;	relato de um visitante de Maestricht	patriotismo, luto, mudança na vida social	superfície do artigo: -- nº de colunas: **2** presença/ausência na 1º página do jornal: **ausência**
5117	12/06/1915	1º e 2º coluna	3/6	as victorias do feminismo	conquista a concorrer nas eleições feminino na Dinamarca, relação com as consequências da guerra e avanço de movimentos suffragistas	não consta	suffragistas; eleições,	superfície do artigo:-- nº de colunas: **2** presença/ausência na 1º página do jornal: **ausencia**
5147	19/07/1915	4º coluna	2/4	Esta salva a pátria com intervenção do suffragismo na Guerra- O discurso de mistress Pan-Kurst Colossal préstito feminino	força femenina nas fábricas de munição	não consta- telegram	defesa da pátria, fábrica de munições	superfície do artigo: - nº de colunas: 1 presença/ausência na 1º página do jornal: **ausência/ telegram na 2º página**
5148	20/07/1915	1º coluna	3/6	A mulher franceza	a reinvenção das mulheres durante a guerra. As que não foram para a linha de combate e também não são enfermerias passaram a ver a ociosidade como vergonhoso	não consta	trabalho, fábricas, francesas	superfície do artigo: - nº de colunas: **1** presença/ausência na 1º página do jornal: **ausência**

5281	25/12/1915	4º coluna	2/4	telegrama: Berlim. Automóveis guiados por mulheres	guia de carros por mulheres	não consta- telegram	carros; Berlim	superfície do artigo: - nº de colunas: **1** presença/ausência na 1º página do jornal: **ausência-telegram**
5376	20/04/1916	1º coluna	3/4	despachos vários a respeito outros telegrama sobre a guerra	5000 mulheres trabalharam na construção de estradas.	não consta- telegram	trabalho	superfície do artigo:- nº de colunas: **1** presença/ausência na 1º página do jornal:**ausência**
5396	15/05/1916	somente manchete da seção telegram	3/4	Manifestações contra o rei As mulheres gritam: "queremos o fim da guerra	-	-	-	superfície do artigo: nº de colunas: presença/ausência na 1º página do jornal:
5406	26/05/1916	4º e 5º colunas	1/4	a actividade feminina na Allemanha	dados sobre as mulher em diversas áreas de trabalhos na Alemanha.	não consta	trabalho- alemanha-sexo frágil	superfície do artigo: - nº de colunas: **2** presença/ausência na 1º página do jornal: **presença**
5440	10/07/1916	5º coluna e 6º	1/8	Consequencias da Guerra	empregar mulheres como alternativa da perda de homens (Inglaterra); o salário sem aumento	não consta	trabalho- fábricas-aumento salarial	superfície do artigo: nº de colunas: 2 presença/ausência na 1º página do jornal: **ausência**
5558	21/11/1916	7º coluna	2/4	A guerra: New York	mobilização de força para trabalho afim de substituir os homens que vão para a guerra. Esta notícia se refere aos países da Europa	não consta- telegram	trabalho- europa	superfície do artigo: nº de colunas: **1** presença/ausência na 1º página do jornal: **ausencia**
5664	28/03/1917	2º coluna	1/4	o matte em paris o melhor para a propaganda	comercialização de matte e constatação de que as mulheres ocupam os cargo no escritório por conta dos homens terem ido a guerra	não consta	trabalho	superfície do artigo: nº de colunas: **1** presença/ausência na 1º página do jornal: **presença** aspetos tipográficos:

5727	14/06/1917	2º coluna	2/4	por menores sobre o torpedeamento do "sequana	torpedeamento de paquete; mulheres estavam a bordo	não consta- telegram	torpedeamento- mulheres a bordo	superfície do artigo: nº de colunas: **1** presença/ausência na 1º página do jornal: **ausencia** aspetos tipográficos:
5731	19/06/1917	3º coluna	1/4	sem título- as mulheres tem dado brilhante	mulheres ocupando o lugar dos homens; texto em formato de agradecimento; destaque ao patriotismo russo; União Feminina de Socorros á Pátria	não consta	Russas - trabalho- frente a guerra- patriotismo	superfície do artigo: nº de colunas: **1** presença/ausência na 1º página do jornal: **presença sem destaque** aspetos tipográficos:
5736	25/06/1917	5º e 6º colunas	1/4	Exercito de damas para a "frente" russa	mulheres russas se prontificando para ir a guerra; questionamento sobre a quantia de homens russos "disponíveis" para o combate e não justifativa das mulheres irem para guerra em oposição aos exercitos de mulheres alemãs	Gastão Faria	exercito-russas- alemãs	superfície do artigo: nº de colunas: 2 presença/ausência na 1º página do jornal: **presença** aspetos tipográficos: fotos ou ilustração:
5766	30/06/1917	4º coluna	1/4	A deploravel situção das populações belgas	senhora belga foge de campo de concetração alemão e conta que as mulheres tem tratamento pior	não consta	belgas- fuga- campo de concentração	superfície do artigo: nº de colunas: **1** presença/ausência na 1º página do jornal: **presença/sem destaque** aspetos tipográficos:
5780	15/08/1917	3º coluna	1/4	os patriotismo das mulheres russas	entrevista com algumas russas que estavam em combate	não consta	patriotismo- combate- russas	superfície do artigo: nº de colunas:**1** presença/ausência na 1º página do jornal: **presença** aspetos tipográficos:

5782	17/08/1917	1º e 2º coluna	1/4	As mulheres no campo de batalha	entrevista com mulheres russas feridas da Legião Feminina da Morte; prissioneros alemães que na verdade descobriu-se que eram mulheres	não consta	Legião Femina da Morte-russas – campo de batalha	superfície do artigo: nº de colunas: **2** presença/ausência na 1º página do jornal: **presença** aspetos tipográficos:
5813	22/09/1917	3º coluna	1/4	o feminismo e a guerra	avanço do feminismo mundial, principalmente russo, ingles e frances; conquista economica (com o trabalho) e precisaria conquista a política; a mulher tem o dever de substituir o homem; a mulher francesa continuaaria a ser a que protege o homem e os filhos;	não consta	feminismo- trabalho-substituição do homem	superfície do artigo: nº de colunas: **1** presença/ausência na 1º página do jornal: **presença** aspetos tipográficos:
5816	26/09/1917	3º e 4º coluna	1/4	as mulheres russa	voluntarias da primeira linha; regeneração patriótica; instrução para mulheres-soldadas; organização de mulheres voluntárias são comandadas por mulheres, bem como as mulheres médicas e enfermeiras;	não consta	patriotismo- combate-russas- voluntárias	superfície do artigo: nº de colunas: **2** presença/ausência na 1º página do jornal: **presença** aspetos tipográficos:
5819	29/09/1917	5º e 6º colunas	1/4	A mania de exhibicionismo	crítica ao fato das mulheres brasileiras quererem montar batalhões de mulheres igual as russas; tentativa de oposição "sexo forte e sexo fraco"	Gastão Faria	brasileiras-russas-batalhão-inspiração- crítica	superfície do artigo: nº de colunas: 2 presença/ausência na 1º página do jornal: presença aspetos tipográficos: fotos ou ilustração:

5851	13/11/1917	5º e 6º colunas	1/4	A fundação de batalhões de mulheres é uma offensa aos nossos brios de homens	preocupação de que as mulheres brasileiras querem montar batalhão Ruy Barbosa para a guerra no Rio de Janeiro, inspiradas nos batalhões de mulheres russas, mas o jornalista acha uma ofensa aos homens. Nega-se o caráter civico. Defendese a ideia de que o papel da mulher na guerra e na cruz vermelha. alega-se um lugar para a mulher.	Gastão Faria	alistamento- batalhão Ruy barbosa- brasileiras- ofensa	superfície do artigo: nº de colunas: **2** presença/ausência na 1º página do jornal: **presença/ pequeno destaque** aspetos tipográficos:
5868	03/12/1917		1/4	Conselhos às mulheres durante a guerra	conselhos voltados para mulhers; como falar pouco ou não dar ouvidos as notícias, encorajar a industria nacional, memso nas compras, sempre os conselhos voltadas a pátria	União Geral dos professores de Turim	conselhos- pátria	superfície do artigo: nº de colunas: presença/ausência na 1º página do jornal: aspetos tipográficos:
5888	27/12/1917	2º coluna	1/4	Um episodio sublime da Historia dos povos				superfície do artigo: nº de colunas: **1** presença/ausência na 1º página do jornal: **presença** aspetos tipográficos: fotos ou ilustração:
5928	13/02/1918	5º coluna	1/4	A mulher na política	busca pelo direito ao voto da mulheres brasileiras; influencia das mulheres europeias;	não consta	voto- brasileiras	superfície do artigo: nº de colunas: **1** presença/ausência na 1º página do jornal: **presença** aspetos tipográficos: fotos ou ilustração:

5954	15/03/1918	4º coluna	1/4	A mulher portugueza na guerra	Carta de Arthur de Mattos, ao amigo José Baptista Frias; portuguezas na Cruz Vermelha; descrição de como ele viu as mulheres que ali chegaram	não consta	cruz vermelha-portuguezas-enfermeiras- doentes	superfície do artigo: nº de colunas: **1** presença/ausência na 1º página do jornal: **presença** aspetos tipográficos: fotos ou ilustração:
5954	15/03/1918	1º , 2º e 3º coluna	1/4	A cruz vermelha Franceza	História da Cruz Vermelha e a associação desta à figura da mulher e da caridade;	não consta	Cruz vermelha-enfermeiras	superfície do artigo: nº de colunas: 3 presença/ausência na 1º página do jornal: **presente** aspetos tipográficos: fotos ou ilustração:
5969	02/04/1918	4º e 5º coluna	1/4	A principal emancipação feminina	a figura da muher que só sabe ser dona de casa é incapaz de sobreviver; educação feminina como fraudada; cantradição e injustiça de dar os mesmos direitos civis do que os homens; trabalho como emancipação;	Marianna Coelho	trabalho-emancipação-dona de casa	superfície do artigo: nº de colunas: **2** presença/ausência na 1º página do jornal: **presença/ com destaque** aspetos tipográficos: fotos ou ilustração:
6005	15/05/1918	2º e 3º coluna	1/4	A aviação no E. Unidos	modificação da sociedade por conta da guerra; homens e mulheres trabalhando nas fábricas; texto sobre as produções dos Estados Unidos	não consta	modificação sociedade-trabalho-fábricas	superfície do artigo: nº de colunas: **2** presença/ausência na 1º página do jornal: **presença** aspetos tipográficos: fotos ou ilustração:

6082	14/08/1918	4º coluna	1/4	A escassez do sexo forte	telegram- na Allemanha a escassez de homens é tão grande que as mulheres estão sendo empregadas como foguistas, não só nos navios, como também nas vias-ferreas e insdustrias	não consta- telegram	trabalho- industrias- navios- vias-ferreas	superfície do artigo: nº de colunas: **1** presença/ausência na 1º página do jornal: **presença** aspetos tipográficos: fotos ou ilustração:
6109	14/09/1918	2º coluna	1/4	Mulheres valentes e esfomeadas	telegram- trezentas mulheres armadas de paus e pedras, numa attitude ameaçadora percorreram as ruas da Alexandria, invadindo os hoteis, expulsando os hospedes e apoderando se dos alimentos que encontraram	não consta- telegram	fome-luta	superfície do artigo: nº de colunas: **1** presença/ausência na 1º página do jornal: **presença-telegram** aspetos tipográficos: fotos ou ilustração:
6109	14/09/1918	3º coluna	1/4	na falta de homens as mulheres substituem-nos	paris- noticias da frente dizem que os nossos soldados derrubaram um aeroplano allemão pilotado por uma mulher. A aviadora morreu em consequencia da queda do apparelho	não consta- telegram	alemão- aviadora	superfície do artigo: nº de colunas: **1** presença/ausência na 1º página do jornal: **presença-telegram** aspetos tipográficos: fotos ou ilustração:
6112	18/09/1918	6º coluna	1/4	debrandaram 108 batalhões de infantaria allemã e os claros são preenchidos por mulheres e rapazes	fuga de allemães; 5.000mulheres nos serviços auxiliares do exercito; meninos de 12 a 16 anos;	não consta- telegram	batalhões- allemão	superfície do artigo: nº de colunas: **1** presença/ausência na 1º página do jornal: **presença-telegram** aspetos tipográficos: fotos ou ilustração:

6147	29/10/1918	3º ,4º e 5º coluna	1/4	o papel da mulher na guerra	guerra como impulsionadora da emancipação feminina; inglesas como percursoras do movimento da mulher ir a guerra; menção a Cruz Vermelha; Women Army Auxiliary Corps contava com 20mil mulheres na guerra; Women Police; a história para fazer o reconhecimento destas mulheres	Oscar Correia	inglezas- cruz vermelha- combate- emancipação	superfície do artigo: nº de colunas: **3** presença/ausência na 1º página do jornal: **presença** aspetos tipográficos: fotos ou ilustração:
6168	27/11/1918	1º coluna	1/4	As mulheres allemãs querem assegurar a subsistencia da familia	problema do trabalho; mulheres dispostas a não abandonar os postos de trabalhos; garantia de subsistencia; a grande maioria das mulheres que protestam, são conductoras de bondes, automoveis, caminhoes e empregadas ferroviarias	não consta- telegram	trabalho- allemãs	superfície do artigo: nº de colunas: **1** presença/ausência na 1º página do jornal: **presente** aspetos tipográficos: fotos ou ilustração:
9801	10/05/1918	3º coluna	1/4	Na europa, actualmente só se fala em milhões	número de mulheres empregadas na Inglaterra nos trabalhos agricolas: 2 milhões	não consta	agrícola-números	superfície do artigo: nº de colunas: **1** presença/ausência na 1º página do jornal: **presença** aspetos tipográficos: fotos ou ilustração:

5439A	04/07/1916	6º coluna	1/4	Por causa d'ellas	explanação sobre os lugares que a mulher vem ocupando e comparação a função de cuidar da casa	Mario Serrato	trabalho- fábricas- capitã- cuidado da casa	superfície do artigo:- nº de colunas: **1** presença/ausência na 1º página do jornal: **presença**
5844A	02/11/1917	3º coluna	1/4	Em caminho da Guerra	a entrada do Brasil para a Guerra	Souza Moraes	Brasil- convocação	superfície do artigo: nº de colunas: **1** presença/ausência na 1º página do jornal: **presença** aspetos tipográficos: fotos ou ilustração: